BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

A CABRA
Jornal Universitário de Coimbra

Nº97 27 de Maio de 2003 **Quinzenal** **Director:** Emanuel Graça www.aac.uc.pt/cabra **e-mail -** cabra@aac.uc.pt
Produzido pela **Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra** **Distribuição Gratuita**

DOM Dinis

Academia

Queima num local diferente

O presidente da Câmara Municipal de Coimbra anunciou que as Noites do Parque poderão abandonar o Choupalinho, local onde se têm vindo a realizar desde 2000. Trata–se de um projecto a longo prazo, no âmbito do programa Pólis. Terrenos próximos da Ponte do Açude são o novo espaço apontado

PÁGINA 7

Internacional

Ofensiva militar em Aceh

O exército indonésio empreendeu na semana passada a maior movimentação de tropas desde a invasão de Timor Leste. O alvo é a província de Aceh, na ilha de Sumatra, onde o Movimento Aceh Livre luta pela independência. A Indonésia procura manter a unidade territorial, mas a acção provocou já um caos humanitário

PÁGINA 11

Centrais

Europa dos 25

Já no próximo ano ocorre o quinto alargamento da UE. Foram dez os países que assinaram no passado mês de Abril, em Atenas, o tratado de adesão, no maior alargamento da história da Europa. A integração dos novos Estados–membros acarreta importantes consequências económicas para Portugal

PÁGINAS 12 E 13

Desporto

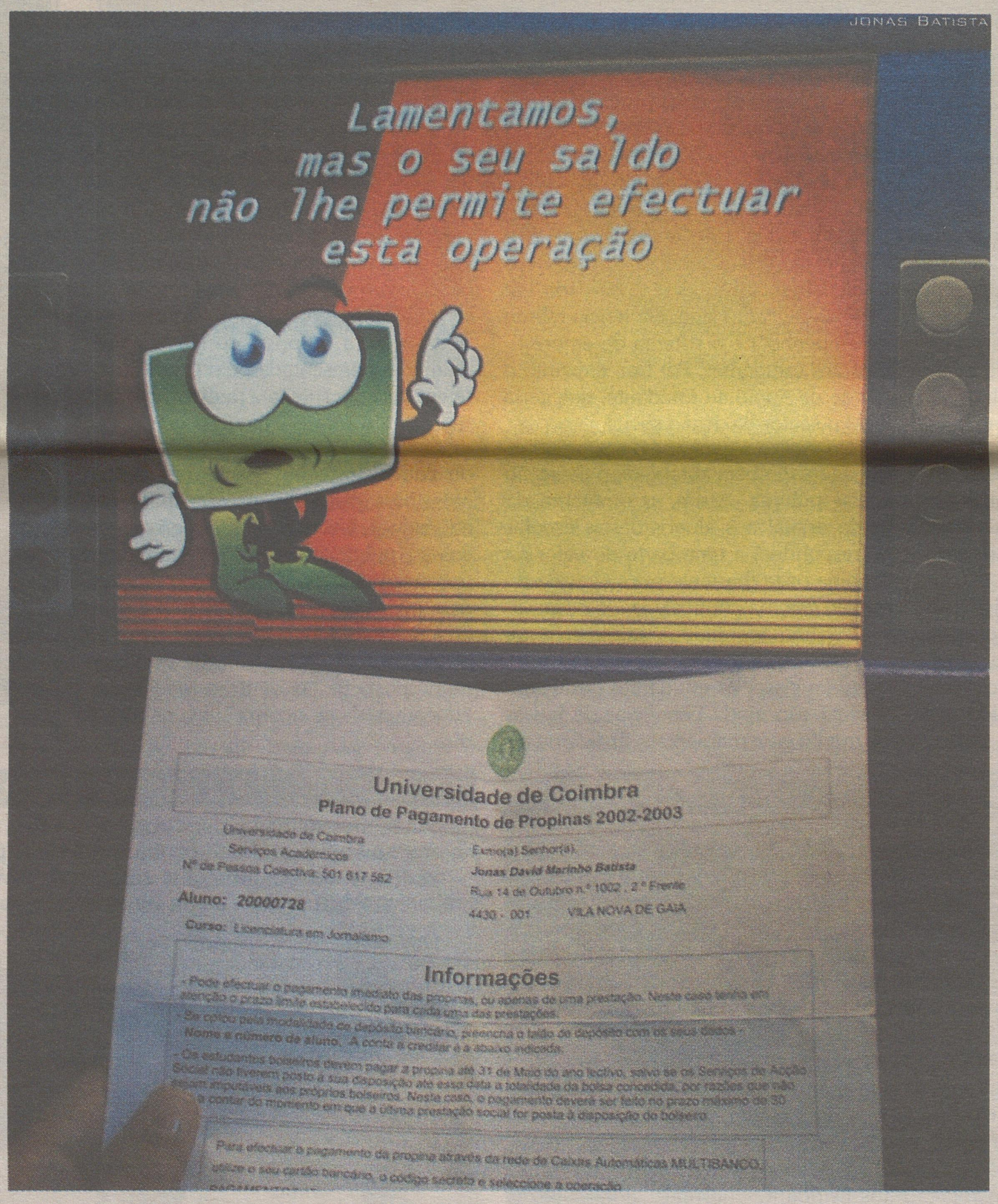
José Viterbo em entrevista

Apesar da vitória sobre o Varzim, a permanência da Académica na Superliga continua a ser uma meta difícil. A descida implica a extinção da equipa B, que teve nesta época um bom desempenho. O treinador da equipa secundária fala da situação e mostra–se confiante num futuro que permanece incerto

PÁGINA 16

Proposta de lei de Financiamento

PROPINAS AUMENTAM



O aumento de propinas para todos os alunos do ensino superior e o sistema de prescrições são algumas das medidas propostas pelo Governo que os estudantes consideram insustentáveis para o futuro da educação em Portugal. O anteprojecto de Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior foi aprovado em Conselho de Ministros e já seguiu para a Assembleia da República, onde dará entrada directa para a Comissão de Educação. Em resposta, os estudantes pretendem definir estratégias de contestação para o próximo ano lectivo, garantindo que a partir deste momento está aberta uma "guerra total" ao ministro da tutela

PÁGINAS 2 E 3

"Durante anos e anos escrevi para o boneco"

Entrevista a Eduardo Lourenço



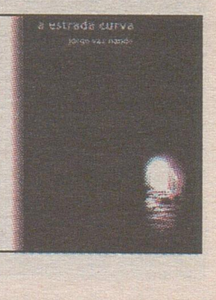
No dia em que comemorou oito décadas de existência, o filósofo, ensaísta e pensador Eduardo Lourenço esteve em Coimbra, a propósito do lançamento do livro "Tempos de Eduardo Lourenço: uma Fotobiografia", da autoria de Manuela Cruzeiro e Maria Manuel Baptista. Incapaz de dizer que "não" a uma conversa, o homem que "pensa, como as aves voam", fala da sua época de estudante de Coimbra, do actual estado do país, da solidão e da duplicidade latente do pensar e ser pensado. E revela também o seu grande desejo: "sobrevoar a morte"

PÁGINAS 18 E 19

Superior em greve

Na quinta–feira, um pouco por todo o país, os alunos do ensino superior faltaram às aulas como forma de contestação às alterações propostas pelo Governo para o sector. A adesão não foi total, mas tanto as academias de Coimbra como a do Porto fazem um balanço positivo. Novos protestos estão na forja

PÁGINA 6

A ESTRADA CURVA
Agora em livro, as crónicas publicadas n'A CABRA
À venda na livraria da AAC e Secção de Jornalismo


Propina mínima aumenta para 463,5 euros

O Ministério da Ciência e Ensino Superior (MCES) já apresentou a sua proposta de lei para o financiamento do ensino superior. O aumento das propinas para todos os alunos e as prescrições são algumas das novidades

TIAGO AZEVEDO
EMANUEL GRAÇA

Após ter decidido que o montante das propinas seria definido segundo um intervalo proposto na lei, o ministro da Ciência e Ensino Superior, Pedro Lynce, apresentou o valor mínimo que os estudantes terão de pagar anualmente: 463,5 euros. Na prática, esta soma representa um aumento de 30 por cento em relação à propina actual. Trata–se de uma das principais alterações previstas no anteprojecto de Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior apresentado pelo MCES e entregue no Parlamento na sexta–feira.

Segundo a proposta governamental, cabe às universidades e politécnicos públicos fixar o montante da propina que mais se adequa à sua realidade, entre um intervalo de valores que vai dos 463,5 euros aos 770 euros. No caso das instituições não definirem esse montante, o ministério assume que corresponde ao limite mínimo, que é indexado ao salário minímo nacional e equivale a 1,3 desse valor (actualmente a correspondência é directa).

Ao contrário do inicialmente anunciado, este novo regime de propinas vai englobar todos os estudantes e não apenas aqueles que ingressem no ensino superior após a aprovação da lei. Para os caloteiros, estão reservados castigos como a anulação da matrícula e a cobrança de juros acrescidos aos montantes em dívida. No caso particular dos estudantes internacionais, fica definido que estes vão pagar uma propina, correspondente ao valor médio do custo real do curso, a ser ainda regulamentada.

Outra das novidades é a possibilidade das instituições poderem aplicar propinas diferentes consoante os cursos - na óptica de Pedro Lynce, a propina funciona como uma taxa referente a um serviço público pelo que é justo que o valor cobrado varie em função da natureza e qualidade dos serviços prestados.

Acção social e ensino privado

Apesar do agravamento previsto da comparticipação das famílias no financiamento do ensino superior, o MCES garante que, através da acção social, nenhum aluno deixará de frequentar o ensino superior por falta de condições monetárias. Deste modo, o anteprojecto prevê o alargamento do apoio aos estudantes carenciados para todo o ensino superior. De resto, o conceito de acção social passa a estar também ligado ao aproveitamento escolar e não apenas à situação socio–económica do aluno, algo que será legislado posteriormente. Também a legislar posteriormente é a fórmula de financiamento dos serviços de acção social (que será baseada em critérios de "equidade, eficiência e bom desempenho") e o sistema de empréstimos aos estudantes. Por fim, é extinto o Fundo de Apoio ao Estudante, que geria todo o sector da acção social.

Quem fica a ganhar é o ensino privado, agora também abrangido pela acção social pública. Assim, o montante da ajuda estatal aos alunos destas escolas corresponderá a uma parte do valor da propina paga (bastante mais elevada do que no sistema público), sendo o seu valor máximo acordado anualmente entre ministério e instituições.

Além disso, os estudantes deste subsistema vão ainda beneficiar de bolsas de mérito governamentais, anteriormente exclusivas ao ensino público. Àqueles que demonstrem um percurso curricular excepcional, o Estado paga–lhes o valor da propina quase na totalidade, através da dedução do valor máximo da correspondente taxa de frequência no ensino superior público.

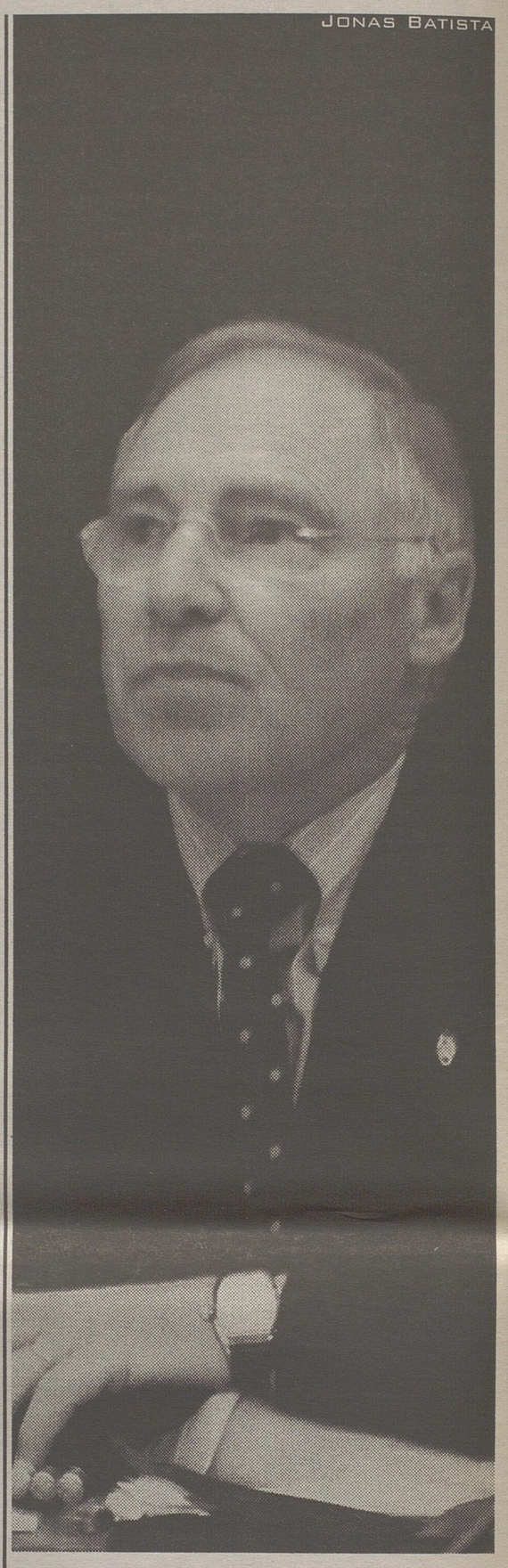
E o financiamento das instituições?

No que toca à nova fórmula de financiamento das universidades e politécnicos públicos, igualmente a legislar, apenas se sabe que incluirá critérios como indicadores de "eficiência pedagógica dos cursos", "eficiência científica dos cursos de mestrado e doutoramento" e "eficiência de gestão". Além destes, entram também em jogo "critérios de qualidade" e a relação entre o número de docentes, funcionários e alunos.

No entanto, além do financiamento governamental, pretende–se que as instituições procurem receitas próprias no sector privado. Da parte estatal, mantêm–se os actuais contratos–programa de desenvolvimento como formas de incentivar a melhoria de qualidade, a criação de novos estabelecimentos de ensino ou até o encerramento dos cursos.

Após a sua entrada no Parlamento na sexta–feira, a proposta de lei do financiamento apresentada pelo Governo está então agora sujeita a ratificação parlamentar. No entanto, invulgarmente, este *anteprojecto desce primeiro à Comissão* de Educação, onde estará durante um mês, para discussão com os parceiros educativos. Entretanto o período de discussão pública das leis de autonomia universitária e politécnica foi alargada para mais dois meses (o seu término estava previsto para o passado dia 18). Já a aprovação em Conselho de Ministros da proposta da Lei de Bases do Sistema Educativo deve ocorrer nos próximos dias.

JONAS BATISTA



Pedro Lynce apresenta propostas

Chumbos podem levar à expulsão

A proposta de lei apresentada por Pedro Lynce na passada sexta-feira prevê a obrigatoriedade da criação de um sistema de prescrições em todas as instituições do ensino superior. Desta forma, as universidades e politécnicos públicos têm de definir para o seu caso particular o número limite de anos de frequência para a conclusão de cada um dos cursos leccionados. Se tal não acontecer, ou se os prazos estipulados não forem respeitados pelas instituições, estas serão penalizadas através de diminuições no seu financiamento público.

Assim, no anteprojecto de lei apresentado por Pedro Lynce, sugere–se a adopção da expulsão em situações em que o aluno reprove mais de duas vezes numa licenciatura de quatro anos. No caso de cursos de cinco anos, o máximo de reprovações indicado pelo Governo é de três. As excepções a este regime referem–se apenas aos trabalhadores–estudantes, que usufruem do dobro de reprovações permitidas em relação aos estudantes normais: quatro vezes no caso de licenciaturas de quatro anos e seis vezes no caso de cursos de cinco anos. De referir ainda que os chumbos anteriores à entrada em vigor do diploma não são contabilizados.

Segundo o Ministério da Ciência e Ensino Superior, com a aplicação das prescrições, o Governo pretende combater o insucesso escolar, exigindo aos estudantes mais "esforço, exigência e aproveitamento escolar". Por outro lado, pretende–se também evitar que os alunos se "eternizem" na universidade, impedindo outros estudantes de aceder ao ensino superior e prejudicando os cofres do Estado.

De recordar que outra das medidas que Pedro Lynce inicialmente avançava para combater o insucesso escolar era a penalização financeira (através de um aumento da propina) dos estudantes que reprovassem a mais de metade das cadeiras. No entanto, acabou por ficar de fora do anteprojecto de lei apresentado. De resto, com o mesmo objectivo, já existe na actual lei o estatuto de estudante elegível que, no entanto, nunca foi regulamentado.

Propinas na Europa

Apenas metade dos países europeus cobra propinas aos alunos inscritos no ensino superior. Em Espanha o valor das propinas situa-se entre os 480 e os 850 euros, um montante ainda mais elevado do que o proposto pelo ministro Pedro Lynce. Já na Dinamarca e no Luxemburgo, nada é cobrado.



Portugal: actualmente a propina é equivalente ao salário mínimo: €356,60. O ministro pretende delegar às instituições a responsabilidade de fixar a propina, entre os 460 e os 770 euros anuais

Alemanha: apenas algumas regiões cobram uma taxa de inscrição

Áustria: só os alunos estrangeiros é que pagam

Bélgica: o valor cobrado é irrisório

França: propina paga no acto da matrícula e fixada em cada ano pelo Governo

Finlândia e Suécia: não há propinas

Grécia: propinas pagas pelo Estado

Holanda: ao aumento da propina seguiu-se maior apoio a alunos desfavorecidos

Itália: Estado fixa limites e instituições decidem em função do rendimento familiar

Irlanda: não há propinas

Reino Unido: em Inglaterra a propina máxima vai-se fixar nos 1607 euros; na Escócia não há propinas

Graphic News / A CABRA

Anteprojecto de Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior apresentado

Parceiros educativos pedem mais tempo

Após a aprovação em Conselho de Ministros e entrada no Parlamento do anteprojecto para o financiamento do ensino superior, muitas são as vozes que se levantam contra as medidas apresentadas pelo ministro da Ciência e do Ensino Superior, Pedro Lynce

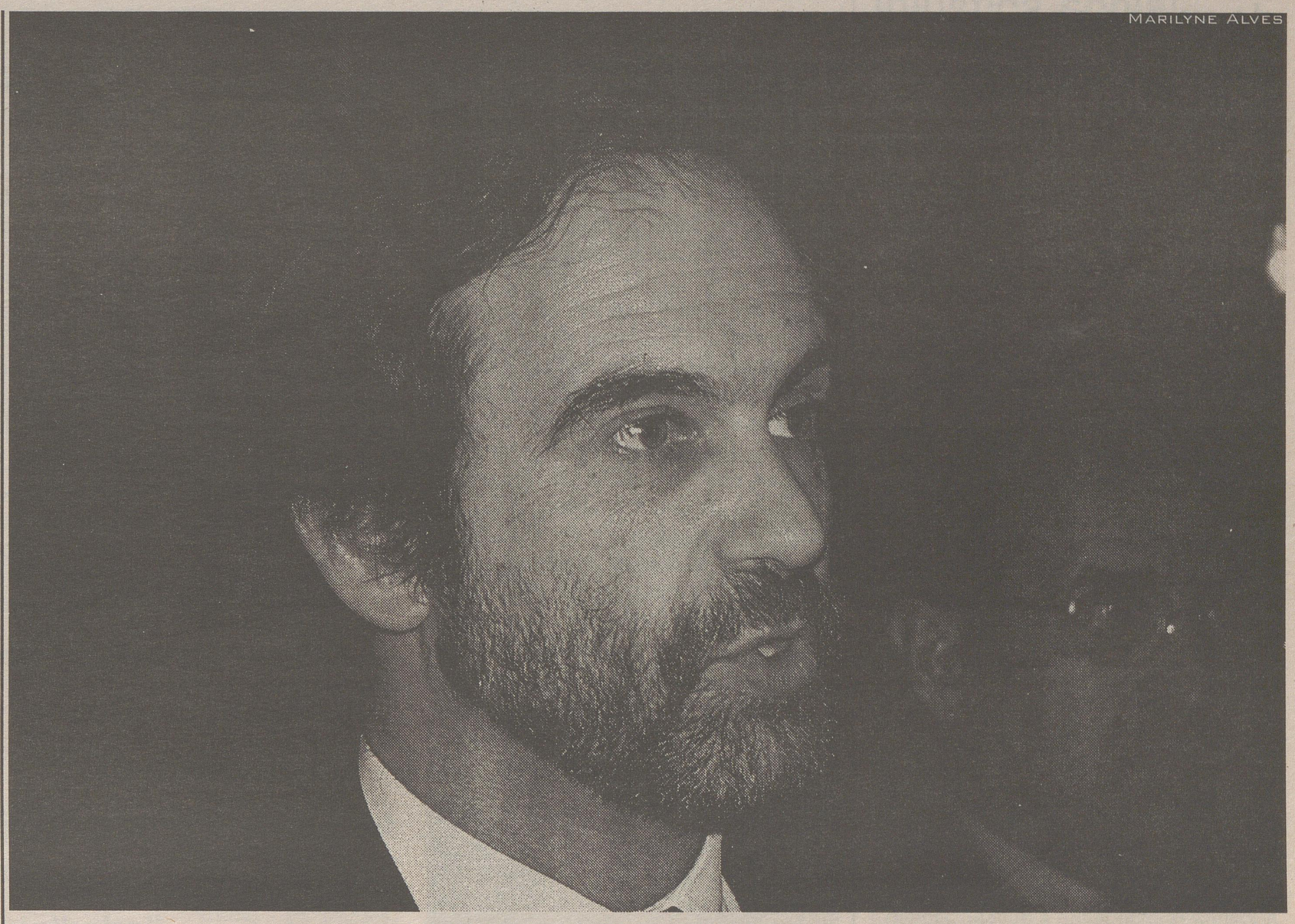
Desde a não concordância com a proposta apresentada até à opinião de que o prazo de discussão deveria ser alargado, várias são as falhas apontadas à forma como Pedro Lynce levou a cabo o processo que culminou na apresentação do anteprojecto para o financiamento do ensino superior. No entanto, a principal crítica vai para o facto de o ministro não ouvir os parceiros educativos.

Entre os principais críticos está o Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP). Segundo um parecer apresentado recentemente, o prazo de discussão pública sobre todas as temáticas devia ter sido alargado até dia 31 de Outubro. Este documento critica a acção do ministério da tutela, afirmando que a metodologia seguida tem privilegiado a análise "casuística dos vários aspectos do ensino superior" não explicando, no essencial, o desenvolvimento deste sistema de ensino.

No que se refere ao financiamento das instituições, o documento apresentado pelo CRUP salienta que o "financiamento não se pode dissociar da organização e estrutura dos ciclos do ensino superior", não se limitando a fórmula de financiamento ao primeiro ciclo de estudos. O estabelecimento de um orçamento padrão deve ser mantido, tendo em conta as necessidades de cada instituição e sem o garante das propinas, que devem ser consideradas uma "taxa de frequência" e devem ser um acréscimo ao valor padrão transferido para cada estabelecimento. Os reitores salientam que a soma referente à propina deve ser estabelecida pelo Estado, uma vez que o "montante deriva do conceito político do processo de acesso ao ensino superior".

O último ponto focado é a questão das prescrições que, segundo o documento, deve ser analisada no âmbito da "responsabilidade social dos estudantes face a um sistema de acesso e frequência do ensino superior", considerando, no entanto, uma "injustiça social o abuso de permanência no sistema sem progresso no percurso académico".

Outras "notas gerais" apresentadas ao ministério pela Universidade de Coimbra (UC) sublinham o facto de, nesta fase do processo, se estar à espera de "ideias claras". O documento acrescenta ainda que não é possível fazer uma apreciação sobre o novo regime "porque não se sabe nada sobre ele". Contudo, considera positivo que o documento orientador do ministério afirme o compromisso de aumentar o investimento estatal por estudante e que mantenha o princípio de calcular o financiamento com base numa fórmula "que poderá ser melhorada". A UC continua a defender a posição das instituições que funcionam em edifícios antigos e que, devido a essa situação, necessitam de maiores verbas de manutenção e investimento.



MARILYNE ALVES

Seabra Santos lamenta que as universidades não tenham conhecimento do anteprojecto

O documento da reitoria da UC considera que o aumento das propinas não é o "caminho correcto para a resolução dos problemas do financiamento" e salienta também que deve ser o Governo a estipular o valor, mesmo que diferente "conforme a natureza dos cursos". Para a problemática do aproveitamento insuficiente, defende-se a criação de um "adequado regime de prescrições" que não seja o crescente aumento das propinas. Contactado pelo jornal A CABRA, o reitor da UC, Seabra Santos, considera "prematuro falar sobre pressupostos", mas lamenta que até este momento o ministro não "tenha fornecido o anteprojecto de lei referente ao financiamento das universidades".

Posição dos estudantes

Do lado dos estudantes, o tom das críticas aumenta. A proposta de alteração que deu entrada na Assembleia da República (AR) é, segundo a Associação Académica de Lisboa, um agravar da "desresponsabilização do Estado relativamente ao ensino superior" pois é um "aumento dos impostos indirectos". Esta associação considera que os estudantes são "vítimas da falta de condições ao nível das infra-estruturas, da preparação pedagógica dos docentes e das políticas educativas seguidas por sucessivos governos", assumindo-se contra a "exigência de qualidade aos estudantes sem que exista qualidade de ensino nas instituições". Criticam ainda o facto de não se saber como vão ser concretizadas as medidas de alteração, pois consideram que a proposta é muito teórica e não especifica os métodos a utilizar.

Já o presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), Victor Hugo Salgado, não se mostra surpreendido, pois já se tinha "conhecimento de grande parte das medidas". Quanto ao aumento das propinas para todos os estudantes do ensino superior, Victor Hugo Salgado considera que os anteriores moldes (aumento apenas para os recém-chegados) seria "inconstitucional, já que estaria a distinguir alunos que estão na mesma instituição". Mas a questão mais importante para este dirigente associativo é a questão dos "estudantes não terem sido ouvidos" no que classifica como uma "violação da lei de associativismo estudantil". A necessidade de "aprovar este pacote legislativo à pressa é para que os estudantes já tenham o destino vinculado quando chegarem às instituições", afirma o representante da DG/AAC.

Para o presidente da Federação Académica do Porto (FAP), Nuno Mendes, *o factor mais surpreendente é o valor* mínimo da propina, que "afinal não é um salário mínimo nacional, mas sim 1,3 vezes esse valor". Segundo Nuno Mendes, estas medidas lesam todo o país porque "se está a impedir o acesso à frequência do ensino superior". Na questão da acção social, o presidente da FAP não acredita no aumento pois o "plano de estabilidade e crescimento que foi aprovado, na AR, prevê um crescimento zero no investimento para o ensino superior". Da mesma opinião é o presidente da Federação Nacional das Associações de Estudantes do Ensino Superior Politécnico, Miguel Coelho, que considera que a "metodologia que todo este processo tem seguido demonstra que o ministro enganou os estudantes". Miguel Coelho acrescenta ainda que o desenrolar dos acontecimentos está a ser apressado, o que demonstra que a "discussão pública não existiu" e, como tal, "todos os prazos de discussão deviam ser alargados".

ENDA de decisões

As associações de estudantes pretendem reunir-se num Encontro Nacional de Direcções Associativas (ENDA), a realizar no próximo fim-de-semana, em Lisboa. Segundo o presidente da DG/AAC, Victor Hugo Salgado, Coimbra pretende levar algumas posições "para marcar desde já este período". De acordo com o dirigente estudantil, a necessidade deste ENDA surge também devido às propostas saídas do Plenário Nacional dos Estudantes do Ensino Superior, que precisam de ser discutidas em reunião plenária. No entanto, reafirma que se vai continuar a fazer o abaixo-assinado a pedir a demissão do ministro.

Para Nuno Mendes, presidente da FAP, deve ser feito "tudo o que está ao alcance" dos estudantes. Segundo o dirigente, deve ser aplicado o "direito à resistência de modo a evitar que o Governo, que neste caso é a autoridade, lese gravemente os direitos" dos estudantes. O direito à resistência "previsto no artigo 21º da Constituição da República Portuguesa, consagra aos cidadãos o direito de desobedecerem a ordens da autoridade caso constituam uma lesão grave dos seus direitos". Por fim, Nuno Mendes vai ainda mais longe, afirmando que o "início do próximo ano lectivo tem de ser de guerra total a esta lei de financiamento".

OPINIÃO

EDITORIAL EMANUEL GRAÇA

Silêncios de mudança

Finalmente o anteprojecto de Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior foi apresentado. Ou melhor, foi ventilado entre dentes: o Ministério da Ciência e do Ensino Superior não o disponibilizou online, não foi divulgado oficialmente, não foi enviado aos vários parceiros educativos... enfim, foi pura e simplesmente escondido dos reais interessados.

No entanto, a campanha de desinformação não terminou por aqui. Para um Governo que afirma ser essencial a participação dos cidadãos na vida cívica, foi bastante "sui generis" o caminho percorrido para se chegar à proposta que deu entrada na passada sexta–feira na Assembleia da República. Senão vejamos: Pedro Lynce não tomou em conta as posições estudantis, relegou para segundo plano os documentos elaborados pelo Conselho de Reitores e menosprezou as apreciações do Conselho Nacional de Avaliação do Ensino Superior. O mais ridículo nisto é que, pontualmente, todas estas contribuições possuíam vários pontos em comum, muitos dos quais contrariando várias medidas que num futuro breve poderão fazer parte do dia–a–dia de estudantes e professores, caso a proposta de Lynce seja aprovada. O caricato da situação até poderia levar a dizer que, numa situação "in extremis", perante tão flagrante desinteresse em ouvir e incluir as opiniões dos parceiros nas suas propostas de lei, o único tipo de participação cívica activa que

"A caixa registadora do ministério entrou em actividade"

parece realmente chegar junto das mentes iluminadas dos nossos políticos é a do tipo que ocorreu recentemente em Felgueiras...

Polémicas à parte, o certo é que o impensável aconteceu. A aposta do ministério em apoiar financeiramente o ensino privado é mesmo para avançar. É, no mínimo, risível. Embora seja, em última instância, justo apoiar o percurso universitário de todos os estudantes do ensino superior, independentemente do subsistema que frequentem, como é possível o Governo propôr–se a subsidiar o ensino privado quando ainda não conseguiu resolver os graves problemas financeiros que afectam a vertente pública, essa sim sob a sua directa alçada e responsabilidade?! Mais, como pode Pedro Lynce auspiciar auxiliar instituições de ensino privadas que têm como objectivo maximizar o lucro em função do número de alunos e esquecer–se que tem sob a sua tutela instituições degradadas, sem condições pedagógicas, com um sistema de acção social claramente insuficiente e funcionários com os salários congelados?!

Quando Durão Barroso venceu as últimas legislativas muitos avisaram que era o fim do ensino social. O então candidato sempre negou essa sua veia privatizadora e empresarialista dos bens públicos. No entanto, um ano volvido, as certezas nesse campo são já poucas. Diz o povo que tudo tem um preço. E parece que Pedro Lynce já definiu o do ensino superior. A caixa registadora do ministério entrou em actividade.

"Andámos a perder muito tempo"

HELOÍSA APOLÓNIA*

A inventariação de resíduos industriais, que foi agora feita, demonstra que não havia um estudo credível sobre a quantidade de resíduos industriais produzidos em Portugal, mas apenas um conjunto de estimativas que apresentavam, de resto, valores muito diferentes entre si. E demonstra ainda que valeu a pena lutar contra a incineração dedicada, primeiro, e depois contra a co–incineração, porque a queima de resíduos não é uma solução desejável e há outras formas de tratamento possíveis para os resíduos que se produzem em Portugal.

Mas esta inventariação demonstra ainda que andámos a perder muito tempo, porque a quantidade de resíduos industriais produzidos aumenta anualmente de uma forma muito significativa e o passivo que temos a tratar vai–se acumulando de dia para dia, de forma descontrolada, constituindo uma ameaça à contaminação de solos e aquíferos. Há, por isso, que não perder mais tempo... haja vontade política nesse sentido.

Justamente por isso é preciso que o Governo preste informações sobre um conjunto de matérias que importa ver esclarecidas: sendo a redução de resíduos industriais uma matéria fulcral na política de gestão de resíduos, que contratos–programa, que tipo de medidas fiscais estão programadas para incentivar a redução de produção de resíduos, bem como a opção por formas de produção mais amigas do ambiente? E relativamente ao passivo ambiental existente (das lamas de Sines, passando pela Siderurgia Nacional, até Estarreja, até às farinhas de aves e bovinos armazenados pelo país fora) que medidas estão programadas para a resolução do problema que constituem esses locais de acumulação de resíduos?

Mas há outras questões que importa ver esclarecidas. É que ainda nem o inventário de resíduos industriais estava pronto e já o ministro das Cidades, Ordenamento do Território e Ambiente dizia que eram necessários dois aterros para resíduos industriais perigosos em Portugal, para não criar nenhuma espécie de monopólio. Afinal, o que é que determinou a necessidade de dois Centros Integrados de Tratamento de Resíduos Industriais? Foi o estudo feito ou foi uma decisão previamente tomada sem ter em conta as necessidades de tratamento de resíduos no país? Por outro lado, importa obviamente ter em conta as possibilidades de localização desses Centros Integrados e os critérios que vão presidir à selecção dos locais. E importa, desde já, deixar claro que seria inadmissível assistir ao condicionamento da passagem de determinadas freguesias a

"Não havia um estudo credível sobre a quantidade de resíduos industriais produzidos em Portugal, apenas um conjunto de estimativas"

concelho, à aceitação da instalação nessa freguesia de um Centro Integrado, tal como foi já anunciado nalguns órgãos de comunicação social - se assim fosse perceberíamos que não são os critérios de qualidade ambiental e de defesa da saúde pública que estão em causa!

Mas há aqui outra questão que importa levantar. Se é de saudar a decisão do Governo de não optar nem pela co–incineração nem pela incineração dedicada de resíduos industriais, já não se percebe por que é que simultaneamente este Governo está a permitir a instalação de uma incineradora para resíduos sólidos urbanos (RSU) para servir a zona centro (a instalar em Anadia), contrariando o Plano Estratégico de Resíduos Sólidos Urbanos (PERSU) que determina que só haverá incineração de RSU na Valorsul e na Lipor e que determina, ainda, que as operações de incineração devem diminuir gradualmente. Ora, o que se tem verificado é o contrário: quer na Valorsul, quer na Lipor a quantidade de lixo incinerado tem aumentado, e agora o Governo ainda permite a instalação de uma nova incineradora na zona centro? Isto não faz qualquer sentido!

Esta opção de uma nova incineradora para RSU virá dar resposta à situação em que se encontram hoje os aterros em Portugal? Os aterros que tinham sido programados para durarem 15 ou mais anos, ao fim de quatro e cinco anos estão a esgotar a sua capacidade de acondicionamento de resíduos. Nada para que "Os Verdes" e outros movimentos não tivessem alertado com grande preocupação! Mas o que é que falhou? Sobretudo uma aposta na redução, que não tem efeitos imediatos, mas se tivesse já sido aplicada começaria a ter agora resultados visíveis. Mas falhou também a aposta na reciclagem, basta olhar para a directiva embalagens e ver como a sua violação tem sido evidente, basta olhar para o PERSU e ver como os prazos e metas de reciclagem apontados estão violados. Ora se é este o problema, o Governo em vez de o enfrentar e caminhar então no sentido certo (forte aposta na redução e na reciclagem), vai pelo caminho mais fácil, mas mais preocupante em termos ambientais e de saúde pública: uma nova incineradora.

O facto de o Governo ter desistido da queima de resíduos industrias, mas procurar simultaneamente incrementar a queima de resíduos sólidos urbanos, não demonstra nem coerência, nem convicção.

E a verdade é que a defesa do ambiente só se faz com base em grandes convicções!!

*Deputada do Grupo Parlamentar "Os Verdes"



O Funeral de Deus

FAUSTO CRUCHINHO *

João César Monteiro é o melhor cineasta da sua geração: o mais culto, o mais lúcido, o mais livre, o mais sério.

Na crítica de cinema, onde iniciou a sua actividade, foi implacável na denúncia da imbecilidade e do oportunismo no cinema português, prática continuada ao longo dos anos em relação a todos os poderes públicos e privados.

Como cineasta, foi o que mais longe levou a linguagem das imagens e dos sons, estabelecendo uma modernidade sagrada, próxima das linguagens da cena, da música e da poesia, longe dos paradigmas audiovisuais em vigor no cinema português oficial.

Foi ainda o cineasta João César Monteiro quem melhor compreendeu o cinema de Manoel de Oliveira, de resto acontecendo também o inverso: a sua defesa de "O passado e o presente" de Oliveira não tem paralelo em nenhum outro momento da história; a defesa que Oliveira fez de "Branca de neve" é um dos raros momentos de sincera homenagem de um cineasta a outro.

Finalmente, o seu cinema não fala de outra coisa que não seja de Portugal, a "piolheira" no dizer de João de Deus. O silêncio que se abateu sobre a sua morte só vem dar razão ao seu alter ego.

Ora, o Senhor Branco, intrépido mestre de cerimónias da indústria francesa, vem agora fazer o papel de espírita do defunto Monteiro. É vê–lo nos programas pimba do fascismo televisivo botar discurso sobre o génio que ele diz ter protegido.

O conhecido Multibranco não é autor de nada a não ser da célebre trilogia de amores pessoais: cavalos, mulheres e filmes, por esta ordem. Vai daí, carreou o "Vai e Vem" para gáudio dos imbecis franceses, seus serventuários (vulgo Cahiers du Cinéma, quando os amores de Monteiro iam para Serge Daney da Trafic), os mesmos franceses que expulsaram Monteiro de um festival de disparates cinematográficos..

Esquece o Senhor Branco que os filmes do Mestre foram pagos com o meu dinheiro e com o dinheiro de quem me está a ler e que ele só arrecada a finança. Estamos todos no direito de protestar contra este abuso de confiança, para mais sabendo quantos projectos de Monteiro deixou o Nosso Senhor De Branco pelo caminho (como o sadiano "Filosofia de Alcova", retrato fiel dos parlapatões do nosso tempo).

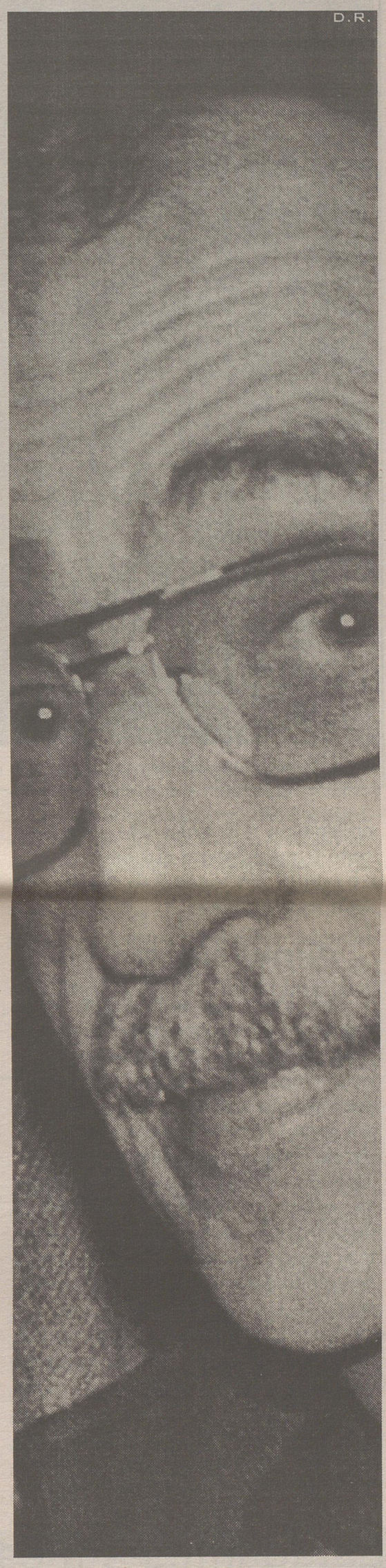
Quem autorizou o Senhor dito Branco a levar o filme a França, quando foi sempre a Itália que amou o Mestre e que ele amava? Os poderes oficiais com certeza participam babadamente no engodo, do alto da sua ignorância, bem demonstrada aquando do anterior filme de Monteiro, enquanto recusam financiamento (e os filmes) à única montra internacional do cinema português, para mais realizada em território nacional, vulgo Caminhos do Cinema Português, sem as lantejoulas e as passarelas das tontas de silicone.

> **"O seu cinema não fala de outra coisa que não seja de Portugal, a "piolheira" no dizer de João de Deus. O silêncio que se abateu sobre a sua morte só vem dar razão ao seu alter ego"**

Enquanto isto se passa debaixo das nossas barbas, o muito auto–homenageado campeão equestre vai rebuscando no baú do defunto em busca de secretos e escandalosos rolos de filme, a fim de roubar a posse ao domínio público. Esperamos pelas obras completas e inéditas do Mestre, com o patrocínio dos conglomerados da finança francesa. É assim que a fraqueza imita a força.

Deste modo, é a segunda morte de João César Monteiro, com o cadáver ainda quente.

*Especialista em cinema português e docente na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra


D.R.

A METAMORFOSE
GUSTAVO SAMPAIO

Modelo político de injustiça social

Os despedimentos de trabalhadores e a falência de diversas empresas nos últimos meses evidenciam a inépcia e o anacronismo do actual modelo de desenvolvimento económico português, baseado numa mão–de–obra barata e precária que começa a perder rentabilidade perante o alargamento da União Europeia a leste, onde o nível de vida é ainda mais baixo. As empresas estão a mobilizar os seus negócios para estes países em busca de uma classe operária mais necessitada e mais fácil de explorar. Sejamos sinceros: o objectivo primordial de cada empresa é a obtenção do maior lucro privado possível, independentemente dos meios, tais como despedimentos, deslocalizações, redução ou congelamento dos salários, más condições de trabalho ou empregos mal pagos, flexibilizados, deslocalizados e precários. É a lei do ultraliberalismo, ou da competitividade, que Viviane Forrester tão bem desmonta em "Uma estranha ditadura - a opressão ultraliberal", referindo–se a um "sistema que assenta num dogma obsoleto segundo o qual o emprego depende do lucro, da rentabilidade das empresas e do crescimento". As empresas beneficiam de incentivos fiscais e outras benesses estatais, exploram os trabalhadores, retiram o maior lucro possível dos negócios e depois, quando a rentabilidade começa a esgotar, despedem o maior número possível de pessoas ou empreendem falências fraudulentas e fogem do país com os bolsos cheios, deixando para trás famílias inteiras na miséria. Afinal "o que é a economia?", questiona Forrester. "A organização, a distribuição da produção em função das populações, do seu bem–estar? Ou a utilização ou a marginalização das populações em função de flutuações financeiras anárquicas, sem ligação com as pessoas, mas exclusivamente ligadas ao lucro, e em detrimento delas? Estaremos numa verdadeira economia ou, pelo contrário, na sua negação?"

> "Inverter este modelo de desenvolvimento que caminha para um colapso social"

Por isso entendo ser necessário inverter este modelo de desenvolvimento que caminha para um colapso social. Nunca a diferenciação social e consequente desigualdade de meios e oportunidades me pareceu tão profunda. Mesmo em tempo de crise e de suposta contenção financeira, as viagens turísticas continuam em alta, os carros de luxo vendem–se fluidamente e toda uma alta classe empresarial pavoneia–se por continuar a viver bem, enquanto grande parte da população vive na pobreza. Julgo ser essencial apoiar e investir nos sistemas públicos de educação e de saúde, qualificando o trabalho e melhorando o nível de vida da população, fomentar uma maior justiça social, redistribuindo a riqueza e assegurar o pleno emprego, com boas condições e salvaguardando os direitos dos trabalhadores. O novo pacote legislativo laboral, as medidas preconizadas para o ensino superior público ou a tendência para a privatização no sector da saúde tomam portanto o caminho errado...

Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA Depósito Legal nº 183245/02 **Registo ICS** nº 116759
Ficha Técnica: Director: Emanuel Graça **Chefe de Redacção:** João Pereira **Editor de Fotografia:** Jorge Nande **Editor de Academia e Universidade:** Tiago Azevedo **Editor de Cidade, Nacional e Internacional:** Mário Guerreiro **Editor de Desporto:** João Cortesão **Editor de Cultura:** João Vasco **Secretária de Redacção:** Liliana Guimarães **Paginação:** Emanuel Graça **Redacção:** Aida Lima, Ana Oliveira, Carina Valério, Cecília Santos, Claúdia Rodrigues, Cristina Bastos, Daniela Pereira, Diana Ramos, Edgar Caetano, Guilherme Oliveira, Gustavo Sampaio, Hugo Ferreira, Joana Fialho, Joana Moreira, João Baía, João Pedro Marques, José Manuel Camacho, Kossaqui, Leila Campos, Luísa Bourbon, Lurdes Lagarto, Manuel Eduardo, Marco Carvalho, Margarida Matos, Maria João Lopes, Marília Frias, Marilyne Alves, Nuno Curado, Nuno Dias, Nuno Felício, Paulo Alexandre Teixeira, Paulo Nuno Vicente, Paula Velho, Pedro Ramos, Pedro Santos, Rita Delille, Rui Caniço, Rui Justiniano, Rui Pestana, Sara Cardoso, Sara Martins, Sérgio Alves, Sílvia Matos, Sofia Carvalho, Sofia Marques, Sónia Nunes, Soraia Letra, Tiago Carvalho, Vânia Correia, Vítor Aires, Vítor Rodrigues e Oliveira **Colaboradores:** Ana Claúdia Cardoso, Andreia Ferreira, António Leitão, Carla Pinto, Claúdia Ferreira, Daniela Rodrigues, Diana Mota, Fátima Pinto, Francisco Simões, Joana Ereio, Joana Montenegro, Liliana Figueiredo, Luís Miguel Silva, Marta Poiares, Paulo Azevedo, Patrícia Lourenço, Patrícia Vic, Pedro Silveira, Rogério Ramos, Sandra Dias, Sofia Nunes, Suzana Marto **Fotografia:** Cláudio Vaz, Francisca Moreira, Jonas Batista, J. M. Lourenço, Marilyne Alves, Silvia Senette **Publicidade:** Joana Moreira 239821554 **Impressão:** CIC - CORAZE, Oliveira de Azeméis, Telefone: 256661460, Fax: 256673861, e-mail: grafica@coraze.com **Tiragem:** 4000 exemplares **Produção:** Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra **Sede:** Rua Padre António Vieira **Telefone/Fax:** 239821554 **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra.

Ensino superior em greve

Faculdades fecham em protesto

Após uma semana de braço de ferro entre a Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra e o reitor da Universidade de Coimbra (UC), a camada estudantil trava mais uma luta face ao pacote legislativo do ensino superior, desta vez a nível nacional

PAULO AZEVEDO
MARGARIDA MATOS
PATRICIA VIC

A contestação da Associação Académica de Coimbra (AAC) na greve nacional dos estudantes do ensino superior, da passada quinta–feira, ficou marcada pela participação do reitor da Universidade de Coimbra, Seabra Santos, no encerramento simbólico a cadeado da Porta Férrea, principal entrada da instituição. No entanto, após uma conferência de imprensa conjunta entre reitor e o presidente da Direcção-Geral da AAC (DG/AAC), Victor Hugo Salgado, as correntes foram retiradas.

Seabra Santos conseguia assim demover os estudantes do uso de cadeados na entrada das faculdades e departamentos, como ocorreu no passado dia 14, aquando da acção de protesto da massa estudantil coimbrã contra a política educativa do Governo e que esteve na origem de uma convulsão entre estudantes e reitor. Na altura, Seabra Santos acusou os estudantes de *procederem de forma "ilegal, inconstitucional e despropositada"*, encerrando à força as instalações da instituição. Contra tal medida, o reitor tentou cortar os cadeados da Porta Férrea e da faculdade de Letras, utilizando o argumento de que "o direito inalienável do recurso à greve" não pode ser pretexto para que docentes e funcionários não cumpram as suas funções, o que criou um ambiente de tensão entre grevistas e Seabra Santos.

Com intenção de evitar novos incidentes, realizou–se na passada quarta-feira uma reunião entre Seabra Santos, os presidentes dos Conselhos Directivos das oitos faculdades e o presidente da DG/AAC, na qual a reitoria demonstrou a solidariedade pelas preocupações dos estudantes, ressalvando, no entanto, que não permitiria o encerramento da universidade de uma forma que excedesse os limites de um acto meramente simbólico. Relativamente a este entendimento entre os estudantes e a reitoria, Seabra Santos referiu ser crucial que a comunidade universitária, no seu conjunto, "esteja unida de forma a responder a este processo complexo de alterações no ensino superior público em Portugal".

Por sua vez, Victor Hugo Salgado disse que "não terá havido" um recuo dos estudantes na forma de protesto, mas antes que se conseguiu "a coesão interna na UC". Assim, como forma de reivindicação, à entrada de cada uma das faculdades e departamentos da instituição, existiam faixas a anunciar a contestação e piquetes para informar estudantes, docentes e funcionários sobre os motivos e a evolução do protesto, tentando dissuadir os colegas que pretendiam ir às aulas. No entanto, o certo é que as portas estiveram abertas e o normal funcionamento da universidade foi garantido.



Reitor solidarizou-se com estudantes na greve contra Pedro Lynce

Greve a nível nacional

Um pouco por todo o país foram muitos os que faltaram às aulas, em protesto face às medidas apresentadas pelo ministro Pedro Lynce. No Porto, a participação terá rondado "os 60 a 70 por cento", informou Nuno Mendes, líder da Federação Académica do Porto. Também em Lisboa se fez sentir a greve, embora a Associação Académica de Lisboa não tenha subscrito a iniciativa, devido à ausência de mobilização de grande parte das associações representadas. Uma das excepções foi a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa onde, segundo a presidente da associação de estudantes, Inês Fernandes, para além das sessões de esclarecimento realizou-se também uma concentração dos estudantes com a presença de professores da instituição e um churrasco à hora de almoço.

A iniciativa decorreu dois dias após a aprovação da Lei do Financiamento do Ensino Superior em Conselho de Ministros. O aumento das propinas, aliado à criação de um regime de prescrições e à diminuição da representatividade dos estudantes nos orgãos de gestão das escolas tem gerado grande contestação por parte dos estudantes. O documento da Lei de Bases do Sistema Educativo seguirá para a Assembleia da República, sendo "fácil a sua aprovação, pela maioria que constitui o governo", considera Victor Hugo Salgado, que tem esperança de que o Presidente da República não ratifique o documento. O dirigente estudantil salienta também que o facto de o ministro da tutela introduzir reformas no sector numa altura em que os estudantes estão em exames dificulta a mobilização para a contestação. Deste modo, a forte insatisfação estudantil face à actual política do Governo, chegará, no seu entender, no início do próximo ano lectivo.

Estudantes à mesa com Sampaio

Os estudantes do ensino superior universitário e politécnico, onde se incluíam representantes de Coimbra, reuniram no passado dia 20 com o Presidente da República, Jorge Sampaio. Os 13 dirigentes associativos presentes na audiência, que decorreu no Palácio de Belém, demonstraram o seu desagrado em relaçao à política educativa apresentada pelo ministro da Ciência e Ensino Superior, Pedro Lynce.

O presidente da Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra, Victor Hugo Salgado, fez um balanço positivo deste encontro, pois, segundo ele, a academia demonstrou a sua posição face ao pacote legislativo "exigindo não só a demissão do ministro Pedro Lynce, mas também uma mudança de estratégia para o sucesso do ensino superior". Victor Hugo Salgado salientou ainda que o ministro da tutela não cumpriu a promessa de ouvir os parceiros, pois "Coimbra não foi ouvida, numa clara violação de um dos princípios do movimento associativo".

Esta iniciativa foi a primeira de uma série de cinco audiências que Jorge Sampaio promove com o objectivo de aprofundar os pontos de vista das diversas entidades educativas.

Novas formas de luta

Estudantes reunidos em plenário aprovam medidas de contestação para o próximo ano lectivo

No mesmo dia da greve nacional de estudantes do ensino superior, quinta-feira, teve também lugar a realização do plenário nacional de estudantes, nos jardins da Associação Académica de Coimbra (AAC). Perante 300 estudantes, as palavras de ordem deste encontro foram a união e o repúdio de todos os subsistemas de ensino face às propostas de reforma, apresentadas pelo ministro da Ciência e Ensino Superior, Pedro Lynce.

Deste modo, em relação ao aumento das propinas, à diminuição da representatividade estudantil nos orgãos de gestão das instituições e à criação de um regime de prescrições, o ensino superior cooperativo e politécnico afirma a sua solidariedade para com este leque de questões que visa atingir o sector. Assim, Miguel Coelho, da Federação Nacional de Associações do Ensino Superior Politécnico, considera estas medidas um "claro ataque ao ensino superior público".

Desta discussão do futuro do ensino superior sairam as linhas orientadoras do movimento estudantil. A AAC apresentou uma moção que foi aprovada pelos alunos e que visa promover uma forte mobilização de estudantes no início do próximo ano lectivo, com a organização de Assembleias Magnas, Reuniões Gerais de Alunos, campanhas nacionais de consciencialização do actual momento do ensino superior público, uma greve nacional e uma manifestação nacional em Lisboa. Este documento determina "a vontade de uma forte constestação", a ser apresentada em Encontro Nacional de Direcções Associativas.

Por sua vez, a Federação Académica do Porto (FAP) apresentou a proposta de realização de uma greve por tempo indeterminado, a começar no início do próximo ano lectivo, se as reinvindicações da camada estudantil não forem aceites pelo Parlamento. Nuno Mendes, presidente da FAP, refere mesmo que se as bandeiras dos estudantes não forem aceites, a proposta é que "o próximo ano lectivo não tenha lugar".

O presidente da Direcção–Geral da AAC, Victor Hugo Salgado, fez um balanço positivo deste forúm de discussão, demonstrando "que existe mobilização e consciencialização estundantil" da problemática que afecta o ensino superior.

Joel Rocha, presidente da mesa da Assembleia Magna da AAC e que presidiu ao plenário nacional, realça a discussão em torno da proposta de reforma do ensino superior que "englobou não só dirigentes associativos, como é habitual, mas estudantes" que expressaram os seus pontos de vista. Salienta ainda "a unidade de todos os subsistemas de ensino" relativamente à política educativa governamental que é "premente combater".

Estatuto prevê penalizações para estudantes

Praxe sob regulamentação


ARQUIVO

Abusos em praxes académicas podem levar à expusão de alunos envolvidos

Regulamentar a praxe praticada pelos estudantes das universidades e politécnicos é o principal papel da recente proposta do Estatuto Disciplinar do Estudante

DIANA RAMOS

As condutas ilícitas dos estudantes do ensino superior público vão passar a ser sancionadas, se a anteproposta apresentada por elementos dos institutos politécnicos e universidades públicas ao ministro da Ciência e Ensino Superior for aprovada em Assembleia da República. As penas assumem várias graduações que podem ir da simples repreensão até à expulsão da instituição de ensino ou mesmo à proibição de frequência de escolas do sistema público durante um prazo máximo de dois anos.

De acordo com os responsáveis pela elaboração do documento, estas determinações não se circunscrevem à praxe mas visam todas as práticas que atinjam a dignidade das pessoas em questão e desrespeitem a sua vontade de não participar numa actividade académica. Outra das novidades é que estas medidas não se limitam ao espaço geográfico dos estabelecimentos de ensino, sendo dada uma maior incidência à natureza e autores da conduta ilícita independentemente do espaço em que são praticadas. A proposta, que visa garantir o "respeito pelos direitos e dignidades" das pessoas envolvidas em todas as práticas académicas, pode ainda sofrer alterações antes de ser votada. Ainda que o documento tenha sido exigido por Pedro Lynce para colocar um ponto final nos excessos cometidos, a referência à palavra praxe é quase sempre evitada. O responsável por parte das universidades pela produção destes estatutos, Barata Moura, reitor da Universidade de Lisboa, defende que a aplicação de sanções seja efectuada por um Conselho Disciplinar presidido pelo vice–presidente ou vice–reitor de cada instituição de ensino e composto por representantes dos professores e alunos. Barata Moura defende ainda a possibilidade da apresentação de recurso da deliberação daquele órgão a um presidente ou reitor, sendo assegurada uma avaliação em segunda instância.

O Estatuto Disciplinar do Estudante surge numa altura em que os rituais praxísticos são muito criticados na sociedade civil. Os recentes acontecimentos no Instituto Piaget de Macedo de Cavaleiros vêm agravar ainda mais esta situação. As actividades de praxe estão proibidas neste instituto desde 6 de Janeiro, devido à queixa de uma estudante do primeiro ano em relação aos abusos de que foi vítima no início do ano lectivo. Também quatro estudantes do primeiro ano da Escola Superior de Saúde apresentaram queixas por terem sido agredidos física e verbalmente durante um "tribunal de praxe". A suspensão de 25 alunos é resultado da denúncia destes estudantes, que afirmam que a confusão teve início quando um deles não cumpriu uma das ordens. Para o presidente do instituto, estas práticas desrespeitam a suspensão da praxe e são um caso de polícia.

Localização das Noites do Parque gera polémica

Queima pode vir a mudar de sítio

A semana das Noites do Parque da Queima das Fitas pode vir a realizar–se junto à Ponte do Açude, depois da intervenção do programa Polis. Apesar de ser um projecto para concretizar a longo prazo, está já criada alguma controvérsia

LURDES LAGARTO

O executivo camarário de Carlos Encarnação anunciou que está a trabalhar no sentido de retirar os concertos da Queima das Fitas do Choupalinho, de modo a tornar este espaço numa verdadeira zona verde. A decisão foi revelada depois da reunião da Comissão de Acompanhamento do Polis, onde a maioria dos presentes manifestou descontentamento pela situação actual em que se encontra aquela área.

No Plano de Pormenor do Parque Verde do Mondego não está previsto que o Choupalinho deixe de acolher espectáculos e feiras. No entanto, de acordo com o presidente da Câmara Municipal de Coimbra (CMC), Carlos Encarnação, a situação actual deverá ser alterada. Uma mudança que irá ocorrer apenas a longo prazo, até porque os terrenos junto à Ponte do Açude não pertencem à câmara e terão ainda que ser adquiridos.

O autarca afirma que "aquele sítio tem uma quantidade enorme de reclamações por parte dos cidadãos de Coimbra em relacção ao barulho que se gera e em relação à área verde que é estragada ciclicamente todos os anos". É em função desta realidade que a CMC pretende criar um novo espaço para a realização, não só da Queima das Fitas, como de outros espectáculos musicais e da Feira Comercial e Industrial de Coimbra.

O presidente da Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra (AAC), Victor Hugo Salgado, já reagiu a esta decisão, afirmando não compreender a razão desta alteração, uma vez que "o espaço foi criado para receber a Queima das Fitas". Ainda assim, admite que as condições actuais da Praça da Canção não são as mais indicadas para receber um espectáculo, o que acarreta encargos financeiros acrescidos, nomeadamente no que diz respeito à montagem do palco e da vedação, mas defende que a solução passa por melhorar as infraestruturas já existentes.

Para o dirigente estudantil é "ilógico afastar cada vez mais a Queima das Fitas do centro da cidade", já que "a festa dos estudantes é também da cidade". Com o progressivo afastamento, Victor Hugo Salgado teme que a festa "deixe de estar tão ligada a Coimbra como estava até aqui".

No caso de a autarquia manter a intenção de alterar a localização da Queima, Victor Hugo Salgado diz que a academia pouco poderá fazer uma vez que "quem decide os espaços que cede à AAC e à Queima é o executivo camarário". Ainda assim, defende que "a academia terá de marcar uma posição que passará por enviar à sessão de câmara uma nota negativa face a essa posição".

Em relação aos comentários que têm sido feitos, Carlos Encarnação. considera que Victor Hugo Salgado reagiu precipitadamente: "Nem sequer falou comigo", declarou o presidente da câmara municipal. Apesar de não ter dúvidas de que "aquilo não pode continuar assim", Encarnação não pretende ignorar a posição dos estudantes e afirma que "todas as pessoas serão consultadas na devida oportunidade".

PUB

RUC 107.9 FM



Estamos em construção

www.ruc.aac.uc.pt

Métodos de estudo em vésperas de exame

A arte de bem estudar

Agora que a época de exames se aproxima a passos largos, todas as fórmulas e métodos de estudo são poucos. O combate à ansiedade parece ser um dos grandes cavalos de batalha e, se alguns estudantes recorrem às tradicionais receitas, das maratonas de estudo pela noite dentro às elevadas doses de cafeína à mistura, outros há que preferem recorrer a acompanhamento especializado

PEDRO RAMOS
PAULO NUNO VICENTE

O ingresso no ensino superior representa uma fase que traz novos desafios à vida do estudante. Se a transição do ensino secundário para a universidade é acompanhada de um incremento da sua autonomia, o aluno depara–se também com responsabilidades acrescidas, que o obrigam a redefinir os seus níveis de auto–disciplina.

A gestão do tempo e do dinheiro, a procura de alojamento e, ocasionalmente, a necessidade de um emprego em part–time são algumas das tarefas que o estudante tem de saber conciliar no seu novo ambiente social. Acrescente–se a isso, na maioria dos casos, o facto de as ter de executar longe do seu meio de origem, factor que conduz os estudantes a uma maior vulnerabilidade, o que pode culminar em desequilíbrios emocionais e psicológicos.

Em termos estritamente académicos, há também mudanças a registar. Habituado a turmas pequenas e fixas, à avaliação contínua, a um ensino apoiado em manuais e ao contacto próximo com os professores, o "caloiro" depara–se com um admirável mundo novo: turmas grandes e divididas em aulas teóricas e práticas, avaliação no final de cada semestre, aprendizagem própria e um maior distanciamento entre docentes e alunos compõem a nova realidade que muitas das vezes acaba por frustar as expectativas geradas.

Nesta fase de transição é fundamental que os estudantes aprendam a lidar com o seu stress e saibam enfrentar as dificuldades. Não ter receio de pedir ajuda, praticar actividades desportivas ou de mera distracção, bem como procurar encontrar e manter um equilíbrio pessoal, são algumas das estratégias que podem ser úteis neste período de integração.

Receitas precisam–se

Ao chegar à universidade, o estudante tem no seu currículo, pelo menos, 12 anos de frequência escolar. Contudo, a experiência adquirida durante esse percurso pode não ser sinónimo de aquisição de um método de estudo adequado às suas necessidades. Sabendo de antemão que "não há receitas mágicas para o sucesso", como afirma Marta Correia, psicóloga estagiária no ramo de Orientação Escolar e Profissional, deixam–se aqui algumas sugestões para uma organização mais eficaz do estudo e uma época de exames mais tranquila.

A gestão do tempo, o local de estudo, a quantidade e a qualidade dos materiais que servem de suporte ao trabalho do aluno, bem como a assistência às aulas, são factores decisivos nos níveis de rendimento alcançados pelos estudantes.

Neste sentido, é imprescindível que a gestão do horário seja encarada como um instrumento de trabalho e não como um indutor de stress. Por outro lado, as condições do local de trabalho, ao nível da luminosidade, temperatura e ruído, influenciam a qualidade do estudo, sendo que os graus de exigência variam em função de cada estudante: se, para alguns, a esplanada é um óptimo local para estudar, para outros, nada melhor que o recato do lar ou de uma sala de estudo para atingir a concentração necessária.

No que respeita ao material de estudo, e de acordo com palavras de Marta Correia, "é importante ter o essencial e evitar a multiplicação de apontamentos que, mais do que favorecer a aprendizagem, são geradores de confusão". De evitar são também os elementos, na mesa de trabalho, que podem provocar a distracção, como o telemóvel.

Assistir às aulas é também um factor relevante: além de permitir uma integração e interacção com os colegas e o conhecimento do professor, favorece a recolha de apontamentos e o acompanhamento da matéria em estudo.

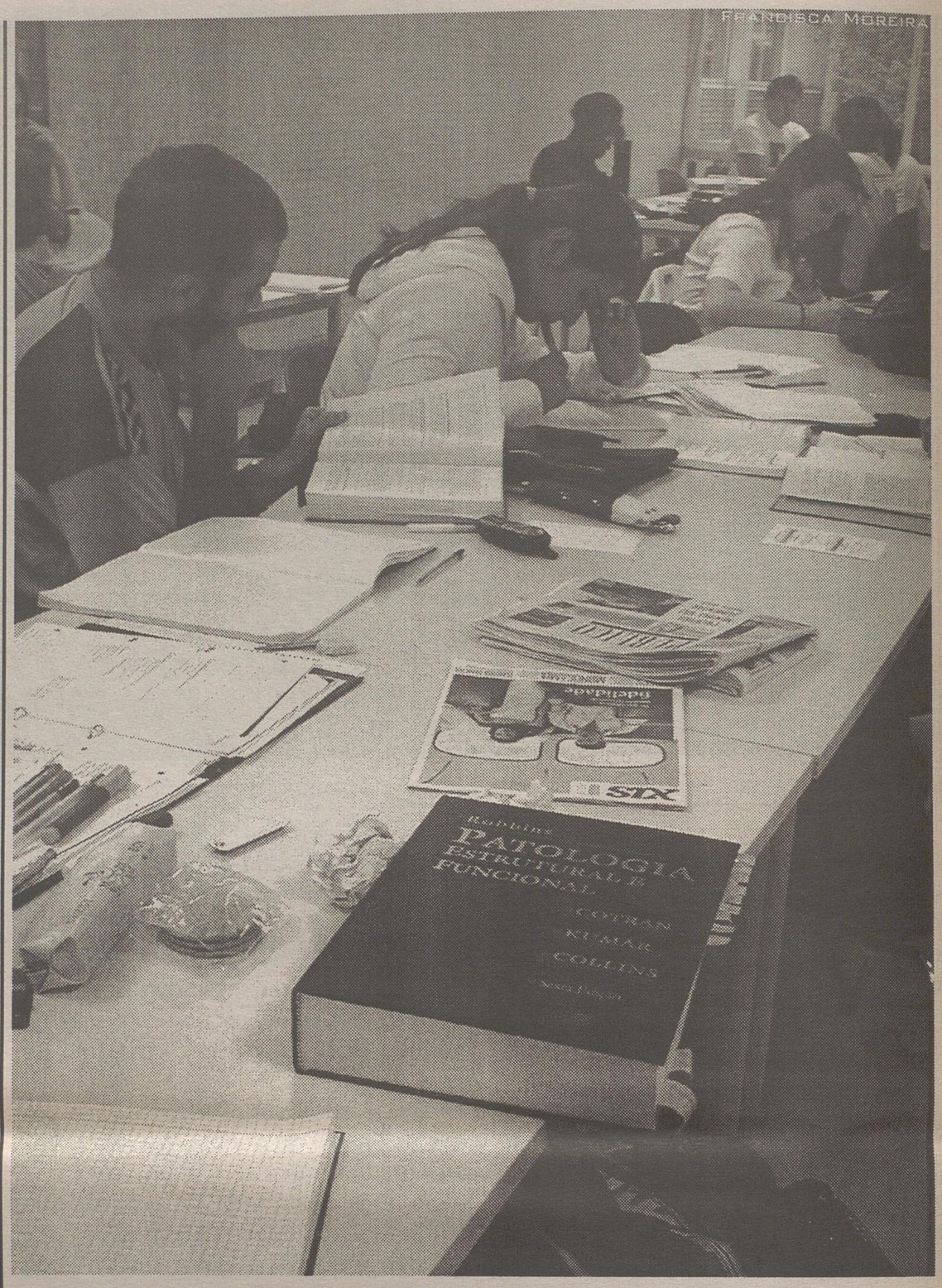
Saber estudar

A Universidade de Coimbra promove apoio nesta área fundamentalmente através do Gabinete de Aconselhamento Psicopedagógico dos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra (GAP/SASUC) e ainda do Centro de Estudos e Intervenção Psicológica, espaço que, apesar de especialmente dedicado a alunos da faculdade de Ciências e Tecnologia, faculta informação online, disponível no site www.fct.uc.pt/ceip.

O GAP/SASUC promoveu este ano, e pela primeira vez, um programa de métodos de estudo sob o lema "Saber Estudar". Repartido por quatro sessões, o programa versou problemáticas como a organização da agenda pessoal, os métodos de estudo, a compreensão e memorização das matérias e a avaliação dos conhecimentos.

Segundo dados do GAP/SASUC, 63 por cento dos 71 inscritos no programa contam com, pelo menos, uma reprovação ao longo do seu percurso escolar, contra 37 por cento que demonstram uma carreira exemplar nos estudos. Entre as dificuldades mais frequentes registam–se os problemas inerentes à organização do tempo, questões motivacionais e de ansiedade pré–exames.

De acordo com estatísticas do GAP/SASUC, o balanço é francamente positivo e a iniciativa foi considerada bastante útil pelos estudantes. A psicóloga responsável pelo programa "Saber Estudar", Rosário Ataíde, afirma que "a experiência é para repetir no próximo ano".



Estudar com método pode ser determinante para um bom desempenho

Cábula para o sucesso

Para estudar é essencial saber ler e tirar proveito da leitura. O método PLEMA, dividido em cinco etapas, pode ser de grande utilidade durante o tempo de estudo:

Pré–leitura - consiste num primeiro contacto com o texto para dele retirar uma ideia geral e os conteúdos fundamentais;
Leitura - é a análise detalhada e crítica dos elementos que constituem o texto. Pode ser acompanhada por sublinhados e pequenos apontamentos. Não se deve passar esta fase sem ter compreendido todo as ideias expressas no enunciado;
Esquematização - compreende a síntese da matéria através de apontamentos, resumos e esquemas. É uma fase importante porque aumenta a concentração e favorece, desde logo, a memorização;
Memorização - Apesar de começar na pré–leitura, esta estratégia pode ser complementada por fichas, imagens mentais, mnemónicas e repetição;
Auto–avaliação - é a fase do teste de conhecimentos. Repetir a matéria, explicar por palavras próprias ou seguindo o esquema previamente construído e ainda resolver exames/exercícios de aplicação são formas que podem funcionar nesta última fase;

Há ainda algumas sugestões, defendidas por psicólogos, para uma situação de exame:

-Em vésperas de exame:
Não é aconselhável estudar até tarde
É recomendável o relaxamento, por exemplo, pela leitura de um livro de B.D.

-No dia de exame:
Tomar um pequeno almoço moderado
Evitar ir muito cedo para a faculdade com o objectivo de estudar
Recomenda–se a leitura de uma revista ou jornal para descontrair

-Situação de exame:
Ler cuidadosamente o enunciado e analisar as questões
Começar pelas questões mais fáceis para aumentar a confiança
Planear e gerir o tempo de cada parte do exame
Reler atentamente as respostas

Formada a primeira empresa municipal da cidade

Águas de Coimbra sucede aos SMASC


MARILYNE ALVES

Águas de Coimbra pretende elevar a "exigência" do abastecimento de água da cidade, segundo Carlos Encarnação

A empresa, a primeira pública municipal de Coimbra, pretende resolver em cinco anos os problemas de abastecimento da rede pública de água da cidade

MÁRIO GUERREIRO

A empresa Águas de Coimbra vai substituir os Serviços Municipalizados de Água e Saneamento de Coimbra (SMASC) e pretende elevar o "nível de exigência" do abastecimento de água da cidade, de acordo com o presidente da Câmara Municipal de Coimbra (CMC), Carlos Encarnação.

A AC - Águas de Coimbra, Empresa Municipal, cuja cerimónia pública de constituição se realizou na passada semana, possui um capital social de cerca de 39 milhões de euros, provenientes dos cofres municipais.

Carlos Encarnação refere que a criação da Águas de Coimbra visa "dar uma resposta muito mais rápida e elaborada de vários problemas que têm a ver com o abastecimento de água e com o saneamento do concelho de Coimbra". O autarca adianta também que "os modelos anteriores, nomeadamente o modelo de serviços municipalizados", estavam a entrar em "crise", e que portanto "não era possível continuar assim". Como tal, o "novo figurino garante uma exigência maior dos próprios serviços".

Entre as vantagens oferecidas pela Águas de Coimbra encontra–se, segundo o edil, a "divisão de funções e uma articulação maior entre o abastecimento em alta e baixa" (destinado aos consumidores).

Águas do Mondego em breve

Após a criação da Águas de Coimbra, está já em andamento o processo para a adesão da cidade de Coimbra ao Sistema Multimunicipal de Água e Saneamento do Mondego e Bairrada (SMASBMB), responsável pela captação de água em alta. Este é um dos grandes objectivos futuros da autarquia conimbricense.

A possível adesão do município conimbricense ao SMASBMB já provocou críticas por parte do PS e da CDU, o que não inviabiliza, no entanto, a aprovação deste projecto, devido à maioria de representatividade da coligação autárquica constituída por PSD/CDS/PPM. Ao nível da assembleia municipal, a situação altera–se , dado que os partidos da esquerda possuem uma escassa maioria. A principal crítica destes partidos prende–se com a faceta privada que a futura empresa pode vir a ter.

Carlos Encarnação ressalva não haver motivos para tais preocupações, pois o SMASBMB vai ter um capital social inicial de perto de 30 milhões de euros, sendo que 51 por cento desse valor pertence ao Estado e os restantes 49 por cento às autarquias que integram a empresa. Uma das salvaguardas existentes diz que na eventualidade de existir alienação do capital do Estado, as autarquias detêm o direito de preferência na compra. O município de Coimbra vai ter cerca de 15 por cento de participação nesses 49 por cento. Ao nível de investimentos, o SMASBMB pode vir a investir perto de 300 milhões na rede de alta, dos quais uma percentagem vem dos fundos europeus, sendo o restante de um empréstimo que irá ser contraído no Banco Europeu de Investimentos.

A adesão de Coimbra ao SMASBMB vai render cerca de 52,5 milhões de euros à autarquia, a curto prazo. Deste valor, 22,5 milhões de euros referem–se a rendas durante um período de três anos e 25 milhões vão ter origem numa indemnização pelas infra–estruturas afectadas ao SMASBMB. Os cinco milhões finais advêm de um contrato–programa.

A SMASBMB, que vai delegar a gestão da rede de distribuição de água em alta numa empresa de nome Águas do Mondego, pode vir a integrar duas dezenas de municípios, de Águeda a Leiria, com pouco mais de 500 mil utentes.

Para o presidente da CMC, a Águas de Coimbra e a futura Águas do Mondego "são duas empresas complementares entre si, e que acabam por dividir as tarefas a realizar e que até agora eram realizadas apenas pelos serviços municipalizados de Coimbra".

Apesar do seu nome, a captação de água pela Águas do Mondego não se vai realizar apenas nesta zona, mas também em Pombal, Figueira da Foz e Cantanhede, entre outros locais.

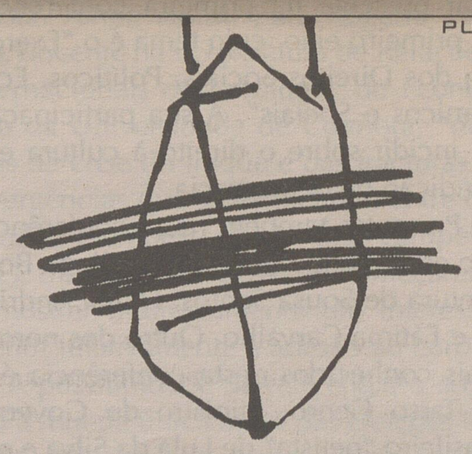
Para a efectivação do SMASBMB, além da ratificação da decisão em Assembleia Municipal, falta a criação de um contrato–programa com o instituto nacional de água.

PUB

Colóquio Internacional

Direito e Justiça no Século XXI

29 a 31 de Maio de 2003
Auditório da Reitoria
da Universidade de Coimbra



29 de Maio, Quinta-feira

9.30 SESSÃO SOLENE DE ABERTURA
Dr. Jorge Sampaio, Presidente da República
Dra. Celeste Cardona, Ministra da Justiça
Dr. Carlos Encarnação, Presidente da C. M. de Coimbra

10.15 DIREITO E JUSTIÇA NO SÉCULO XXI
Boaventura de Sousa Santos (Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra)
José Eduardo Faria (Faculdade de Direito da Universidade de S. Paulo)
Joaquín Herrera Flores (Faculdade de Direito da Universidade Pablo de Olavide de Sevilha)
Yash Ghai (Faculdade de Direito da Universidade de Hong Kong)
Stephen Toulmin (Departamento de Antropologia da Universidade da California do Sul)

15.00 O PODER JUDICIAL, A ORGANIZAÇÃO E A MODERNIZAÇÃO DOS TRIBUNAIS
Jacques Commaille (Director de Investigação do CNRS-Paris)
Maurício García Villegas (Faculdade de Direito da Universidade Nacional da Colômbia)
João Trindade (Director do Centro de Formação Jurídica e Judiciária de Moçambique)

17.15 OS TRIBUNAIS E AS NOVAS FRONTEIRAS DO DIREITO
Ascención Cambrón (Faculdade de Direito da Universidade de La Coruña)
Heinz Klüg (Faculdade de Direito da Universidade de Wisconsin-Madison)
Gilles Martin (Faculdade de Direito da Universidade de Nice)
Carlos Gaviria (Senador da Colômbia; ex-juiz do Tribunal Constitucional)

30 de Maio, Sexta-feira

9.00 A INTEGRAÇÃO EUROPEIA: O ESPAÇO EUROPEU DE LIBERDADE, JUSTIÇA E SEGURANÇA
Maria Manuel Leitão Marques (Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra)
Francis Snyder (Universidade de Aix-Marseille III)
Miguel Maduro (Faculdade de Direito da Universidade Nova)

11.15 A CRIMINALIDADE GLOBAL E A INSEGURANÇA LOCAL
Dario Melossi (Faculdade de Direito da Universidade de Bolonha)
Roberto Bergalli (Faculdade de Direito da Universidade de Barcelona)
Maria José Morgado (Procuradora-Geral-Adjunta)
Augusto Raúl Paulino (Juiz do Tribunal Provincial de Maputo - Cidade)

14.30 O ACESSO AO DIREITO E À JUSTIÇA, OS DIREITOS HUMANOS E O PLURALISMO JURÍDICO
Erhard Blankenburg (Faculdade de Direito da Universidade Livre de Amesterdão)
José Geraldo de Sousa Júnior (Faculdade de Direito da Universidade de Brasília)
Nina Pacari Vega (Ministra das Relações Exteriores do Equador)
José António Pinto Ribeiro (Advogado; Forum Justiça e Liberdade)

17.30 SESSÃO DE ENCERRAMENTO
Conferência de Encerramento
Perfecto Andrés Ibáñez (Juiz do Supremo Tribunal de Justiça de Espanha)

31 de Maio, Sábado
PROGRAMA CULTURAL

Organização: **Centro de Estudos Sociais**
Colégio S. Jerónimo, Apartado 3087, 3001-401 Coimbra · T. 239855570 F. 239855589 · E-mail: coloquium@ces.uc.pt · www.ces.fe.uc.pt/direitoXXI

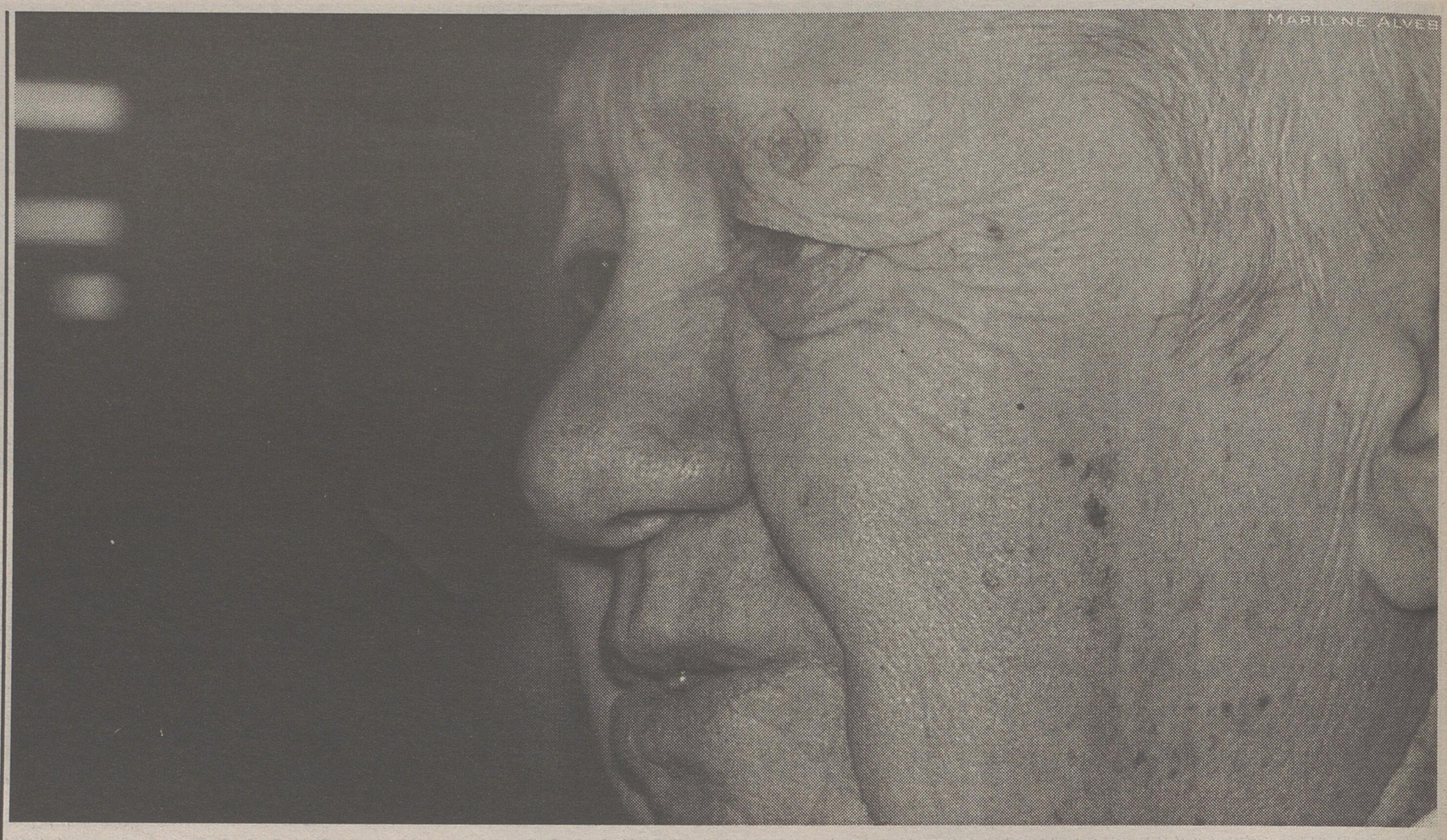
NACIONAL

Mário Soares em reflexão sobre "Uma Outra Europa, um Outro Mundo Possível"

Fórum Social Português já tem programa

A escassas duas semanas da sua realização, o programa do I Fórum Social Português (FSP) já é conhecido. As várias mesas de controvérsia e as cerca de uma centena de oficinas prometem enriquecer o evento, em que são vários os nomes mediáticos para as conferências já confirmados

MÁRIO GUERREIRO



MARILYNE ALVES

Mário Soares é uma das presenças confirmadas para intervir nos trabalhos do I Fórum Social Português

A realizar–se de 7 a 10 de Junho, na Cidade Universitária de Lisboa, a primeira edição do Fórum Social Português insere–se na descentralização do Fórum Social Mundial (FSM) e a sua demanda por "um outro mundo possível" vai juntar figuras distintas dos mais variados campos.

O FSP tem três grandes áreas de debate ou eixos de discussão. O "eixo um" tem como temática principal a democracia, cidadania, direitos e serviços públicos. O segundo eixo, por sua vez, movimenta–se entre o trabalho, economia, globalização e desenvolvimento sustentável. Por fim, o terceiro eixo tem como vértices principais a defesa e promoção da paz, da solidariedade e a luta contra a guerra.

Maria de Lourdes Pintassilgo, Mário Soares e José Saramago são os nomes mais sonantes dos cerca de 100 conferencistas que vão estar presentes na Cidade Universitária. O escritor laureado com o Nobel da Literatura em 1998 vai estar presente na primeira conferência do primeiro eixo, cujo tema é o "Exercício dos Direitos Sociais, Políticos, Económicos e Sociais". A sua participação irá incidir sobre o direito à cultura e a condição da democracia.

Presentes também nesta conferência vão estar, entre outros, o sociólogo Boaventura de Sousa Santos, Diana Andringa e Fátima Carvalho. Outro dos nomes mais conhecidos desta conferência é o de Tarso Genro, ministro do Governo brasileiro "petista" de Lula da Silva e ex–prefeito da cidade de Porto Alegre, berço do Fórum Social Mundial. O brasileiro irá falar sobre o "Exercício da Cidadania pela Participação Popular".

Na terceira conferência do primeiro eixo, dedicado a uma reflexão e debate sobre as políticas neoliberais e a degradação da democracia, é certa a presenças do reputado fiscalista Saldanha Sanches e de Vital Moreira, docente da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (FDUC) e especialista em direito constitucional.

Já na segunda conferência do segundo eixo, em que o tema é o "Trabalho, Empresa, Direitos e Imigração" os oradores vão ser, entre outros, Manuel Carvalho da Silva, secretário–geral da CGTP–IN, Jorge Leite, docente da FDUC e especialista em direito do trabalho, Elísio Estanque e Virgínia Ferreira, ambos da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC).

Na primeira conferência do eixo três, dedicada à temática do "Neoliberalismo, Exploração e Guerra", a falange de conferencistas oriundos de Coimbra é grande. Da FDUC, António Avelãs Nunes irá debruçar–se sobre "Os Interesses Económicos e Guerra", enquanto o general Pezarat Correia, da FEUC vai intervir centrando–se no prisma do "Negócio do Armamento e o Complexo Industrial–Militar". Também da FEUC, João Arriscado Nunes vai opinar sobre "A Ciência aos Serviços da Guerra: os Perigos do Armamento Não Convencional".

As conferências do FSP vão realizar–se entre as 09h30 e as 13h00, uma por cada eixo. No FSP vão também ter lugar várias mesas de diálogo e controvérsia e oficinas, bem como diversos eventos culturais, além de bancas de divulgação e exposições.

Por fim, no dia 10 vai ter lugar uma grande acção de rua, sob a forma de manifestação.

As conferências mais concorridas

Os últimos dias do FSP prometem ser os mais concorridos, pelas conferências que vão receber. A conferência mais mediática do FSP deverá ser a segunda do "Eixo três", subordinada ao tema "Uma Outra Europa, um Outro Mundo Possível", a contar com nomes como os de Mário Soares e Maria de Lourdes Pintassilgo, a que se juntam Ilda Figueiredo, Mário Tomé, António Filipe e Nuno Ramos de Almeida, entre outros.

A última conferência (a terceira do "Eixo três") vai debruçar–se sobre o tema "As cores da Esperança: Solidariedade e Cooperação", com Domingos Lopes, do Conselho Português para a Paz e Cooperação, José Manuel Pureza, da FEUC , Teresa Cunha, da Acção Jovem para a Paz, e Miguel Urbano Rodrigues, entre outros conferencistas. O moderador desta conferência vai ser o escritor Urbano Tavares Rodrigues, irmão do último.

Novo regime temporário a ser reformulado em 2004

Pagamentos por conta novamente alterados

As alterações ao regime de pagamentos por conta ainda não foram introduzidas, mas já se sabe que serão novamente modificadas no final do ano

GUSTAVO SAMPAIO

O Governo está prestes a anunciar novas regras sobre os pagamentos especiais por conta, tomando em consideração as críticas levantadas por diversos sectores em relação ao projecto de reforma. As alterações agora introduzidas são temporárias, pois o regime de tributação será novamente revisto no próximo ano.

O projecto de despacho, da responsabilidade do secretário de Estado dos Assuntos Fiscais, Vasco Valdez, reformula diversas directrizes do novo sistema de pagamentos especiais por conta, alvo de objecções na altura em que foi apresentado, há dois meses atrás. Na altura, os serviços da Administração Fiscal elaboraram propostas de alterações ao documento que são agora aceites na generalidade por Vasco Valdez e previstas no novo projecto. Entretanto, tendo em conta as sucessivas alterações implementadas, procedeu–se ao adiamento do prazo de regularização dos pagamentos especiais por conta deste ano.

Após esta alteração jurídica, o sistema de pagamentos especiais por conta vai conhecer três versões distintas no espaço de apenas um ano, contribuindo para o clima de instabilidade que rodeia actualmente o regime nacional de tributação. A primeira versão foi introduzida na altura da aprovação do Orçamento de Estado para 2003, seguindo–se uma nova alteração de regras a meio do ano no sentido de corrigir um conjunto de imperfeições técnicas e de factores de injustiça social posteriormente detectados e prevendo–se nova alteração no ano de 2004, de acordo com o estipulado no projecto de despacho do secretário de Estado dos Assuntos Fiscais. Toda esta inconstância tem sido criticada por alegadamente fomentar a desconfiança jurídica no sistema, já bastante descredibilizado com as constantes alterações de regimes fiscais.

O novo regime

Entre as principais medidas previstas para o novo regime sobre os pagamentos especiais por conta, contam–se a efectuação do primeiro pagamento durante o mês de Junho e do segundo em Novembro, e a previsão de que os proveitos e ganhos a considerar resultam "da diferença entre a contraprestação devida pelo cliente excluindo o IVA e o custo suportado nas transmissões de bens e prestações de serviços efectuados por terceiros para benefício directo do cliente com inclusão do IVA". Na base de cálculo dos pagamentos não são incluídos alguns proveitos e ganhos que não relevam para efeitos fiscais, tais como a produção de trabalhos para a própria empresa, a variação da produção ou os proveitos obtidos pelo método de equivalência patrimonial. Igualmente excluídos da base de tributação ficam os impostos sobre o consumo (álcool, gasolina e tabaco) e o imposto automóvel. O sistema de reembolso mantém–se inalterado.

Forças Armadas indonésias lançam ofensiva em grande escala

Conflitos prosseguem em Aceh

Um clima de medo instala–se na província indonésia de Aceh que trava uma luta incessante pela sua independência

VÂNIA CORREIA



Megawati Sukarnoputri ordenou uma ofensiva em grande escala em Aceh

Nesta província do norte da ilha de Sumatra, o Movimento Aceh Livre (GAM) não desiste da sua acção de combate em prol da independência territorial. Na semana passada a presidente indonésia, Megawati Sukarnoputri, assinou um decreto a autorizar o exército a atacar o GAM. Cerca de 30 mil militares indonésios confrontam–se com cinco mil guerrilheiros pobremente armados.

Desde o início da ofensiva militar muitos rebeldes independentistas foram mortos e vários edifícios foram queimados, nomeadamente escolas. Este ataque aparenta ser o de maior envergadura desde a invasão militar indonésia de Timor Oriental em 1975. Para José Manuel Pureza, docente na licenciatura de Relações Internacionais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, "o processo de Timor e o de Aceh têm contornos semelhantes na exacta medida em que se tratam de lutas pela autodeterminação de parcelas de território que a Indonésia considera como suas".

Embora hoje em dia o clima internacional seja claramente mais desfavorável à luta que se está a passar em Aceh do que a que se travou em Timor–Leste, José Manuel Pureza admite que "se em Timor foi difícil fazer inflectir a posição dos doadores internacionais e, nomeadamente, dos doadores de carácter multilateral para ajudar o país a superar as quebras registadas na economia, em Aceh será muito mais".

Apesar das dificuldades que Aceh terá eventualmente de enfrentar em caso de atingir a autodeterminação, os rebeldes não abandonam o seu projecto de luta pela independência. A Indonésia corre o risco de perder territórios, o que para José Manuel Pureza se deve à sua "natureza inter–étnica ou multi–étnica" e também às consequências do regime ditatorial a que o país se submeteu após a guerra–fria. Nesse sentido, este docente crê que "Timor–Leste foi um precedente que foi aberto de uma maneira muito contida pelas autoridades competentes, cientes de que aquilo poderia ser um primeiro passo no sentido de uma fragmentação absoluta".

Os Estados Unidos, Austrália e Japão já apelaram aos dois lados para que voltassem a negociar, dado considerarem que as possibilidades de uma solução pacífica não foram totalmente exploradas na conferência de Tóquio. Por enquanto, o combate armado persiste. Para José Manuel Pureza "resta saber se o ânimo do povo de Aceh é um ânimo inquebrantável como o caso de Timor–Leste ou, se pelo contrário, é apenas um foco de tensão que pode ser facilmente delimitado. O caso de Timor não foi, o de Aceh está por ver."

Aceh a ferro e fogo

A ofensiva em grande escala das tropas indonésias já provocou a morte a um elevado número de civis. O caos humanitário é uma realidade e a UNICEF já enviou ajuda.



Nações Unidas dão primeiro passo para reconstrução

Sanções levantadas no Iraque

Com a aprovação da resolução sobre o levantamento das sanções, o Iraque dá um importante passo rumo à reconstrução política e económica. Terminam, assim, treze anos de restrições económicas que tiveram início com a invasão do Iraque ao Kwait, em 1990

SARA CARDOSO

O Conselho de Segurança da Nações Unidas (CS) aprovou o projecto de resolução sobre o levantamento das sanções ao Iraque. O documento dá aos EUA e Reino Unido plenos poderes para dirigir o Iraque e criar condições para impulsionar a reconstrução do país.

Após um duro processo de negociações, devido à pressão que vários países exerceram no sentido de reforçar o papel da ONU no processo de reconstrução do Iraque, a resolução foi aprovada com 14 votos a favor na votação da passada quinta–feira. Entre os países que deram o seu aval, estão aqueles que se manifestaram contra a guerra, como a Alemanha, França e Rússia. Dos 15 membros do CS, apenas a Síria se manteve fora da votação, alegando que não lhe foi dado tempo suficiente para estudar o documento. Esta resolução atribui às forças da coligação o controlo da economia e do futuro político. Entre as várias medidas que o documento enuncia está a criação de um Fundo de Desenvolvimento para o Iraque, sob o controlo do Banco Central Iraquiano, onde será depositado o dinheiro proveniente da exploração petrolífera do país.

De acordo com o director do Instituto de Estudos Estratégicos Internacionais (IEEI), Álvaro Vasconcelos, o levantamento das sanções "dá ao Iraque a capacidade de decidir o seu futuro e de gerir os seus bens" e o efeito do levantamento das sanções vai depender "da maneira como for utilizado". Álvaro Vasconcelos alerta ainda para a necessidade de "dar poder aos iraquianos para gerirem o seu dinheiro. Quanto ao futuro político do Iraque, o director do IEEI considera prejudicial uma retirada imediata das tropas anglo–americanas e defende que "as forças da coligação têm que assumir a responsabilidade de porem em prática aquilo que disseram que iam fazer, ou seja, dar o poder ao povo iraquiano e permitir a construção de uma sociedade democrática, mas dentro do quadro das Nações Unidas".

Segundo Álvaro Vasconcelos, "para se atingir o objectivo da democracia do Iraque é preciso que os Estados Unidos e a Grã–Bretanha aceitem o risco de que não seja um poder democrático ou um poder que responda aos interesses americanos, mas que seja islamista mais ou menos radical". Refere ainda que é fundamental um envolvimento da União Europeia, uma vez que "esta tem uma experiência muito maior para apoiar o processo de transição política do que os Estados Unidos."

Britânicos não querem euro

Blair está a enfrentar o primeiro grande desafio depois da guerra no Iraque. O dia 9 de Junho é a data apontada para a decisão sobre a possível adesão ao euro

DIANA RAMOS

Duas semanas é o tempo que resta ao executivo britânico para determinar se a entrada na zona euro se ajusta aos interesses económicos do país. A decisão final sobre o calendário mais provável para a realização de um referendo está marcada para o dia 9 do próximo mês, data que poderá ditar o adiamento da entrada do Reino Unido na moeda única e marcar uma importante derrota política para Tony Blair.

Na última semana, o primeiro–ministro britânico e o chanceler do Tesouro, Gordon Brown, realizaram encontros trilaterais com cada um dos ministros do executivo e que culminaram, na última sexta–feira, numa reunião de plenário do Governo. Mas apesar do apoio expresso pelo gabinete de Blair aos princípios da moeda única, foi salvaguardada a necessidade de uma análise aprofundada das repercusões da entrada na zona euro da economia britânica.

Tony Blair, defensor da entrada da libra no euro desde o primeiro mandato, em 1997, e de cuja estratégia fazia parte a realização de um referendo até ao final da presente legislatura, testemunha com o hipotético adiamento uma pesada derrota pessoal e também uma mediática reviravolta na sua política europeísta. Ainda assim, para Rogério Leitão, docente na licenciatura de Relações Internacionais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, "depois da crise do Iraque e das fracturas e divergências que se verificaram entre os Estados–membros da União Europeia (UE), Blair e o seu Governo começaram a mostrar indirectamente um interesse menor relativamente à adesão ao euro".

A possibilidade de referendar a adesão à moeda única antes das eleições de 2006 está já a provocar, segundo vários analistas, uma cisão entre o líder de Governo e o chanceler, uma divergência que se situa entre o entusiasmo de Blair e o cepticismo de Gordon Brown. Tony Blair chegou mesmo a apresentar a possibilidade de demissão do seu cargo a Brown, na perspectiva de evitar o adiamento do referendo. Em destaque no ciclo de análise, estão os cinco testes que a economia britânica deve preencher para cumprir as condições ideiais de adesão, definidos desde 1997, e que devem ter um dos papéis mais importantes na decisão final sobre o referendo. Entre os critérios, estão a convergência dos ciclos económicos do Reino Unido e do euro, a avaliação dos efeitos da adesão no crescimento da economia ou até mesmo a aproximação das taxas de juro.

Para Rogério Leitão, a entrada britânica na zona euro "seria um passo muito importante no sentido de reforçar ainda mais a união económica e monetária", o que traria consequências políticas "favoráveis ao desenvolvimento do processo de afirmação da UE enquanto actor internacional".

Europa dos 25: uma realidade a curto prazo





A União Europeia dos 25 será uma realidade já em 2004, após a conclusão do processo de abertura aos países da Europa Central e Oriental. A CABRA apresenta um breve retrato dos novos membros, do percurso institucional que precedeu a adesão, bem como das consequências decorrentes de uma Europa alargada

João Baía
Rita Delille
Pedro Ramos

A Cimeira de Copenhaga, realizada em Dezembro de 2002, concluiu as negociações para o alargamento da União Europeia a 25 países. Chipre, Malta, Eslovénia, Eslováquia, Estónia, Hungria, Letónia, Polónia, República Checa e Lituânia assinaram o tratado de adesão no passado mês de Abril em Atenas. O actual alargamento é o quinto na história da UE.

Esta expansão resulta em grande medida do Conselho Europeu de Copenhaga, de 1993. Actualmente estão em curso os trabalhos da Convenção Europeia com término previsto para o próximo mês de Junho. Posteriormente entrará em funcionamento a Conferência Inter–governamental que, após analisar os resultados da Convenção, os vai submeter a discussão na reunião do Conselho Europeu, em finais do ano.

Um dos objectivos principais é definir estratégias económicas e sociais da UE junto destes países para atenuar as disparidades existentes. A criação de fundos de coesão estruturais para financiar os futuros Estados–membros é uma das medidas em discussão.

Segundo Martins da Silva, docente de União Europeia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, verifica–se actualmente uma "indefinição institucional em relação ao alargamento". Na opinião deste especialista, "o processo de reforma deve avançar o mais rapidamente possível para se encontrar um quadro institucional que comporte 25 Estados–membros com órgãos a funcionar com uma eficácia razoável".

Por seu turno, Rogério Leitão, docente na licenciatura de Relações Internacionais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, sustenta que a ajuda prestada aos futuros membros "deverá continuar nos primeiros anos, de forma a que estes consigam atingir um desenvolvimento económico razoável", o que inevitavelmente "irá implicar um esforço financeiro grande por parte do orçamento comunitário".

A maior parte dos países já realizou referendos internos nesta matéria obtendo, através do sufrágio, luz verde para o avanço do processo. Na próxima semana, cabe aos polacos expressarem a sua opinião sobre o ingresso no grupo de Bruxelas. Para Setembro, estão agendados os referendos dos vizinhos bálticos Estónia e Letónia. O Chipre é o único membro onde não haverá referendo. O Parlamento Europeu (PE) acolheu já 169 observadores dos dez futuros membros: para já, e durante um ano, estes permanecem sem direito de voto e de elegibilidade.

Segundo as previsões económicas para a Primavera de 2003, os futuros Estados–membros continuam a registar um crescimento económico assinalável. Contudo, para Martins da Silva "ainda existe um fosso enorme de coesão entre o nível de desenvolvimento económico e social da UE e os dez novos membros". Entre os futuros Estados da UE é a Letónia que deverá registar a taxa de crescimento mais elevada, seguida da Estónia e da Lituânia.

Chipre

O Chipre é uma ilha situada no Mediterrâneo Oriental com uma população de 800 mil habitantes. A sua capital é Nicósia e as línguas oficiais são o grego (parte sul) e o turco (parte norte). A libra cipriota é a moeda deste Estado, que tem um PIB per capita de 20.615 euros, o mais elevado dos novos aderentes. Desde 1974, a ilha encontra–se dividida em duas entidades políticas: a turca a norte e a grega a sul, única que é reconhecida pela comunidade internacional. Actualmente, é a quinta nação mais importante do mundo em termos de frota naval.



Eslováquia

A Eslováquia foi fundada apenas em 1993, após a dissolução pacífica da República Checoslovaca. A sua importância histórica provém do facto de ter sido, durante algum tempo a sede do império Habsburgo.

Bratislava é a capital deste jovem país que tem na coroa eslovaca a sua unidade monetária. Com 49.035 quilómetros quadrados de extensão, a Eslováquia tem um PIB per capita de 11.130 euros e o eslovaco como língua oficial.



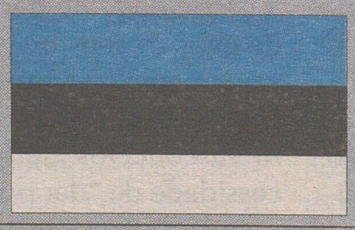
Eslovénia

A Eslovénia foi a primeira república a separar–se da Jugoslávia. Tornou–se um estado soberano em 25 de Junho de 1991. A sua capital é Liubliana. Com aproximadamente dois milhões de habitantes, a indústria moderna do país permitiu o estabelecimento de novas relações com a Europa. Com um PIB per capita de 17.190 euros, este recente Estado tem como língua oficial o esloveno e o tolar esloveno como unidade monetária.



Estónia

Este país, cuja capital é Tallin, tem uma superfície de 45 mil quilómetros quadrados e uma população de 1,4 milhões de habitantes. Com um PIB per capita de 9.965 euros a Estónia possui exportações significativas em maquinaria e equipamento eléctrico, madeira e produtos têxteis. O turismo é também um importante contributo para a economia desta nação. A língua oficial é o estónio e a moeda é o kroon (coroa estónia).

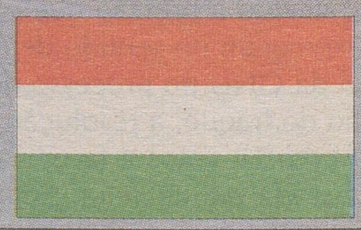


Hungria

Situada no centro da Europa, a Hungria tem como capital Budapeste. Com uma superfície total de 93.036 quilómetros quadrados este Estado milenar foi palco do início do desmantelamento da "cortina de ferro".

Este país, com um PIB per capita de 13.000 euros tem um total de 75 por cento de expórtações e de 58 por cento de importações para com os mercados europeus.

Com 10.2 millhões de habitantes, esta nação tem o húgaro como língua e o florim húngaro como moeda oficial.



Consequências para Portugal

Com o alargamento da UE irá surgir uma redefinição das alianças e dos fundos estruturais no seio da Europa, com consequências várias para Portugal. O Presidente da República, Jorge Sampaio, admitiu recentemente em Riga que Portugal será o país da UE "que menos benefícios económicos retirará do alargamento".

Segundo Rogério Leitão, com a entrada dos novos membros a média europeia de desenvolvimento vai baixar, e Portugal vai passar a ser considerado um país desenvolvido em "relação à maior parte dos estados do alargamento", o que irá provocar uma redução drástica dos fundos estruturais para o nosso país.

Neste sentido, o docente realça a necessidade dos agentes económicos portugueses conhecerem "esses novos países e avançarem e investirem com projectos económicos, para compensar precisamente os efeitos negativos que vamos sofrer". Martins da Siva considera o alargamento desvantajoso para Portugal, sublinhando a nossa condição periférica como um obstáculo à intervenção em termos económicos nesses estados. Porém, Jorge Sampaio, numa recente visita à Estónia, fez-se acompanhar da maior comitiva de empresários portugueses de sempre para explorar as potencialidades dos novos mercados.

O Governo, ao apoiar a intervenção americana e ao subscrever a "Carta dos Oito", juntou-se à posição de quase todos os futuros Estados-membros da União Europeia em oposição ao eixo franco-alemão. A cumplicidade entre Portugal e os Países da Europa Central e Oriental reaparece com o grupo de 18 Estados-membros que representam os pequenos e médios estados que integram a UE, dos quais Portugal e nove dos países do alargamento fazem parte. Este grupo recusa o fim das presidências rotativas semestrais em vez de um presidente da UE e outras reformas político-institucionais que os países grandes querem levar a cabo "com o intuito de aumentar ainda mais o seu poder no seio da UE", sustenta Rogério Leitão. Na Estónia, Jorge Sampaio manifestou publicamente o seu desejo de "que os países grandes compreendam que a igualdade entre os Estados-membros é um princípio básico".



GRAPHIC NEWS.



D.R.

Para quando uma Europa com a Turquia?

As relações entre a UE e a Turquia remontam ao ano de 1963, data de assinatura de um acordo de associação (Acordo de Ancara). O pedido de adesão teve lugar em Abril de 1987. O Conselho de Helsínquia, em Abril de 1999, viria a declarar a Turquia como um Estado candidato, desde que cumprisse os critérios aplicados aos restantes estados candidatos. Em Dezembro de 2002, o Conselho Europeu de Copenhaga reconheceu que a nação havia dado importantes passos no sentido desse cumprimento mas não os suficientes para integrar o grupo dos dez novos aderentes. O conselho reconheceu neste estado lacunas no domínio dos critérios políticos, no que se refere à legislação e à sua execução.

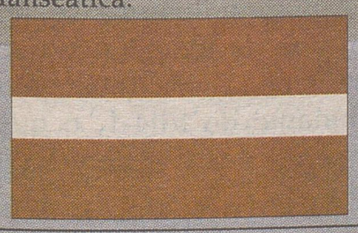
Segundo Martins da Silva, não existem razões verdadeiramente sólidas para negar a integração deste país: "Política e geograficamente não é defensável recusar a inclusão da Turquia na UE."; e acrescenta ainda que a melhor forma "para controlar eventuais radicalismos islâmicos ou tentativas militaristas é a entrada deste país na UE".

A embaixadora da Turquia em Portugal, Zergun Korturk, partilha desta opinião e refere que "a Europa não é um clube de cristãos", aludindo ao facto da UE ser um espaço laico. No que diz respeito à questão dos direitos humanos, a diplomata é contundente: "Há muitos países integrados na UE que desrespeitam de forma mais grave que a Turquia estes direitos". No Conselho Europeu do próximo ano será reavaliada a situação turca. O estatuto actual de candidato à adesão não garante a sua entrada em 2004.

Letónia

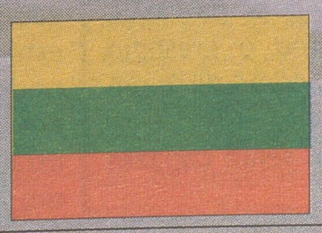
Com uma população total de 2,4 milhões de habitantes, a Letónia tornou-se independente em 1918, para ser anexada pela União Soviética em 1940, recuperando a independência em 1991. A língua oficial é o letão e a sua capital a cidade de Riga. A moeda é o lats e o seu PIB per capita destaca-se como o mais baixo dos novos países aderentes (6975 euros).

Ventspils é o maior porto do Mar Báltico e um dos pontos estratégicos através do qual o país procura restabelecer as ligações comerciais e a importância política da antiga Liga Hanseática.



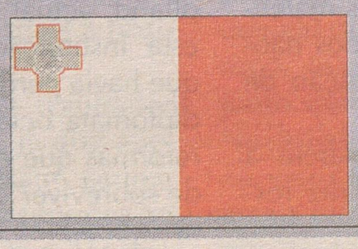
Lituânia

Vilnius é a capital da República da Lituânia, o maior dos três estados bálticos candidatos, com uma população de 3,5 milhões de habitantes e uma superfície de 65 mil quilómetros quadrados. A universidade da sua capital é das mais antigas da Europa, tal como a sua língua oficial, o lituano. O centro geográfico da Europa está situado a 20 quilómetros da capital, na aldeia lituana de Bernotai. A sua unidade monetária é a lita e o PIB per capita é de 7300 euros.



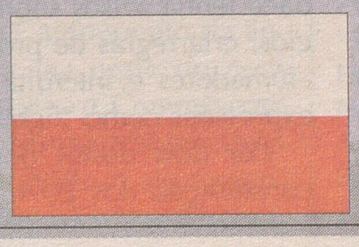
Malta

Malta é uma ilha estrategicamente situada entre a Europa e África. Desde a sua independência, adquirida em 1964, o sector nacional dos serviços progrediu bastante, principalmente nas áreas ligadas ao turismo, aos serviços financeiros e transportes, ao sector da indústria transformadora. A República de Malta tem como capital Valletta, a sua língua oficial é a maltesa e a inglesa e a sua moeda é a lira maltesa. A ilha tem 400 mil habitantes e o PIB per capita é de 17.100 euros.



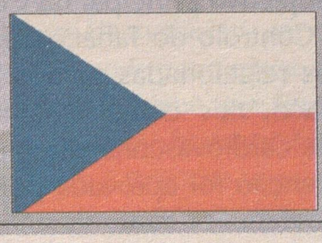
Polónia

A Polónia, com uma população de 38,7 milhões de habitantes e uma superfície de 313 mil quilómetros quadrados, é de longe o maior dos países candidatos. A agricultura é o sector dominante, sendo 60 por cento da terra do país usada para este efeito, o que rende pouco mais de cinco por cento do PIB per capita, que é na sua totalidade de 8960 euros. A moeda oficial é o zloty.



Rep. Checa

A Checoslováquia era antes da Segunda Guerra Mundial um dos dez estados industrializados mais desenvolvidos do mundo. Nos recentes anos tem havido uma grande diversidade de partidos políticos ainda antes da separação da Checoslováquia em dois países (República Checa e Eslováquia) em 1992. A sua capital é Praga, tem 10.3 milhões de habitantes. A língua oficial é o checo, a sua moeda é a coroa checa e o PIB per capita é de 13.850 euros.



Europa e EUA na linha de partida

Começou corrida a Marte

A Agência Espacial Europeia - ESA - e a Agência Espacial Norte–Americana - NASA - preparam–se para invadir o planeta vermelho. Em Janeiro de 2003 estarão três aparelhos na superfície de Marte

RUI PESTANA

A Europa lança na próxima segunda–feira a sua primeira missão a Marte. Será a primeira vez que países que não os Estados Unidos ou a antiga União Soviética enviam um aparelho à superfície de um planeta. A missão denomina–se Mars Express e será constituída por uma sonda orbital mas também por um pequeno robot de exploração, o Beagle 2, que irá separar–se da sonda e fixar–se na superfície.

Esta viagem encontra–se especialmente destinada à procura de água em Marte. O Beagle 2 está equipado com instrumentos de alta tecnologia vocacionados para a recolha e análise de amostras e para a procura de vestígios do precioso líquido para a existência de vida. No entanto, o aparelho (baptizado com o nome do barco no qual o biólogo Charles Darwin delineou a sua "Teoria da Evolução") possui uma grande desvantagem em relação à missão norte–americana, pois uma vez na superfície ficará imóvel.

Mas esta é apenas uma das várias *diferenças entre as missões da ESA* e da NASA. Outra (provavelmente a mais significativa) é a disparidade ao nível do investimento monetário. Para esta missão, o orçamento da ESA fica–se pelos 44 milhões de euros, enquanto que para o lançamento de dois veículos em Marte a NASA investiu aproximadamente 800 milhões.

O lançamento dos dois "buggies" gémeos por parte da NASA está previsto para os dias 6 e 25 de Junho e, se tudo correr conforme planeado, chegarão a Marte em Janeiro de 2004. O principal objectivo desta missão é estudar a geologia deste planeta, analisando amostras de rochas e enviando fotos panorâmicas para a Terra.

A NASA estudou durante dois anos possíveis locais de aterragem em Marte e acabou por optar pela cratera de Gusev (pensa–se que terá sido um grande lago) e pelo Planum Meridiani, um local rico em minerais que se formam em contacto com a água. Ambos os locais situam–se perto da Linha do Equador, pois os rovers são movidos a energia solar e deverão *captar o máximo de energia possível* para se manterem operacionais durante cerca de 90 a 120 dias terrestres.

Durante a entrada na atmosfera e a "aterragem" em Marte, os dois veículos serão protegidos por uma redoma de airbags, de forma a manter intactos os sensíveis instrumentos do violento impacto com a superfície rochosa do planeta.

Segundo o astrónomo José Augusto Matos, esta missão representa "uma aposta muito forte da NASA, pois são dois veículos no terreno". Questionado acerca das dificuldades que poderão surgir, o astrónomo salienta que "os norte–americanos têm tido más experiências no passado recente e obviamente que a NASA tem estado atenta a todos os pormenores. Esta aventura da exploração planetária tem sempre os seu riscos" conclui o especialista.

No caso de alguma das missões ser bem sucedida a encontrar água em Marte, estarão lançadas as bases para futuras investigações acerca da possibilidade de existência de vida no planeta vermelho.



Solo marciano volta a ser alvo de novas missões em busca de água

Dados

Nome: Marte, deus romano da guerra

Distância em relação ao sol: 227.936.640 km

Um ano em Marte: 1,88 anos terrestre

Um dia em Marte: 24h37 terrestres

Atmosfera: 95% de dióxido de carbono

Temperatura: entre -143ºC e 17ºC

Luas: Phobos e Deimos

Estados Unidos apoiam medidas anti-tabagistas

Tratado Mundial Antitabaco já foi aprovado

Indústria tabagista proibida de publicitar os seus produtos e de patrocinar eventos

CARLA PINTO

Na passada semana, a Organização Mundial de Saúde (OMS) aprovou o tratado antitabaco, que contou desde o seu início com o apoio dos Estados Unidos.

O objectivo principal da Convenção para o Controlo do Tabaco é reduzir as doenças relacionadas com o consumo de tabaco, tais como o cancro e as doenças cardiovasculares, entre outras. A convenção foi aprovada por mais de 40 países a nível mundial. O surpreendente apoio dos Estados Unidos facilitou a aprovação do documento por parte dos 192 membros da OMS.

A convenção exige a adopção de leis que conduzam à redução do consumo, proíbe a publicidade ao tabaco e o patrocínio de eventos, incentiva o aumento de impostos à mesma, exige que 30 por cento da superfície dos maços de tabaco tenha avisos sobre os seus malefícios, cria regras de protecção dos não–fumadores e interdita a utilização de expressões como "light".

Por dois destes pontos violarem a constituição dos EUA, no que diz respeito à liberdade de expressão e aos direitos das marcas registadas, Washington defendia que o texto fosse alterado de acordo com a realidade de cada país. Apenas a Alemanha, um dos maiores exportadores de tabaco, beneficiou do estatuto de excepção em relação a algum tipo de publicidade.

Esta é mais uma das vitória recentes da OMS. Com a gestão de Gro Brundtland, actual directora–geral da OMS, esta instituição recuperou o prestígio que havia perdido, mas, como disse um diplomata ocidental, "resta saber se as reformas que ela iniciou serão capazes de sobreviver".

HUC investigam variante do VIH

Estudo levado a cabo em Coimbra revela a existência de estirpe do vírus da sida até agora desconhecida. No entanto, prevê–se que só dentro de um espaço de dois anos seja possível avançar com uma terapêutica adequada

VÂNIA CORREIA

Uma nova variante do vírus da SIDA VIH-1, com os subtipos B/G, foi detectada em Coimbra, e pela primeira vez em Portugal, por uma equipa de investigadores dos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC).

A recombinante B/G do VIH-1 foi diagnosticada em indivíduos caucasianos de nacionalidade portuguesa, que terão sido infectados durante deslocações, em negócios ou férias, a países africanos onde se regista a existência do subtipo G do vírus, num período pós–descolonização.

A descoberta da recombinante B/G do VIH-1 em Portugal "pode ter implicações (a médio prazo) na produção de vacinas contra o vírus", explica, em declarações à Agência Lusa, o médico coordenador do projecto de investigação, Vítor Duque.

O vírus da SIDA tipo VIH-1 é considerado mais fulminante do que o VIH-2, tendo em conta que a média de vida sem terapêutica do primeiro é de dez anos, enquanto que a do segundo é superior em mais de 95 por cento dos casos.

O estudo citado pela Lusa e publicado este mês na revista da Sociedade Europeia de Doenças Infecciosas e Microbiologia Clínica debruça-se sobre os casos de 18 pessoas que terão sido infectadas com o vírus da sida fora de Portugal, em países predominantemente africanos. Com idades entre os 30 e os 50 anos, todos eram suspeitos - o que se veio a confirmar - de infecção com variantes não-B. Dos 18 pacientes, três possuem a recombinante B/G "que sai fora do padrão da estirpe de referência" já descrita na Galiza, onde a maioria se verifica em pescadores que durante a sua actividade se deslocam a África.

As conclusões deste estudo encontram–se no GenBank, um organismo internacional, com sede nos EUA, de registo de sequências de genomas e proteínas e que permite o acesso público.

A grande questão que se coloca agora em relação às recombinantes é o facto de se desconhecer se em algumas delas (incluindo a B/G) o vírus fica ou não mais agressivo e se, pelas suas características genéticas próprias ou se por factores sociais que facilitam o contacto das pessoas, se dissemina mais rapidamente e possui uma capacidade de transmissão mais eficiente.

De momento, a equipa de investigadores de Coimbra debruça–se no estudo de um tipo de terapêutica que poderá ser mais eficaz no tratamento desta recombinante do VIH-1, o que está previsto só ser possível dentro de um a dois anos.

Académica volta a acreditar na permanência

Enquanto há vida há esperança



Académica vence e adia manutenção para jogo da última jornada

Na penúltima jornada do campeonato, a Académica de Coimbra conquistou a primeira vitória fora de casa e manteve–se à tona da água na difícil luta pela permanência no escalão maior do futebol português

GUSTAVO SAMPAIO

O jogo do passado domingo era decisivo tanto para a Académica, que não podia perder, como para o Varzim, que se tivesse ganho garantia a permanência. Numa tarde de sol com algum vento, cerca de sete mil pessoas acorreram ao estádio.

A Académica iniciou bem a partida tentando explorar o contra–ataque. Com Pedro Roma na baliza, Nuno Luís na direita e a surpresa de Paulo Adriano a fazer o corredor esquerdo, três centrais (Tonel, Marcos António e Tixier, este último mais descaído na esquerda, cobrindo as subidas no terreno de Adriano), dois trincos (Rocha mais recuado e André, incansável, a lançar os contra–ataques), um médio–ofensivo (o estratega Marinescu) e dois avançados (Manuel José pela direita e Dário no centro), os academistas chegaram ao primeiro golo logo aos 6 minutos de jogo. O romeno Marinescu recebeu a bola na esquerda, livrou–se da marcação de Quim Berto e rematou com força e colocação do centro do terreno. Aos 36 minutos, novo golo da Académica após uma boa jogada de entendimento entre Manuel José, Dário e André, que rematou isolado perante o guarda–redes Miguel.

Após o intervalo, a Académica continuou a dominar o jogo e a lançar perigosos contra–ataques perante a complacência dos jogadores do Varzim, que estiveram muito intranquilos, sobretudo no sector mais recuado. Por seu lado, a equipa de Artur Jorge jogava de forma segura, trocando bem a bola e procurando explorar as costas dos defensores poveiros. No entanto, aos 64 minutos o Varzim esteve muito perto de marcar. Pepa ultrapassou o guarda–redes academista, isolou–se, mas no último momento o defesa Tonel cortou o lance. Foi o melhor período do jogo, pois na jogada imediata Manuel José isolou Dário que tentou o chapéu sobre Miguel, sem êxito. Aos 73 minutos, Dário voltou a falhar isolado, após excelente passe de Marinescu. O avançado moçambicano parecia cansado e acabou por ser substituído mais tarde. Por fim, a Académica chegou ao terceiro golo aos 77 minutos, sentenciando o resultado da partida. Marinescu cruzou da direita e Paulo Adriano rematou de primeira para o fundo das redes. Estava feito o resultado e os próprios adeptos do clube da casa começaram a abandonar o estádio, conformados com a derrota.

No final da partida, o treinador da Académica, Artur Jorge, considerou que o resultado estava "de acordo com o jogo e com o que as equipas fizeram em campo". "Fizemos um bom jogo", acrescentou. Quanto a Luís Campos, treinador do Varzim, reconheceu que o jogo da sua equipa foi "péssimo" mas enalteceu também que "nada está perdido". A decisão sobre o futuro destas duas equipas fica assim adiado para a última jornada, a par do Santa Clara, Beira–Mar e Moreirense, igualmente em risco de ocuparem as duas últimas vagas de despromoção. No jogo final em casa com o Sporting de Braga, a Académica (34 pontos) necessita imperiosamente de vencer, aguardando pelo desfecho da escaldante partida entre o Santa Clara (34 pontos) e o Varzim (35 pontos).

Seniores vencem em jogo pouco satisfatório

Hóquei em final de época

Jogo marcado pela violência acaba por motivar queixa da Associação Académica de Coimbra à Associação de Patinagem de Coimbra. Esta queixa não surge isolada, já que todas as equipas desta associação têm apresentado os seus protestos

Apesar dos problemas com a arbitragem, a equipa sénior do hóquei em patins da AAC venceu por 8-1 o conjunto da Golegã. Contudo, este resultado acaba por se revelar insuficiente, tendo em conta a diferença de valor das duas equipas.

Depois de um início de jogo em que o Golegã conseguiu equilibrar o rumo dos acontecimentos e até igualar o jogo, a Académica passou para a frente, não abandonando mais a posição de vencedora.

Nas camadas jovens os resultados foram bastante diferentes, já que apenas os juvenis conseguiram ganhar frente ao Alcobacense. Os seniores femininos também venceram o Alcobacense, neste caso por um expressivo cinco a um.

Ainda no Hóquei da AAC, é de destacar a chamada do jogador Miguel Gonçalves aos trabalhos de preparação da equipa nacional júnior que vai disputar o Campeonato da Europa. Este jogador faz parte do conjunto que vai disputar o Campeonato Nacional de Júniores na próxima época, depois de ter obtido o apuramento na difícil regional Coimbra/Leiria, que acabou por vencer.

BOLA AO AR
JOÃO CORTESÃO

Aplausos/Assobios

Estamos a cerca de cinco dias do jogo mais importante da época "Briosa". Provavelmente, enquanto estes caracteres são lidos, preparam–se faixas e fazem–se apostas acerca do resultado do Académica–Braga mais esperado de sempre. Em Coimbra, depois do clima de pessimismo e desânimo que se fez sentir durante as últimas semanas, as pessoas voltam a acreditar numa Académica capaz de realizar exibições de primeira e com argumentos suficientes para discutir a manutenção na Superliga.

Em mais um jogo na "fortaleza de Taveiro", o apoio do público vai assumir um papel ainda mais determinante. Depois de demasiados jogos com "porta aberta", em que muitas das pessoas ocupavam as bancadas apenas porque a entrada era gratuita, no jogo do passado domingo assistiu–se a uma verdadeira relação de apoio. Os apoiantes oriundos de Coimbra não eram muitos, mas fizeram o que se exigia: o apoio foi constante, nem que fosse apenas pelo facto de a equipa se ter encontrado a ganhar logo a partir dos dois minutos de jogo. No final do encontro, os jogadores agradeceram a força transmitida pelos adeptos com a oferta das camisolas de jogo, numa atitude que ainda não se tinha verificado esta época (talvez pelo facto de os equipamentos ainda poderem vir a fazer falta...).

"O 'homem do jogo' é o mesmo que foi apupado e insultado há uma semana"

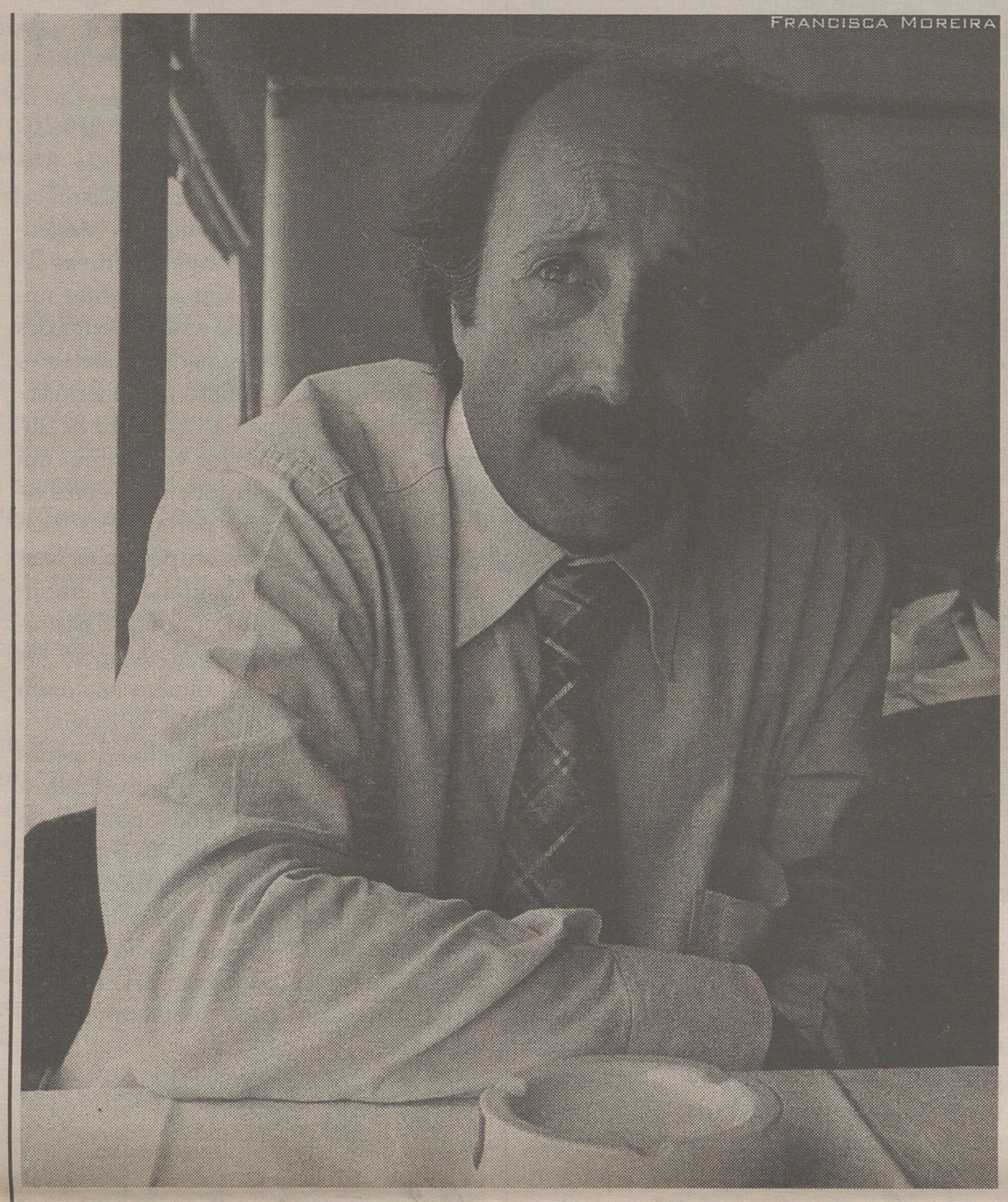
No próximo domingo, mais do que um jogo de futebol, todos os que se deslocarem ao Estádio Sérgio Conceição vão assistir à luta por uma manutenção que foi constantemente adiada ao longo da época e que continua (agora, como no início) ao alcance da Briosa. No final do encontro, o treinador Artur Jorge referiu que esta equipa é a mesma de todos os outros jogos e que apenas a alteração da sorte motivou este resultado expressivo, que acabou por ser a única vitória fora de casa ao longo de toda a época. Contudo, pela atitude, força e querer que foi visível na Póvoa do Varzim esta não é a mesma Académica que subiu ao relvado noutros jogos. E quando o "homem do jogo" é o mesmo que foi apupado e insultado há uma semana atrás começamo–nos a aperceber da verdadeira força do público, que consegue ter um papel tão determinante no resultado final de um jogo como o melhor marcador da equipa.

No próximo domingo não devem existir muitas cadeiras vazias em Taveiro. Contudo, tal como em qualquer jogo apresentado como decisivo vão estar presentes muitas pessoas que procuram apenas ocupar o tempo. Num encontro deste tipo, em que a equipa sente o peso de toda uma época, o público assume uma enorme importância...

Qualquer erro de avaliação, por muito pequeno que seja, pode interferir no rendimento de um conjunto que, por força das circunstâncias, vai estar bastante debilitado. Cada vez mais, é importante que o público tome consciência do seu poder e das consequências dos seus actos.

José Viterbo em tempos incertos

"Gostava de continuar na Académica"


FRANCISCA MOREIRA

José Viterbo continua a ponderar o futuro

O treinador da Académica B, José Viterbo, fala na incerteza que paira sobre o seu futuro e o dos seus jogadores, num momento em que a sobrevivência do grupo depende da manutenção da equipa principal na Superliga

LURDES LAGARTO
VÍTOR RODRIGUES E OLIVEIRA

O amanhã é incerto. Envolto em dúvidas quanto à sua permanência no clube, o técnico teme sobretudo pelos jovens jogadores que formam o plantel da sua equipa. Garante que o seu futuro não é importante, mas está convicto de que se sair, voltará um dia.

Se a Académica descer, a equipa B será extinta. Qual vai ser o futuro dos seus jogadores?

Para já, eu acredito que a equipa principal da Académica não vai descer de divisão. E aí, obviamente, o futuro da equipa B continuará assegurado. Na infelicidade da equipa principal da Académica baixar ao escalão secundário, alguns jogadores que têm contrato e que não fazem parte dos quadros da equipa principal, no próximo ano terão que ser emprestados ou cedidos a título definitivo. Não sei, é uma decisão que caberá naturalmente aos dirigentes da Académica.

Antes da Académica criar a equipa B, tinha acordos com o Anadia...

Fez um protocolo com o Anadia, este ano houve um protocolo com o Tourizense. Não sei se esse protocolo vai ou não continuar em vigor...

O número de protocolos com outros clubes vai aumentar?

É natural. Neste momento estamos ainda numa situação de completa indefinição, porque não sabemos qual é o futuro de uma e de outra equipa. Penso que só daqui a alguns dias é que as coisas se podem começar a resolver.

"Se um dia tiver que sair, sairei"

E em termos pessoais? Se a equipa B for extinta, qual o seu futuro na Académica? Há possibilidade de sair?

Não sei... O mais importante neste momento é o futuro dos atletas da equipa B. Seja qual for o resultado final, o meu futuro não é importante, porque eu estou há 20 anos na Académica. E se um dia tiver que sair, sairei. Não sei quando é que vai ser. Pública e oportunamente eu tomarei a decisão, que passará por uma reunião com os dirigentes...

Mas gostava de ficar na Académica...

Ora, eu estou aqui há tantos anos... Gostava de ficar. Sempre fui da Académica, treinei sempre a Académica, estou aqui desde os 28 anos... Portanto, naturalmente que gostava de continuar na Académica. Mas se a minha decisão tiver que passar por outro clube que não seja a Académica, eu tenho de pensar em dar um rumo à minha vida, porque a minha vida não pode acabar aqui. Agora, tenho a convicção que um dia, se calhar, vou voltar a esta casa...

Mas vê com bons olhos voltar a treinar as camadas jovens? Acompanhou os jogadores desde os infantis até à equipa B... Voltaria a fazer o mesmo percurso?

Eu não vim com estes jogadores desde os infantis, foi desde as escolinhas. Neste momento isso não é possível.

Por ser uma regressão na sua carreira como treinador ou por imperativos do clube?

Há treinadores nas camadas jovens e eu, neste momento, nunca tomaria essa decisão. Para já, porque todos os escalões na Académica têm treinadores muito competentes e que felizmente têm feito um trabalho elogiável. Todos eles. E depois porque não é um momento oportuno para voltar a fazer esse tipo de trabalho.

Então, a ficar na Académica, o seu futuro passa pela equipa principal?

Não.

"Não sei ainda quais serão as minhas funções"

Por que tipo de funções passa a sua presença na Académica?

Se eu ficar na Académica, esta é uma decisão que será tomada e anunciada só depois de o futuro da equipa principal estar definido. Não sei ainda quais serão as minhas funções.

Poderá ser director desportivo ou ter alguma função similar?

Não, penso que não.

Adjunto na equipa principal?

Estas são questões que se têm que colocar aos dirigentes.

> **"Neste momento estamos ainda numa situação de completa indefinição"**

Se a Académica B não for extinta, vai continuar a treinar a equipa?

Ainda é algo a decidir.

Vamos partir do pressuposto que a Académica B é extinta. Sente vontade por parte dos dirigentes de voltar a criá-la, com uma eventual subida à Superliga da equipa principal?

Eu penso que os actuais dirigentes da Académica já perceberam que o futuro passa pela formação. E se não perceberam, é bom que percebam que tem que ser mesmo assim. Os clubes hoje têm pouco dinheiro para pagar e contratar jogadores... A Académica tem aqui um naipe de seis ou sete jogadores com qualidade, que são activos do clube. E as pessoas têm que saber aproveitar os activos do clube. Se realmente a equipa B continuar, a sequência lógica será que esses jogadores continuem a trabalhar numa perspectiva de evolução para poderem chegar à equipa principal.

Se a equipa tiver que ser criada novamente, não poderá começar de novo na II Divisão B...

Não, a partir da próxima época todas as equipas B que forem inscritas na Federação Portuguesa de Futebol têm que iniciar o seu trajecto na 3ª Divisão.

Mas há essa vontade por parte dos dirigentes?

Eu penso que sim. Não sei. Mas essa é uma pergunta que tem que ser feita aos dirigentes. Se as coisas tiverem cabeça, tronco e membros, se forem bem planeadas e se houver dinheiro, eu penso que o projecto das equipas B é fundamental para o futuro dos clubes.

Fala de dinheiro, a Académica B representa cerca de dez por cento do orçamento...

Sim, cerca de 10 a 15 por cento.

Ainda é significativo...

É significativo, mas se o Zé Castro ou outro jogador qualquer for vendido, daqui a dois ou três anos, por 100 ou 200 mil contos [500 mil ou um milhão de euros], o investimento está pago.

A equipa B depende totalmente da equipa principal. Como é que vê a prestação desta equipa na Superliga?

A Académica está a ter as dificuldades que muitas outras equipas têm tido ao longo deste campeonato. Se calhar, a classificação hoje podia ser melhor, mas houve alguma infelicidade em alguns jogos e os resultados não traduziram o que se passou em campo. O que eu acredito é que a Académica vai conseguir alcançar os seus objectivos. Já agora gostava de agradecer publicamente todo o apoio que me foi dado ao longo destes anos pelos ex–dirigentes, actuais dirigentes, jogadores e departamento médico...

Parece um discurso de saída...

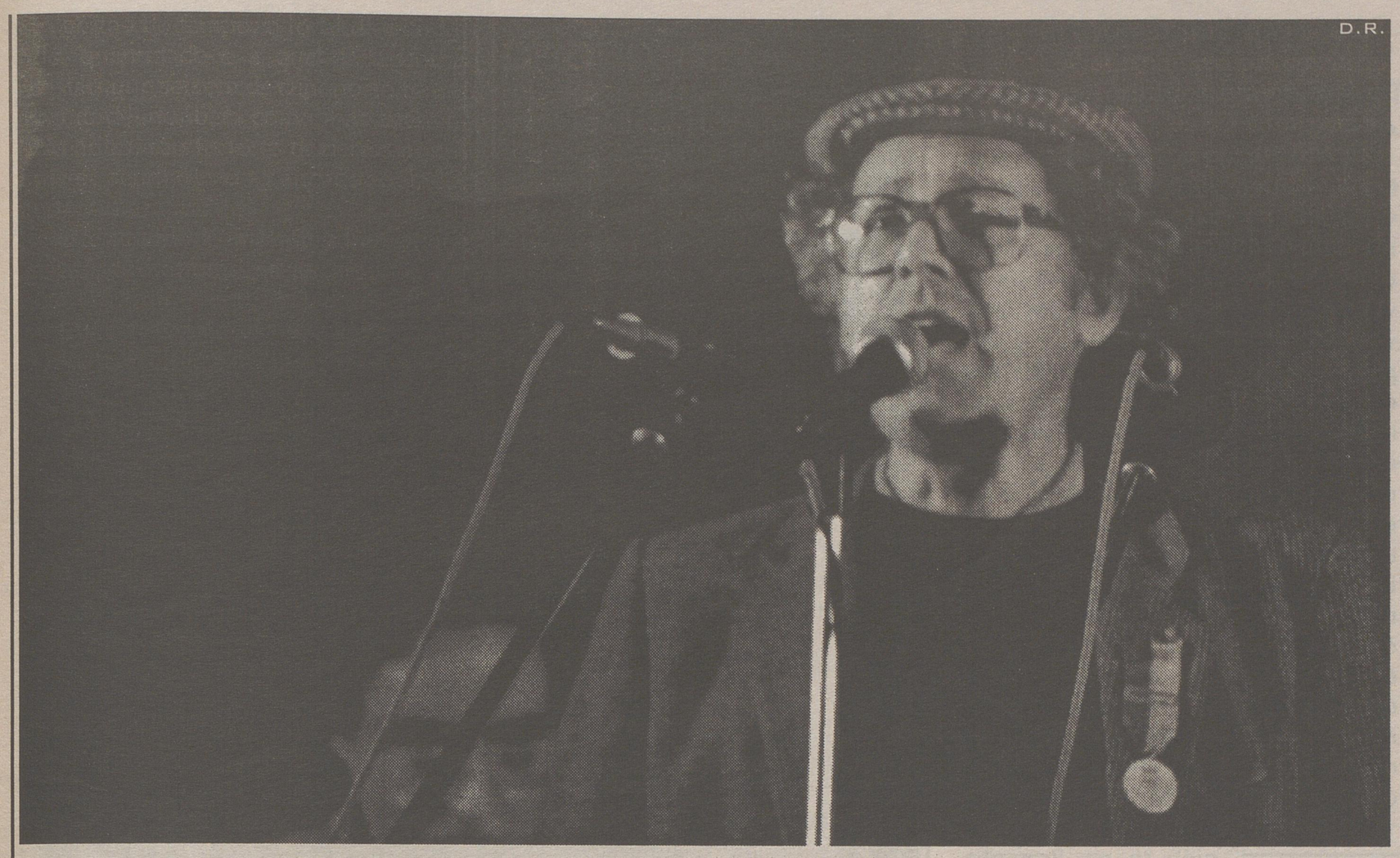
Não, não. É um discurso de final de temporada.

Extinção da Académica B

De acordo com o artigo 801 do regulamento de provas oficiais da Federação Portuguesa de Futebol, apenas as equipas da Superliga podem ter uma equipa B a jogar nos campeonatos nacionais. Assim sendo, com uma eventual descida da Académica à Segunda Liga, a sua equipa B só poderia competir nos campeonatos distritais. No entanto, nenhuma equipa B profissional pode participar nestas provas. Uma vez que a Académica B é constituída por profissionais, com a descida da equipa principal só lhe restaria a extinção.

VII Festival José Afonso arranca sexta-feira

Zeca de volta a Coimbra


D.R.

Festival José Afonso volta a juntar alguns dos mais reputados músicos da lusofonia

Sonoridades transatlânticas, ritmos quentes, palavras fraternas, com o remate especial das cordas do fado de Coimbra, dia 10 de Julho; assim será o Festival José Afonso este ano - sons solidários cantando pela saudade de uma voz que deixou as suas raízes mundo fora

SANDRA DIAS
JOANA EREIO

Coimbra acolhe a partir de sexta-feira a sétima edição do Festival José Afonso. O certame deste ano surge como um projecto inovador, na medida em que enaltece o universalismo e a fraternidade patentes na obra de Zeca Afonso, trazendo ao palco do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) sobretudo sons afro-brasileiros.

Ildo Lobo será o protagonista da abertura do festival, acompanhado por Rita Lobo. O artista cabo-verdiano, considerado um dos maiores cantores do arquipélago, tem em Cesária Évora e Tito Paris a inspiração necessária para a sua música, que faz vivenciar a cultura do seu país natal. A voz de Ildo, ao mesmo tempo forte e doce, bem como a forte carga de intervenção política presente nas entrelinhas das letras que canta, são as características principais das suas músicas, simples e apaixonadas.

No dia 5 de Junho é a vez de Wazimbo subir ao palco, fazendo-se acompanhar pelos ritmos moçambicanos. Solista por excelência, o cantor tem um longo percurso, preenchido pela pop, música brasileira e moçambicana.

Dia 20 de Junho é a vez de actuar Waldemar Bastos, cantor de um grande universo musical, em que se entrecruzam vários estilos e culturas. Tendo no horizonte a fraternidade e a harmonia entre as pessoas, o artista exalta a sua nacionalidade angolana.

A marcar igualmente presença na sétima edição do festival vão estar José Peixoto e Fernando Júdice, músicos dos Madredeus, apaixonados pela música escrita de Pixinguinha e de outros autores brasileiros. Inicialmente tendo como propósito ocupar o tempo durante as digressões do grupo, esta paixão evoluiu e o projecto rapidamente cresceu, gerando como fruto principal um disco com as participações, entre outros, de Luís Represas, Manuela Azevedo e Maria João, que aliás os acompanhará no palco do TAGV no dia 13 de Junho.

A figura de maior destaque será Ney Matogrosso, que actua dia 10 de Julho no Paço das Escolas. Através da maquilhagem exuberante, roupas e adereços no mínimo despojados, o brasileiro reconhecido além fronteiras distinguiu-se numa época em que a sua extravagância contrastava com os tempos de opressão e preconceito. Nos seus espectáculos reina a imprevisibilidade, que, de mãos dadas com a sua ousadia, contagia o público, numa simbiose entre espiritualidade e entusiasmo.

Além de outros músicos que marcam presença no festival, vão ainda ter lugar uma workshop de danças africanas, dias 6 e 7 de Junho, e uma conversa sobre "Dança, Performance e Ritual", dia 7 de Junho.

"Bicho-cantor" na gíria coimbrã

Corria a década de 40 quando aportou na cidade dos estudantes um jovem rapazote com a "cara engelhada do riso, um tanto desengonçado na fatiota, uma espontaneidade desarmada, só nervo e osso" mas "ágil como um macaco". Foi com estas palavras que João Afonso descreveu o irmão, Zeca Afonso, dos primeiros tempos passados na Lusa-Atenas.

Com apenas 11 anos, José Manuel Cerqueira Afonso dos Santos vem para Coimbra, para casa da sua tia Avrilete, para frequentar o liceu. Em 1949, Zeca Afonso ingressa na faculdade de Letras, matriculando-se no curso de Ciências Histórico-Filosóficas, que só muito mais tarde viria a concluir por motivos económicos. Até 1953, o "bicho-cantor", como ficou conhecido na gíria, deambula apaixonado pelas noites secretas de Coimbra. Entretanto, sempre empenhado numa forte vivência académica, ajuda a fundar o Coral de Letras, integra o Orfeão e a Tuna. Além disso, mantém o contacto com o ambiente revolucionário das repúblicas e continua as suas debandadas pelo espírito nocturno.

Mas é a cantar o fado que Zeca Afonso lapida o seu nome na história da mais velha academia do país: "Tinha um estilo próprio, feito de bom gosto e contenção. Não se limitava a cantar, interpretava, dava expressão às palavras, era de certa forma um intimista. Não desafinava, atacava a tempo, favorecendo o jogo entre a voz e os instrumentos", recorda José Niza, um dos seus fiéis companheiros. Era assim que o "gajo porreiro, com os pés na lua e a cabeça na terra, com tendência para as angústias existenciais, as depressões, hipocondríaco, frontal e honesto" penetrava na alma de todos aqueles que religiosamente assistiam às serenatas da Sé Velha.

Desta forma se escreviam em Coimbra os primeiros passos daquele que Viriato Teles, um dos vários autores que escreveu sobre o artista, considera ser "o cantor e poeta de um povo inteiro, um irmão de todos nós".

Bailado português contemporâneo na capital da cultura

Missa apaixonada vai pelo céu

Chega a Coimbra uma "Missa" de confrontos entre o espiritual e o físico, um "Duo Appassionato" no limite do amor e da paixão e uma homenagem a Federico Garcia Lorca em "A Lua Vai Pelo Céu Com Um Menino Pela Mão". É o novo espectáculo tripartido da Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo

LILIANA GUIMARÃES

Estreia amanhã no Teatro Académico de Gil Vicente o mais recente espectáculo da Companhia Portugesa de Bailado Contemporâneo - um conjunto de três coreografias de Vasco Wellenkamp - "Missa", "Duo Appassionato" e "A Lua Vai Pelo Céu Com Um Rapaz Pela Mão".

"Missa em Dó Menor KV 427" de Amadeus Mozart será a banda sonora da primeira parte do espectáculo. O tema demonstra a colisão entre a sensualidade física e a espiritualidade com um leve tempero telúrico. Esta primeira é revestida de movimentos suaves e murmúrios em contraste com explosões enérgicas.

A parte intermédia, preenchida por "Duo Appassionato", conta com música de Webern, e apenas dois intérpretes. Este duo encerra-se num espaço agonizante delineado por cadeiras onde a paixão e o amor estão nos seus limites.

O espectáculo termina com uma homenagem a Federico Garcia Lorca através das metáforas da vida, da terra, da morte e da compaixão. Nas palavras de Vasco Wellenkamp, este "é um bailado inspirado em imagens da poesia de Garcia Lorca". "A Lua Vai Pelo Céu Com Um Rapaz Pela Mão" faz em Coimbra a sua estreia nacional.

Vasco Wellenkamp apresenta um espectáculo tripartido sem nenhuma temática especial a ligar as diferentes partes. O coreógrafo faz, assim, uma forte aposta na variedade em que procura "dar ao público três facetas do trabalho da companhia e criar um programa que evolua de um estado de espírito para outro".

O artista acrescenta que "há um perfil técnico da companhia que trespassa as três obras. Elas são as várias formas que há de ver e fazer a dança". A aposta vai para um "programa extremamente variado, com uma companhia muito amadurecida e com grandes bailarinos". Wellenkamp adianta ainda que "o espectáculo é acessível e pode ser visto por todas as pessoas".

"Só na experiência da prisão, nem que seja

Consideram–no distraído mas aos 80 anos é senhor de uma lucidez rara. Eduardo Lourenço vive em Vence, França, onde vê e escuta Portugal. Pensa-o, escrevendo escritos que Portugal reconhece, cita e reescreve

SÓNIA NUNES
JOÃO VASCO

A mesa cheia de jornais e revistas deu início à conversa. "Estou a instruir–me", disse. Nas duas horas que se seguiram, Eduardo Lourenço falou da actual situação do socialismo, da temporalidade, da solidão, do isolamento, das primeiras histórias e recordou a passagem por Coimbra. Teve ainda tempo para revelar o seu maior sonho: sobrevoar a morte. Como fez questão de sublinhar, esteve perto de fazer um ensaio.

O livro "Tempos de Eduardo Lourenço: uma Fotobiografia" é apresentado numa altura especial: os seus 80 anos. Disse que, nos seus momentos mais eufóricos, nunca pensou atingir uma idade tão canónica e profética. Mas atingiu...

Quem é que pensa? O tempo é uma coisa *que nos atravessa. Mas é sobretudo uma espécie* de magma onde estamos imersos. Todos! O tempo passa sem passar, sobretudo, o tempo passa para o lugar dos outros. Envelhecemos, como se diz. Mas cada um de nós, só tem um tempo, um tempo que ninguém mais apreende.

Quando é que cometeu o "pecado original"?

Os gregos diziam que o pecado original é a vida. Em termos mais modernos, é o nascimento. Saímos desse conforto materno e somos lançados no mundo. É a condição da própria existência. Em termos míticos, a cultura a que pertencemos inventou essa ideia do momento. Esse sim objectivamente eterno. O paraíso do qual saímos colectivamente.

O nascimento é, portanto, esse momento de tomada da consciência humana?

No nascimento ainda estamos na placenta e nela continuamos na infância. Mas a infância não é uma coisa particularmente feliz. Há um dramatismo que tem que ver com a tomada de consciência.

E a sua infância, foi feliz?

Como se diz, globalmente feliz (risos). Aqui nem há o tempo para fazer detalhe. Ela é feliz ou não. Mas é curioso. Já há um certo conhecimento, não de solidão, mas de isolamento. Somos sete irmãos. Mas eu estava um pouco separado, era o primeiro, era quase um filho único. Esse lugar foi muito marcado por isso.

A primeira solidão

Quando é que começou a viajar com os livros?

(Sorriso) Muito cedo, logo que soube ler! Na cultura do meu meio não havia estas iniciações precoces. Agora os meninos começam muito cedo a associar as palavras. Naquela altura esperava–se pelos sete anos. E de todos os livros, é o do segundo ano [da escola primária] o que procuro, o livro que não encontrarei. É um livrinho de estórias em papel pardo, muito popular, muito pobre. É aí que começa a História. E uma das histórias (pausa) Porquê essa e não outra?... (silêncio) Uma história triste, de uma velhota. Não sei se identificava esse personagem com a minha avó... quando íamos para o campo ficávamos num grande silêncio e ao mesmo tempo numa grande felicidade. Houve outra história que me marcou muito. Um homem do séc. XIX, católico, fervoroso, teve problemas com a Igreja. Chamava–se Lamené. Foi excomungado e refugiou–se na Bretanha na companhia de um gato. É curioso. O que une uma história à outra é a tristeza e a solidão.

> **"Saí do país mas estou sempre cá, mais do que se estivesse cá realmente"**

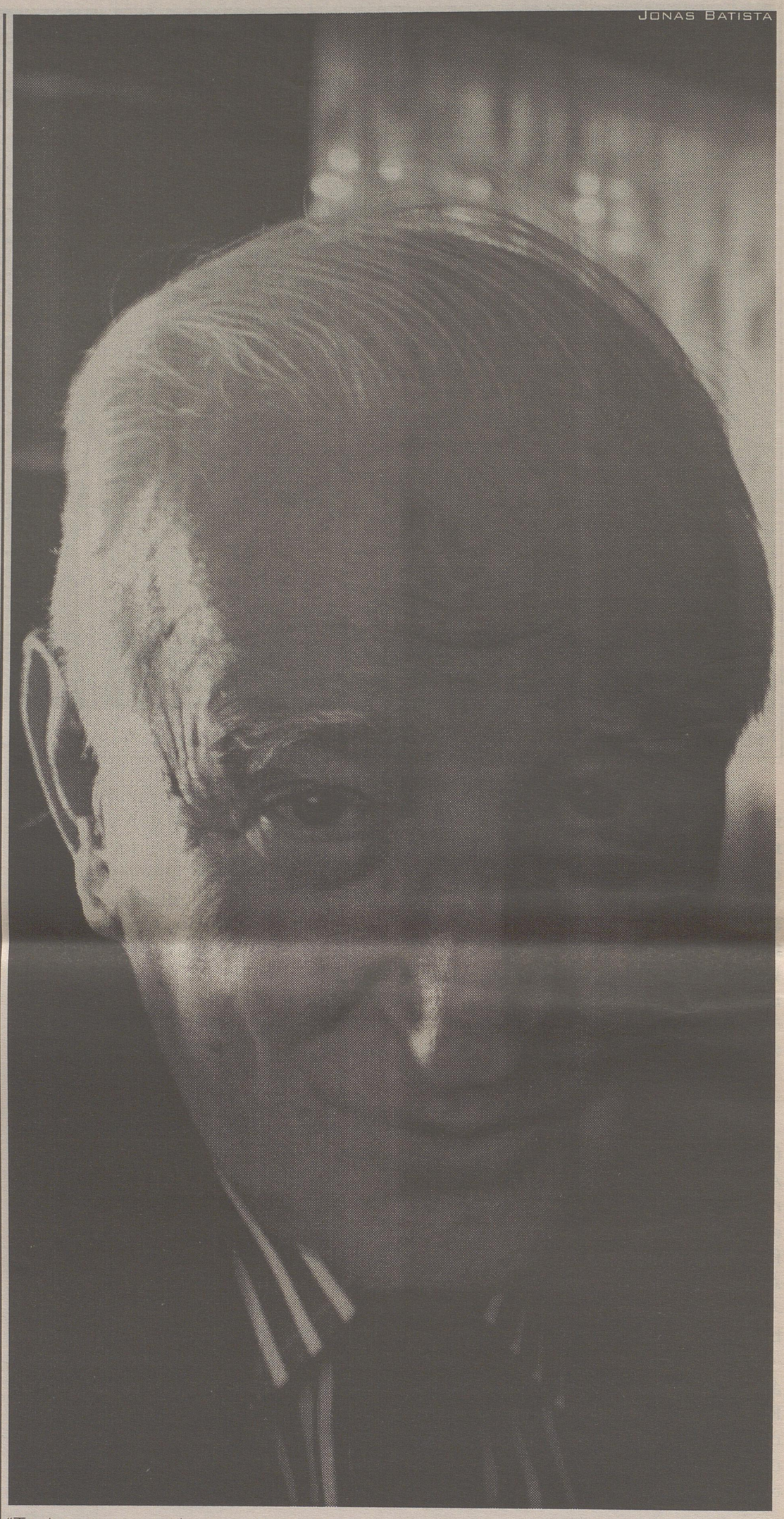
Reconheceu–se nessa solidão?

Reconheci–me nessas primeiras ficções, só depois vieram outras. Lá em casa havia muitos livros de história, de geografia. Havia sobretudo uma enciclopédia pela imagem. Foi uma espécie de vídeo para as novas gerações, uma fonte de sonho, de aventuras imaginárias, de histórias. O meu pai estava sempre ausente, a minha mãe não tinha formação para isso. Vivi tudo isto sem trocar nenhuma experiência com os que me rodeavam, nem com os rapazes da minha idade. O universo autónomo, que se formou para mim de tipo fictício, onírico, é esse, fundamentado na enciclopédia pela imagem. Isso e um gosto imenso pela história.

E pela filosofia.

A filosofia é muito mais tarde. Só no sexto ou sétimo ano. Era uma aprendizagem absurda das doutrinas. Não lía-

JONAS BATISTA



"Tenho sempre a impressão que estou a estrear–me, triste e deliciosamente"

Tempos de vida

Eduardo Lourenço de Faria nasceu a 23 de Maio de 1923 na aldeia de S. Pedro de Rio Seco, distrito da Guarda, numa família de poucas posses. A infância é marcada por uma aparente solidão, apesar dos seis irmãos. O pai passa muito tempo longe de casa. A mãe cuida dos filhos e cedo começa a marcar o pequeno Eduardo com a sua religiosidade e ruralidade. É assim, neste ambiente de profunda relação telúrica, que Eduardo Lourenço começa a ler os primeiros livros, a interessar–se pelas pequenas estórias, pela história, pela geografia.

Dos 11 aos 17 anos estuda no Colégio Militar da Guarda. O seu primeiro exílio. Segue–se Coimbra e o curso de Ciências Histórico–Filosóficas. Aqui, em 1943, começa a colaborar com a revista Vértice e os seus escritos não mais pararão. Em 1949, já licenciado, publica "Heterodoxia", o primeiro livro. Porém, o seu espírito inquieto convida-o, em 1953, a sair de Portugal rumo à Alemanha.

Percorre o mundo, acabando por se estabelecer em Nice, como professor, até se jubilar em 1988. Desde 1965 vive em Vence onde parece ter encontrado o seu poiso. Em 1973 publica "Fernando Pessoa Revisitado", livro que Carlos de Oliveira dizia ser a melhor definição de Eduardo Lourenço. Cinco anos mais tarde é editado "O Labirinto da Saudade - Psicanálise Mítica do Destino Português". A década de oitenta fica marcada pelos prémios Imprensa Nacional Casa da Moeda e Charles Veillon. Em 1996 recebe o galardão maior da literatura portuguesa, o prémio Camões e, desde então, publica diversos textos em jornais ou revistas, tornando–se numa das vozes nacionais mais citadas. Pelo meio escreve "O Esplendor do Caos" e, claro, vai acrescentando mais algumas páginas ao seu já longo diário, do qual perde constantemente as páginas e não quer editar. Porém, "se algum dia se lembrarem de o editar chamem–lhe 'A Casa Perdida'", relembra o homem que "pensa, como as aves voam".

Eduardo Lourenço em entrevista

de um dia, sabemos que somos pássaros"

mos uma única linha de um filósofo. A filosofia faz–se com filósofos e não com as opiniões dos professores. Isto era um dos defeitos. Não sei, melhorou?

O estudante "Abstracto"

Como chega a Coimbra?

Foi muito curioso. No último ano que estive no colégio já devia ter qualquer gosto por essas considerações de tipo genérico, abstractas. Sem saber muito bem, fiz os exames para entrada na universidade, no curso de Histórico–Filosóficas. No decorrer do curso, as matérias filosóficas começaram a interessar–me mais do que a história só por uma razão: tive a sorte de ter grandes mestres da história da filosofia. Os de história eram mais conservadores. Acabei o curso e convidaram–me para ser assistente aqui na universidade.

Como era o ambiente científico em Coimbra? A cidade era senhora de uma hegemonia cultural?

Naquela altura ainda a hegemonia cultural e mítica de Coimbra era evidente, particularmente em matérias de humanística. Era a Universidade. Quase que se podia fazer uma separação perfeita em duas pastas: os estudantes e os futricas. Estavam lado a lado, mas era como se fossem dois mundos separados: um mais especializado em fazer doutores, outro mais modesto. O que correspondia, aliás, à divisão geral do país.

E o ambiente académico?

Na década de 40 começa–se a notar uma clivagem ideológica marcada por uma minoria muito politizada - a geração neo–realista. Interessa–se pelo que se passa no mundo e sobretudo segue os efeitos da Revolução de Outubro e da experiência da Rússia. Era uma reacção suscitada pela Revolução de 1917. Coimbra sentiu essa clivagem. Uma nova geração começava a ficar fascinada por uma nova construção enquanto outra estava mais de acordo com o regime. A academia estava dividida em duas.

E onde é que se situava?

(Risos) No primeiro ano não fiz nada. Vendi as sebentas e fiquei à espera do exame de filosofia. Quando entrei, conheci figuras da geração d'O Partido [PCP], que tinha renascido em 1940. Quando houve as primeiras eleições académicas entre aquilo a que se pode chamar esquerda e direita, perdemos porque a nossa exigência de progressistas era a de que as meninas deviam votar. Foram as meninas que nos fizeram perder, naturalmente (risos). Entretanto, o clima internacional modificou–se, com a vitória da democracia na II Guerra [Mundial]. Isso foi interpretado como uma vitória da oposição que havia em Portugal e o Salazar, em pânico, chega a prometer eleições livres. Saímos para a rua a assinar listas para pedir eleições. É claro, nunca houve eleições, mas ficámos nas listas. Quem estava nas listas foi ter às mãos da polícia. Os democratas daquela época eram muito ingénuos e a primeira coisa que fizeram foi entregar as listas (risos). Mas éramos uma minoria. Ao inscrever–se na luta contra a URSS, o regime adquiriu uma nova legitimidade. Costumo dizer que se o Salazar não tivesse caído da cadeira ainda estava aí para durar.

Entre os estudantes era conhecido como "O Abstracto".

(Risos) Em certa parte sim... (risos) porque em 1952 um amigo meu, que vivia em Paris, fez aqui uma exposição de arte abstracta. Estava na moda. Não tinha categoria como arte abstracta. Era muito pobre! Coimbra inteira correu para a Baixa para ir ver aquilo. Uns indignados, outros, muito sérios, queriam saber o que é que significavam aqueles quadros. Não significavam absolutamente coisa nenhuma. Eu e o Manuel de Oliveira Simões, numa noite, demos títulos àqueles quadros... os que nos passavam pela cabeça! Ao ver as pessoas indignadas com o que estávamos a fazer, senti que tínhamos levado a brincadeira longe demais. Foi nessa altura que me chamaram "O Abstracto" (risos).

> **"Gostaria de ter 30 mil pessoas que me lessem. Invejo imenso a literatura light"**

"Estou isolado, não estou solitário"

Quando sai de Portugal em 1953, sai zangado com o país?

Não nos podemos zangar com um país. Não estava é à vontade cá! Era alguém que respirava mal no país. Não era só a falta de uma liberdade abstracta. Era a atmosfera pouco viva. As pessoas vigiavam–se umas às outras, como nas aldeias. No mundo urbano o indivíduo tem mais liberdade de expressão e de acção. Mas a vida intelectual do país, da universidade, não tinha audácia - uma crítica que vem já da Geração de 70 e que se fazia a Coimbra.

> **"Somos essa coisa onde o mundo se pensa e se pensa o mundo"**

Como vê Portugal a partir do estrangeiro? Sente–se o "grande irmão" no sentido orwelliano do termo?

Não. Quando fui para fora, havia de facto a ideia de que não estávamos na Europa. Queríamos ser, mas não éramos ainda Europa. Hoje, objectivamente, Portugal pertence à Europa. Não está marginalizado. Saí do país mas estou sempre cá, mais do que se estivesse cá realmente. Escuto Portugal. Quero cá estar, sabendo que não estou. Mas, talvez volte para me fixar...

Vence é a imagem do intelectual isolado?

Estou isolado, não estou solitário. Estou num sítio magnífico. Um dia, o Vergílio Ferreira dizia–me que eu era muito português e que devia trocar Vence por Fontanelas. Mas quem é que quer trocar Vence por Fontanelas? (risos) Estou isolado só ao nível sócio–cultural.

"Não sou um autor fácil"

Hoje, sente–se reconhecido?

Seria uma vaidade parva, um pouco absurda, negar que tenho algum reconhecimento por parte de uma certa classe intelectual do país. Durante anos e anos escrevi para o boneco. A cada livro que aparece sou sempre um novo autor. Tenho sempre a impressão que estou a estrear–me, triste e deliciosamente. Não sou um autor fácil. Compreendo que muitas pessoas não me conheçam. Por isso, invejo imenso aquelas senhoras que conseguem vender 30 mil exemplares. Gostaria de ter 30 mil pessoas que me lessem. Invejo imenso a literatura light. Todas as culturas têm a sua, não há problema algum.

Sente que o autor Eduardo Lourenço tem algum conforto na eternidade?

Cada um de nós vive em função de um determinado número de ficções. Camões e outros grandes criadores estão sempre a sofrer uma contínua metamorfose. O que é Homero? É um nome. Existe uma contínua reactualização. A cultura não é outra coisa senão uma reiniciação contínua.

Costuma pensar na morte?

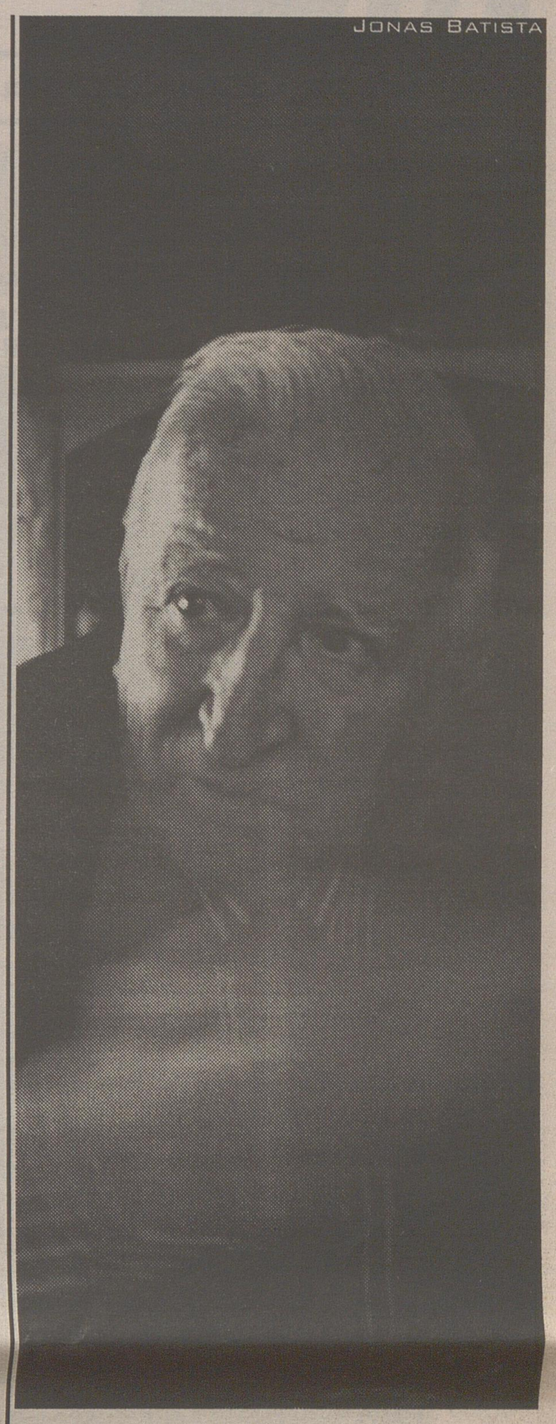
Já pensei mais. Nós não precisamos de pensar nela, ela pensa em nós. Ela é a primeira expressão da convivência. O primeiro obstáculo com que nos deparamos é a morte do outro. Não é preciso um particular exercício, basta notar: "Tu és mortal". Quanto mais vivemos, menos pânico sentimos pela morte. À medida que se envelhece é como se essas pulsões, esse envelhecimento, se atenuassem.

Qual é o seu grande sonho, o seu grande desejo?

Voar. Sobrevoar a morte. Sair da condição de mortal. Fugir. Qual é das imagens que temos a que mais nos fascina? É voar. Tornarmo–nos anjos, termos o dom da ubiquidade. Só na experiência da prisão, nem que seja de um dia, sabemos que somos pássaros.

Como consegue esta lucidez?

Somos essa coisa onde o mundo se pensa e se pensa o mundo. Sempre soube isso. Mas, com 10 anos de idade era incapaz de o formular. O essencial sempre esteve connosco. Nós pensamos, como as aves voam.



JONAS BATISTA

Eduardo Lourenço

O socialismo português

"Se me tivesse interessado por alguma militância partidária, seria pelo PS", afirma Eduardo Lourenço. Não sabe ao certo se é filiado. Recorda a reunião que levantou a fundação do partido, em 1973, e a carta de Mário Soares a convidá–lo para ingressar na política. Responde–lhe que "um intelectual devia preservar a sua inscrição taxativa" no mundo e considera a proposta. Porém, só após o 25 de Abril, numa época em que eram frágeis as primeiras manifestações democráticas, é que se inscreve no partido. "Mas o PS já era o partido que é e será. Quando passou esta ameaça, já não tinha interesse nenhum, perdi as fichas. Não fui lá outra vez matricular–me, era o que faltava! Eles que encontrem a ficha primeiro!".

A 16 de Maio deste ano, diz que a "esquerda está de luto". Uma semana depois, após a prisão preventiva de Paulo Pedroso e as suspeitas que recaem sobre Ferro Rodrigues, explica que "este luto é diferente. Já não é de ordem política, é mais grave!" Se a situação é "real ou fantasmagórica" não sabe. O certo é que "o rumor é tão forte e tão actuante como se fosse realidade. Não é bom para o PS, não é bom para a classe política em geral e não é bom para a democracia que se reinventou penosamente neste país, desde o 25 de Abril".

Artes Feitas

Ouve-se

A nova câmara de eco

NUNO PAIVA

As manobras furtivas de Burnt Friedman correspondem sempre a experiências sonoras reveladoras de grande inovação e criatividade.

No seu papel de agente da música electrónica, Burnt Friedman expande-se numa esquizofrenia saudável em projectos como "Some More Crime", "Nonplace Urban Field", "Drome" e "Flanger" (dividido com Atom Heart). Também o faz através dos Replicant Rumba Rockers, onde revê as perversidades electrónicas de Atom Heart, atentadas às sonoridades latinas. Ainda algumas edições em nome próprio ou mesmo auxiliado por Jaki Liebezeit - o ex-"Can" e lenda viva da percussão.

A combustão morna de dub instrumental alcançada no primeiro disco de 1999 com os "Nu Dub Players"- "Just Landed" é insuflada neste novo vôo - "Can't Cool", desenvolvido desde há três anos e lançado agora na própria editora de Burnt Friedman, a Nonplace.

Tendo como opção minimizar a utilização de elementos electrónicos e alargar o contingente de músicos de quatro para vinte elementos (oriundos de diversos pontos do globo como Nova Zelândia, Austrália ou Alemanha), é possível regressar à génese: a gravação em estúdio, que vem contrariar a presente era do digi-dub (descubra-se, por exemplo, "Wild Life Documentaries" de Deadbeat). Alguns nomes das raízes do reggae são citados como inspiração: King Tubby e Lee "Scratch" Perry ou mesmo outros mais incógnitos - Scientist, Prince Jammy, Dennis Bovell, Aquarius...

Burnt Friedman & The Nu Dub Players
"Can't Cool"
Nonplace, 2003



O abecedário do dub pode ser identificado em temas como "fly your kite", mas o primeiro aviso deste novo híbrido é dado em "fuck back". Este título é interpretado de forma reaccionária pelo artista Theo Altenberg, e estimulado pela precisão rítmica de Jaki na percussão, executada de uma forma pouco convencional e explorando territórios afro-funk, com convulsões de trompete súbitas *que rasgam o trajecto esperado.*

A voz de Lovetta Pippen em "Someday My Blues Will Cover The Earth" coloca o disco, por momentos, numa trajectória única de sensibilidade e o seu final é a partida para quatro temas instrumentais que confirmam os restantes ecos, reverberações ou outros efeitos aguardados, concluindo assim este novo capítulo.

Se a sazonalidade estival assim o exige, "Can´t Cool" é a banda sonora ideal para as tardes preguiçosas de mercúrio dilatado ou para as noites que agora nos abraçam quentes...

B + T ao quadrado = Elixir da eterna juventude

HUGO FERREIRA

Eis que chegamos ao período anual mais fértil no que toca aos lançamentos discográficos.

Antes do Verão começamos a ouvir os novos ritmos do mago negro de bristol (Tricky está de regresso com "Vulnerable"), a surpresa dos norte-americanos "Postal Service", dois elementos dos Depeche Mode lançam discos a solo (Martin L Gore recria músicas de outros e Dave Gaham avança numa prometedora carreira a solo), Johny Cash volta às maravilhosas versões e ouve-se (agora via single oficial) o novo e genial registo dos Radiohead que já deve ter chegado (em mp3) a dois terços dos computadores ligados à internet.

O próprio mercado nacional vai-se agitando com lançamentos de David Fonseca, Mesa, Blind Zero, Spaceboys e Primitive Reason.

Blur
"Think Thank"
EMI, 2003



Enfim, pelo meio ficam os mais inventivos e criativos representantes do brit pop que depois de aventuras do seu vocalista em projectos como Gorillaz e Mali Sings, perdem o guitarrista Graham Coxon e lançam um disco com a mão de Norman Cook (conhecido por muitos como Fatboy Slim).

A tripla de abertura de "Think Thank" deixa-nos atónitos, sem saber o que dizer deste novo filhote; entre o experimentalismo, a pop perfeita e o rock quase electro ficamos com a certeza que os Blur continuam a crescer e que faz cada vez menos sentido pensar na estúpida guerra "Oasis Vs Blur", numa época em que os Suede já desceram mais do que deviam, os Blur tomam as rédeas da Brit Pop e reclamam com toda a legitimidade o seu lugar de destaque no panorama musical actual.

Não deixa de ser surpreendente que uma banda "de massas" continue a fazer o que bem quer e lhe apetece; é que, para além de terem sabido gerir muito bem a carreira, os elementos dos Blur são óptimos músicos e têm sabido investir em novos caminhos e novos rumos que levam a pop para paisagens muito pouco exploradas, criando a cada disco que passa um trabalho que tem capacidade para chegar aos tops e que transpira novos rumos.

Longe vãos os tempos dos ritmos fáceis de "Country House" e neste novo "Think Thank" reconhecemos uns Blur que pouco ou nada têm a ver com uma banda mainstream, que soube absorver o que de melhor foi acontecendo na música actual. Podia-se pensar que o facto de trabalharem com Norman Cook ou William Orbit resultasse num disco de dança, mas tanto o rock como a própria soul ou o punk ("We've got a file on you") e a noção primária de canção pop continuam a marcar pontos em quase todos os temas, até as influências da world music deixam a sua impressão digital num dos melhores temas do disco "Jets".

Os Blur continuam iguais a si próprios, como que distribuindo a cada disco que passa o elixir da eterna juventude. Nós agradecemos a dádiva e suplicamos por um novo concerto em Portugal.

Em_Linha

A informação que recebemos

NUNO CURADO
NCURADO@IPN.PT

Cada vez mais somos bombardeados com acontecimentos do mundo inteiro seja na televisão, na rádio ou nos jornais. Cada dia se torna mais difícil conseguir saber realmente o que se passou porque a informação provém quase toda dos mesmos canais. Temos como exemplo recente a guerra no Iraque, em que quase tudo o que se via nos telejornais vinha de fontes muito próximas de um dos lados. Para conseguir sobreviver a este excesso de informação, é necessário ir mais fundo. Hoje ficam aqui três lugares alternativos. Claro que a informação contida nestes sítios pode não ser correcta, mas a decisão sobre em que acreditar fica sempre dentro de cada um de nós.

Desinformar

O Disinformation nasceu em 1996 para servir as notícias que não são visíveis no mundo dos média pertencentes às corporações. O sítio está dividido em várias secções que abrangem áreas tão distintas como o activismo, paranormal, política, ciência e sexo. Depois de se escolher o tema é-nos apresentada uma lista de artigos mais recentes ou relevantes e ligações para os outros artigos ou documentos. Tem também uma newsletter e é possível obter uma conta de correio electrónico no sítio. Tendo em conta que para sobreviver é necessário pagar as contas há também uma loja onde se pode comprar DVD's, livros, T-Shirts, canecas, chapéus, lancheiras e até roupa interior com o logo do Disinformation. Só não percebo a secção com anúncios pessoais...

http://www.disinformation.com

O buraco da memória

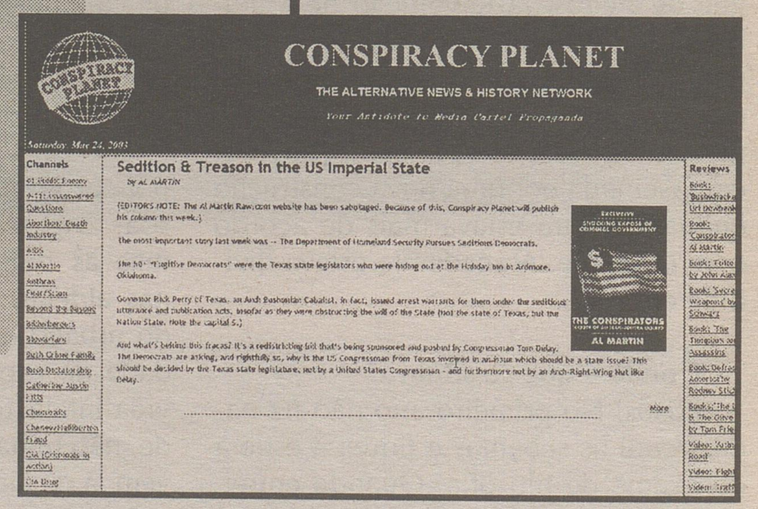
O Memory Hole tem como objectivo preservar a informação garantindo a liberdade da informação. O colectivo de pessoas que trabalha aqui tenta descobrir as notícias adulteradas nos media de todo o mundo. Infelizmente este sítio não tem uma boa organização. Há uma secção central com resumos dos últimos artigos, o lado direito está dividido entre a escolha da semana e a secção newswire que contêm notícias interessantes. No lado esquerdo existem várias secções, tais como um blog, uma secção da "guerra do golfo 2", novidades e uma secção sobre como dar dinheiro a quem organiza o sítio para ele poder continuar a funcionar.

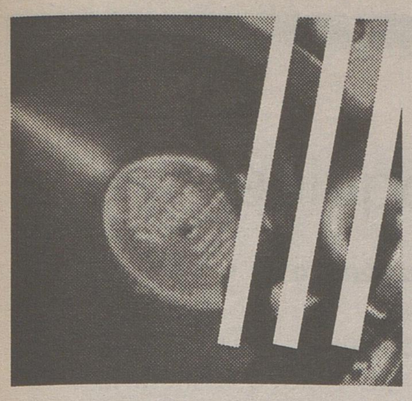
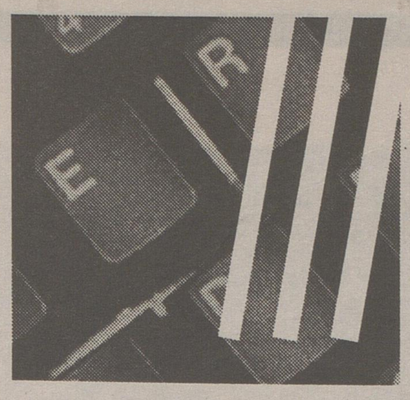
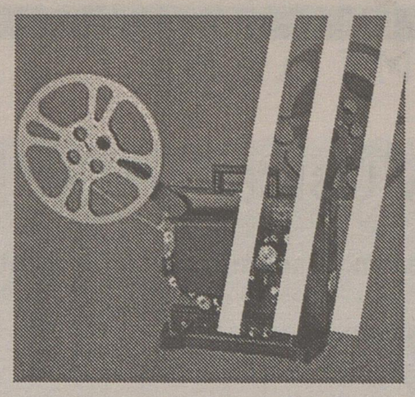
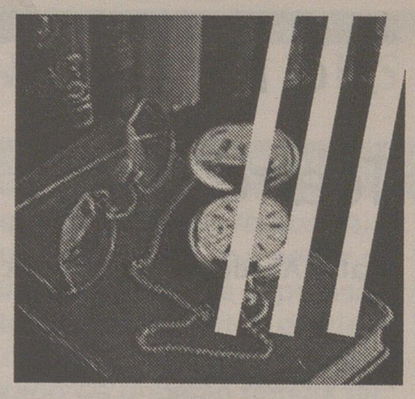
http://www.thememoryhole.org

O planeta das conspirações

Conspirações e teorias sempre as houve, mas nunca o planeta esteve tão contactável como agora para as ideias se espalharem. O planeta das conspirações considera-se a alternativa credível às notícias e à História. O lema deles é "O seu antídoto contra a propaganda do cartel dos media". É uma página simples, organizada por canais. Cada canal tem um resumo do acontecimento, uma ligação à história completa, ligações a outros sítios na Internet e um fórum de discussão. Há temas para todos os gostos. Pode ser sobre o verdadeiro inimigo número um, a SIDA, vacinas, os edifícios do World Trade Center, o controlo de armas, etc.

http://www.conspiracyplanet.com


CONSPIRACY PLANET
THE ALTERNATIVE NEWS & HISTORY NETWORK
Your Antidote to Media Cartel Propaganda
Saturday, May 24, 2003
Channels
Sedition & Treason in the US Imperial State
by AL MARTIN
EDITORS NOTE: The Al Martin Raw.com website has been sabotaged. Because of this, Conspiracy Planet will publish his column this week.)
The most important story last week was -- The Department of Homeland Security Pursues Seditious Democrats.
The 50 "Fugitive Democrats" were the Texas state legislators who were hiding out at the Holiday Inn in Ardmore, Oklahoma.
Governor Rick Perry of Texas...an Arch Bushonian Cabalist. In fact, issued arrest warrants for them under the seditious utterance and publication acts, insofar as they were obstructing the will of the State (not the state of Texas, but the Nation State. Note the capital S.)
And what's behind this fracas? It's a redistricting bill that's being sponsored and pushed by Congressman Tom Delay.
The Democrats are asking, and rightfully so, why is the US Congressman from Texas involved in an issue which should be a state issue? This should be decided by the Texas state legislature, not by a United States Congressman - and furthermore not by an Arch-Right-Wing Nut like Delay.
More
THE CONSPIRATORS
AL MARTIN
Reviews

Vê-se

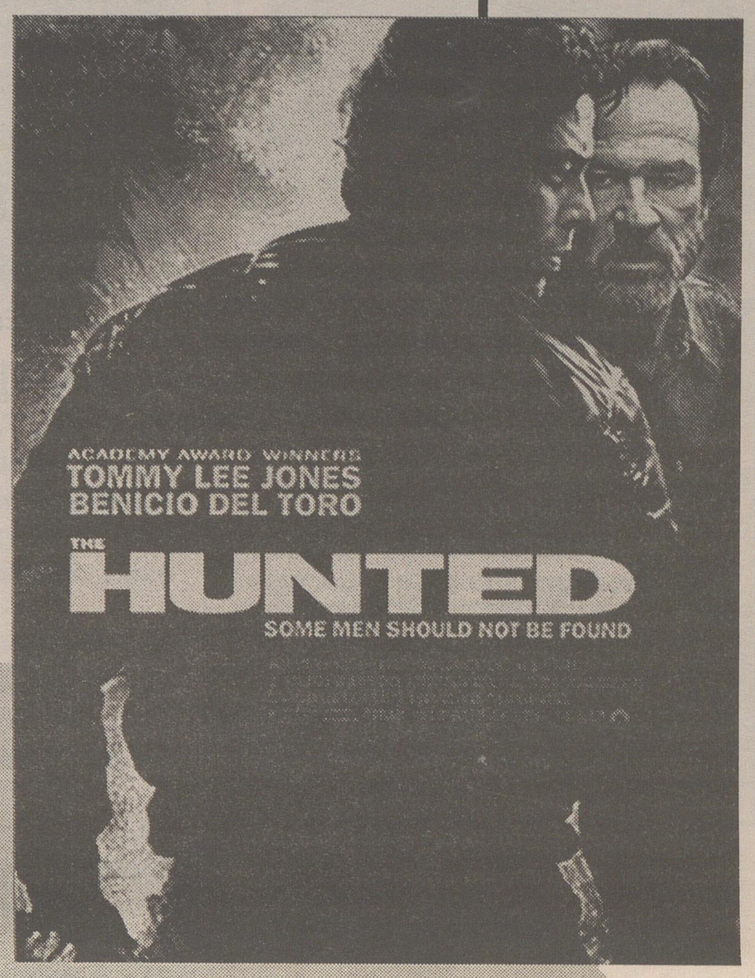
"The Hunted", realizado por William Friedkin

GUSTAVO SAMPAIO

"The Hunted" (ridiculamente traduzido em português para "O Batedor", que significa indirectamente o oposto), realizado por William Friedkin (autor de "Os Incorruptíveis Contra A Droga", em 1972, ou de "O Exorcista", em 1973), inicia–se no contexto da intervenção militar da NATO no Kosovo (região da antiga federação da Jugoslávia) na altura dos graves conflitos étnicos entre sérvios e albaneses que ocorreram naquele território. Numa aldeia maioritariamente habitada por albaneses está a ser levada a cabo por forças militares sérvias mais uma operação de genocídio, matando–se indiscriminadamente todos os indivíduos de etnia albanesa, incluindo mulheres e crianças, de uma forma cruelmente bárbara. Paralelamente a todo este horror, desenrola–se uma operação especial orquestrada pelas forças da NATO infiltradas no território com o fim de eliminar um importante general sérvio, alegado responsável por sucessivos actos de genocídio cometidos pelos militares sérvios. A operação conta com o precioso auxílio dos bombardeamentos aéreos das forças da NATO no local e desenvolve–se em torno de um batedor (interpretado por Benicio Del Toro) que tem a missão de matar o general sérvio.

Ao nível ideológico, o filme é eficaz na forma como mostra as atrocidades cometidas pelos militares sérvios, as execuções sumárias e indiscriminadas, os corpos a serem atirados para dentro de valas, mas torna–se demasiado previsível e simplista nas constantes citações sobre o conflito, entre as quais se destaca o conveniente grande plano de um quadro com a figura do ex–presidente sérvio Slobodan Milosevic, em jeito de despudorada culpabilização. De salientar também o diálogo entre o general sérvio e um outro oficial: "Devemos matar os que restam?", questiona o segundo, "Não, as bombas da NATO encarregam–se disso", responde o primeiro. De facto, os bombardeamentos aéreos das forças da NATO no Kosovo causaram muitas mortes na população civil, apesar do digno princípio que norteou a intervenção militar no território (a NATO decidiu intervir no Kosovo, sem o aval do Conselho de Segurança das Nações Unidas, de forma a evitar o agravamento do genocídio que estava a ser cometido naquela altura, temendo as semelhanças com o genocídio no Ruanda que se deveu em parte ao alheamento da comunidade internacional). E os efeitos dos bombardeamentos continuam a fazer–se sentir nas populações do Kosovo, tendo sido provado que as bombas da NATO continham urânio empobrecido que infectou nocivamente o solo e a água.

Após esta missão, o batedor do exército norte–americano que concretizou a execução do general começa a sofrer graves perturbações mentais relacionadas com o trauma que viveu no interior daquela guerra horrenda. Treinado de forma intensiva para matar, o batedor torna–se numa pessoa perigosa e descontrolada. Algum tempo mais tarde acaba por esventrar literalmente dois caçadores, confirmando–se a grave perturbação psicológica com que vive. Começa então uma verdadeira caça ao homem, passando o batedor a ser o perseguido e não o perseguidor (daí o título de "The Hunted"). A ajudar as forças policiais na captura do criminoso estará precisamente o homem que o treinou no exército (interpretado por Tommy Lee Jones, um papel de perseguidor que tão bem conhece dos tempos de "O Fugitivo"). Seguem–se cenas



de grande acção, com perseguições policiais, choques de automóveis, fugas mirabolantes e mortes variadas, como um filme deste género sempre tem que apresentar. Algo para pensar, reflectir ou questionar? Nem pensar nisso...

Lê-se

Hölderlin
"Poemas"
Relógio D'Água, tradução de Paulo Quintela

ANDREIA FERREIRA

Falar de grandes poetas - e da poesia em geral - é uma tarefa quase inglória, dado o carácter meandroso que os constitui, exigindo–se um estudo aprofundado e humilde, de modo a manter o equilíbrio entre a crítica académica e o sentimento humano que roça a mera opinião. Não pretendo, pois, realizar uma crítica deste grande poeta e filósofo, esquecido durante muito tempo, mas somente apresentá–lo e aconselhá–lo.

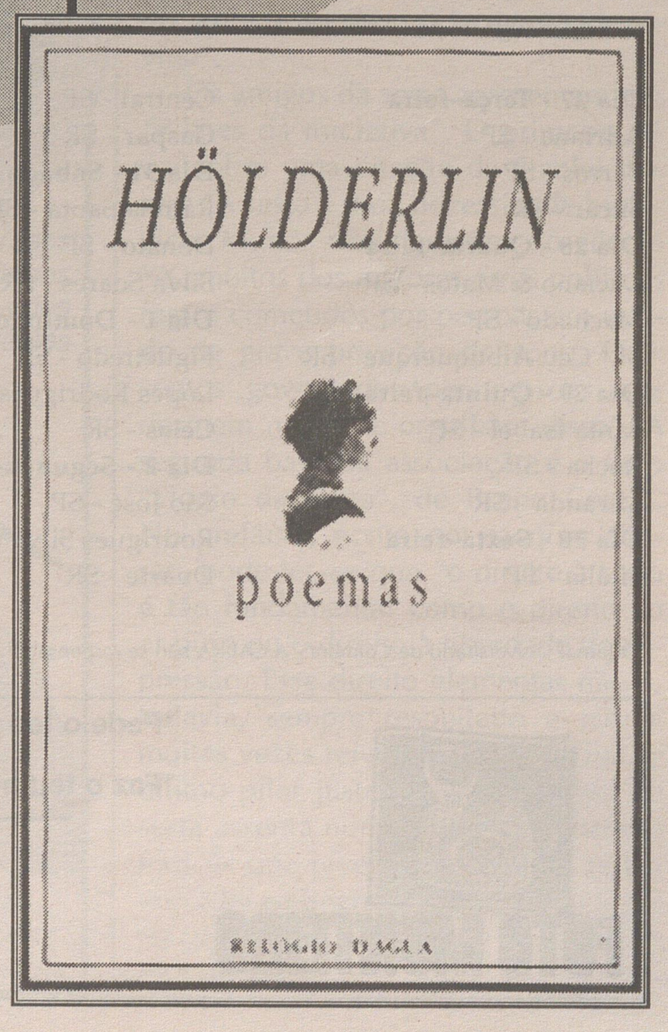
Friedrich Hölderlin, nascido na Alemanha em 1770, é, no dizer de Heidegger, "o poeta do poeta", cujo "demónio" interior o incita a percorrer um mundo longe do mundo dos homens, num caminho que se adensa e desemboca na loucura, de que morre em 1843. Este caminho para a loucura é–lhe consciente, mas imperioso face à vontade de o renegar, aceitando-o no seu ímpeto criador, relembrando a sua vida e a sua poesia - correlatas no poeta - a tragédia grega que, aliás, Hölderlin traduziu e publicou, em 1803, como consequência de um resgate à sua loucura, levado a cabo por dois dos seus amigos Schelling e Hegel, do tempo em que estudou em Tübingen.

Depois de estudar no seminário, como aluno pobre e inteligente que era, ingressou no Stift de Tübingen, que foi o início de relações próximas com grandes nomes da filosofia e literatura alemãs como Schelling e Hegel (amigos inseparáveis do poeta), Schiller e Fichte (cujos cursos frequentou) e, mais tarde, Göethe e Herder.

Ainda que publicando os seus escritos de forma regular, a profissão de Hölderlin foi, sobretudo, a de perceptor, que imprimiu à sua vida uma forma errática, tanto nos seus quotidianos - viajando para fora da Alemanha - quanto nos seus amores, sendo a sua paixão por Susette Gontard, a quem chama de "Diotima", - de cuja família era perceptor - constante no seu pensamento e sua poesia até ao fim da sua vida.

A poesia de Hölderlin não prefigura qualquer quadro crítico literário, oscilando os teóricos entre o classicismo e o romantismo, que, na Teoria da Literatura, assumem características diferenciadas, levando a uma necessidade de alargar os conceitos e furtando–se o poeta a qualquer catalogação. Ao ler Hölderlin tem–se a sensação de estar perante um mundo diferente, que nos recebe sem nos possibilitar a habitação nele, como um puro vislumbre do Éter, que permanece à nossa frente e que se escusa a qualquer apropriação, pátria de deuses que só Hölderlin conhecia, assumindo–se este como o seu interlocutor, situando–se num plano entre os homens e o que está para além. Hölderlin canta os homens, as suas dores, o patriotismo, exaltando–os aos deuses e mostrando estes aos homens, numa permanente dialéctica entre a Terra e o Céu, exilando–se de ambos, sendo esta concepção sacra da poesia e religiosidade perante a Natureza e a Vida a sua marca mais pungente.

Em 1806, a doença de Hölderlin exige que seja entregue aos cuidados de Zimmer, marceneiro de Tübingen, que o acompanha até à sua morte em 1843.



AGENDA

Teatro

Teatro Académico de Gil Vicente

Dia 1 de Junho
Companhia Hugo e Inês
Teatro de Marionetas

Teatro do Oprimido
Teatro de Intervenção Social

Dias 4 e 5 de Junho
Oficinas

Dia 6 de Junho
Apresentação Pública de Teatro Legislativo
Centro de Teatro do Oprimido

Oficina Municipal do Teatro

Dias 30 e 31 de Maio
Daquel Abrente
Centro Dramático Galego

Até 7 de Junho
"Daqui...Dali...D'Acolá..."
Teatrão

Teatro do Inatel

De 30 de Maio a 14 de Junho
Terra Plana
Camaleão

Praça da Canção

Dia 27 de Maio
Alma Grande, de Miguel Torga
Teatro O Bando

Jardim da Sereia

Dia 1 de Junho
Dogclowns
Criação colectiva da Associação Encerrado para Obras

Música

Teatro Académico de Gil Vicente

Dia 30 de Maio
Ildo Lobo e Rita Lobo
I parte: Coro dos Antigos Orfeonistas da Universidade de Coimbra, num espectáculo integrado no Festival José Afonso

Dia 31 de Maio
A Ilha dos Afectos
Encomenda de Coimbra 2003 a Carlos Martins

Dia 5 de Junho
Wazimbo e Roberto Chitsonzo
I parte: Segue–me à Capela

Páteo das Escolas

Dias 6 e 7 de Junho
Ópera Inês de Castro
Ópera em III actos, de Giuseppe Persiani, com encenação de Carlos Avilez

Dança

Teatro Académico de Gil Vicente

Dias 28 e 29 de Maio
Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo

Dia 4 de Junho
O Flautista
CêDêCê - Companhia de Dança Contemporânea

Dias 6 e 7 de Junho
Oficina de Danças Africanas
Baseada em Danças Étnicas da Etnia Mandinga

Museu dos Transportes

De 5 a 7 de Junho
Existência
RE.AL

Exposições

Teatro Académico de Gil Vicente

De 5 a 15 de Junho
Exposição de fotografia Mu(Dança)Arquitectura

Até 8 de Junho
Me You Us/Jag Du Vi/Eu Tu Nós
Exposição conjunta Yorkshire Crafts Center, ESAD, Proteko/Programa 2000 da União Europeia

Escola Secundária Jaime Cortesão

Até 29 Junho
O Menino com Olhos de Gigante
Exposição de fotografia com um núcleo para invisuais, de Paulo Abrantes

Casa Municipal da Cultura de Coimbra

Até 2 de Junho
Exposição sobre Fernando Namora

Edifício Chiado

Até 29 de Junho
Segunda Mostra da Pintura Portuguesa Contemporânea nas Colecções Particulares de Coimbra

Centro de Artes Visuais/Encontros de Fotografia

Até 15 de Junho
Mostra de obras do artista mexicano Gabriel Orozco

Colóquios

Teatro Académico de Gil Vicente

Dia 29 de Maio
O Século das Gerações Literárias
Projecto em Torno do Século de Ouro
Coimbra, Capital Nacional da Cultura

Cinema

Girassolum Coimbra

Matrix Reloaded
De: Andy & Larry Wachowski
Sala 1: 14h15, 16h45, 19h15, 21h45

Below - Maldição Submersa
De: David N. Twohy
Sala 2: 14h30, 17h00, 19h00, 21h30

Cinemas Millenium - Avenida

Matrix Reloaded
De: Andy & Larry Wachowski
Cine Teatro: 14h00, 16h40, 19h15, 21h50, 00h30

O Batedor
De: William Friedkin
Estúdio 1: 13h45, 15h45, 17h45, 19h45, 21h45, 00h00

Bowling For Columbine
De: Michael Moore
Estúdio 2
Sexta a Seg: 14h10,16h30, 19h00, 21h30, 00h15
Terça e Quinta: 14h10, 16h30, 19h00, 00h15
Quarta: 14h10, 16h30, 21h30

Sessão Especial: Às Segundas ao Sol
De: Fernando Leon de Aranoa
Terça: 19h00
Quarta: 19h00, 00h15
Quinta: 19h00

Farmácias de serviço

SP: Serviço Permanente - 9.00h às 9.00h SR: Serviço de Reforço - 9.00h às 22.00h

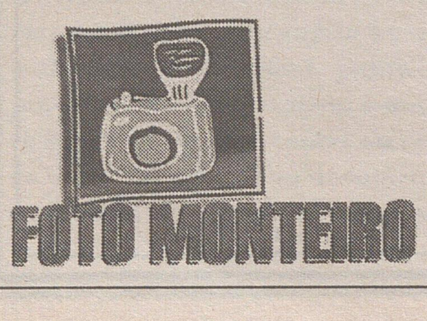
Dia 27 - Terça–feira
Adriana - SP
Barros - SP
Silcar - SR
Dia 28 - Quarta–feira
Luciano & Matos - SP
Machado - SP
M.ª Céu Albuquerque - SR
Dia 29 - Quinta–feira
Santa Isabel - SP
Rocha - SP
Miranda - SR
Dia 30 - Sexta–feira
Sitália - SP
Central - SP
Gaspar - SR
Dia 31 - Sábado
Rainha Santa - SP
Donato - SP
Silva Soares - SR
Dia 1 - Domingo
Figueiredo - SP
Lopes Rodrigues - SP
Celas - SR
Dia 2 - Segunda–feira
São José - SP
Rodrigues Silva - SP
Duarte - SR
Dia 3 - Terça–feira
Estádio - SP
Universal - SP
M. Nazaré - SR
Dia 4 - Quarta–feira
Batista - SP
Cruz Viegas - SP
Paiva - SR
Dia 5 - Quinta–feira
Nazareth - SP
Oliveira Ramos - SP
São Sebastião - SR
Dia 6 - Sexta–feira
Santa Cruz - SP
São Martinho - SP
Olivais - SR
Dia 7 - Sábado
Vilaça - SP
Isabel Folhas - SP
Cruz & Costa - SR
Dia 8 - Domingo
Silcar - SP
Barros - SP
Adriana - SR
Dia 9 - Segunda–feira
Luciano & Matos - SP
Machado - SP
M. Céu Albuquerque - SR

O Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA não se responsabiliza por eventuais alterações.

Contactos importantes

Associação Académica de Coimbra - 239 410 400/30
Bombeiros Sapadores de Coimbra - 239 792 800
Bombeiros Voluntários de Coimbra - 239 822 323
Gabinete de Apoio ao Estudante - 239 410 434
Governo Civil - 239 852 800
Guarda Nacional Republicana - 239 482 085
Hospital dos Covões - 239 800 100
Hospital Pediátrico de Coimbra - 239 480 300
Hospital Sobral Cid - 239 796 400
Hospitais da Universidade de Coimbra - 239 400 400
Polícia de Segurança Pública - 239 822 022
Polícia Judiciária - 239 828 134
Protecção Civil - 239 481 260
Rádio Universidade de Coimbra - 239 410 410
Região de Turismo do Centro - 239 855 930
SOS Número Nacional de Socorro - 112
SOS Estudante - 808 200 204
Teatro Académico de Gil Vicente - 239 855 630

Pub



*Pede o teu cartão de cliente e ganha uma máquina fotográfica ou uma revelação grátis

*Faz o teu book académico em estúdio e ganha um poster

Revelação em 30 minutos

Praça do Comércio – 8-1º telef: 239 822 105
Galerias Avenida, Piso O, Loja 2 3000 - 351 Coimbra telef: 239 821 915
Edifício da Associação Académica, 1º piso

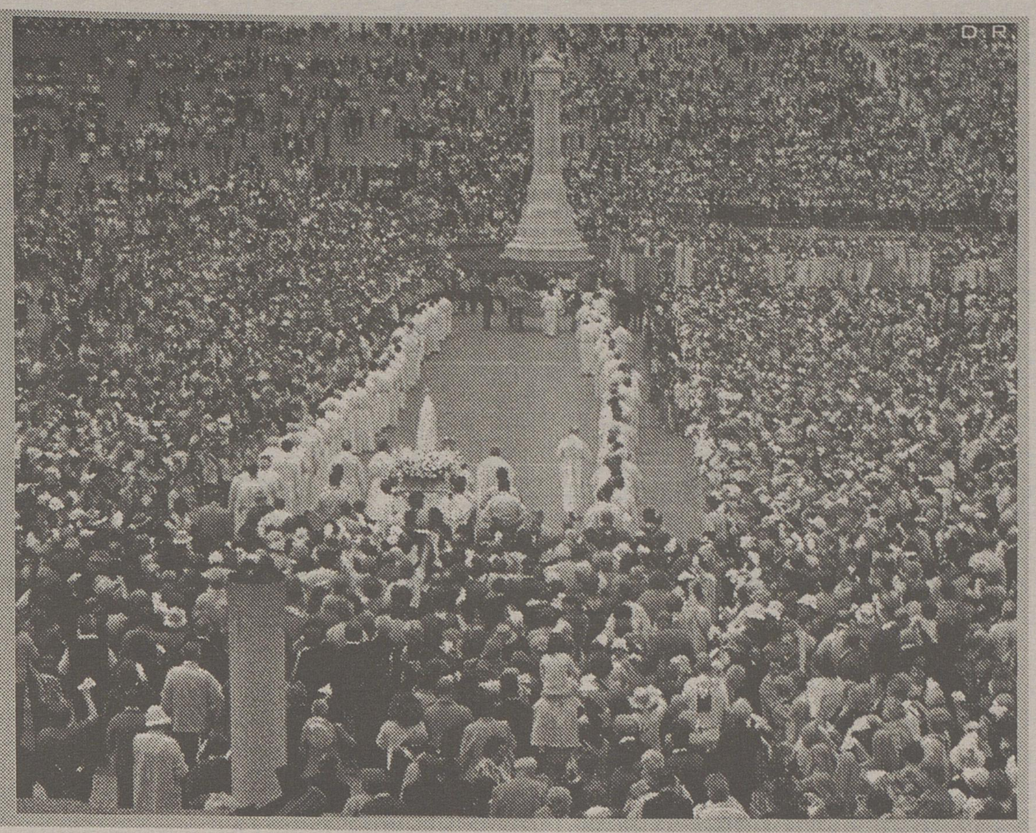
8 euros nas revelações de 24 fotografias + oferta de rolo e álbum

Fátima online

A página na internet do Santuário de Fátima está a ser renovada para permitir a transmissão em directo das celebrações religiosas e das grandes peregrinações. A apresentação da página deverá ocorrer nos próximos dias.

As transmissões serão possíveis através de câmaras estrategicamente colocadas no santuário com ligação directa ao site. Na página www.santuario–fatima.pt será possível encontrar também ligações a outras instituições religiosas, homilias e toda a informação relativa ao santuário.

A notícia foi avançada por Sérgio Carvalho, do Serviço de Imprensa do Santuário, que anunciou ainda a publicação de um livro com as homilias proferidas em 2002 e a edição de um boletim designado "Fátima, Luz e Paz", cujo objectivo é reforçar a ligação e o intercâmbio entre o santuário e as instituições relacionadas com as aparições.



Acidente de trabalho

A actriz Halle Berry partiu o braço direito durante as filmagens do seu próximo filme. "Gothika" está a ser rodado no Canadá e estreia em Outubro, encaixando–se no estilo de trhiller sobrenatural.

"O acidente ocorreu no momento em que se estava a filmar uma das cenas mais exigentes fisicamente", declarou Joe Everett, porta–voz da produtora Warner Bros. Everett afirmou ainda que a actriz recebeu tratamento hospitalar em Montreal. Halle Berry faz o papel de uma psicóloga que é acusada de assassinar o marido e acaba sendo paciente do sanatório onde trabalha.

No ano passado a actriz tinha sofrido um outro acidente de trabalho no papel de Bond girl. Foi em Espanha, quando se encontrava a gravar uma sequência de acção do filme "Die Another Day", que Halle Berry se magoou no olho.



Portugueses no topo do mundo

Festeja–se esta quinta–feira meio século da conquista da montanha mais alta do mundo. Desde 29 de Maio de 1953 mais de 10 mil alpinistas tentaram chegar ao cume do Evereste, mas apenas mil conseguiram alcançar essa proeza. Entre os cem alpinistas que o fizeram sem o auxílio de garrafas de oxigénio, conta–se um português, João Garcia.

Este alpinista chefiou, mais recentemente, a primeira expedição portuguesa aos Himalaias. Pumori 2003 foi a expedição que na passada semana chegou ao cume da montanha Pumori, a "filha solteira" do Evereste. A expedição começou com sete elementos, mas apenas quatro dos portugueses chegaram aos cerca de 7200 metros a que se situa o topo da montanha.

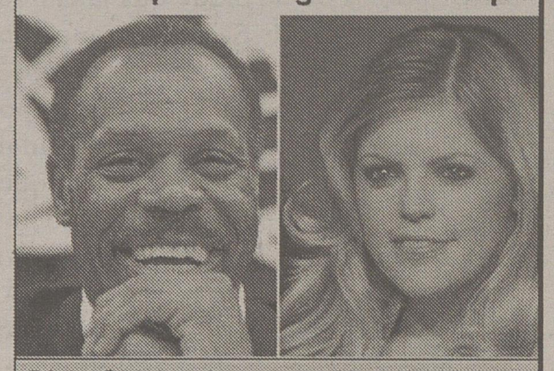


"Escalar alto, dormir baixo" – Os alpinistas acostumam-se ao ar rarefeito em saídas de reconhecimento, carregando o material para montar acampamento em níveis de altitude superior àquele a que voltam para dormir

Fontes: British Medical Association, Royal Geographical Society © GRAPHIC NEWS

Celebridades oprimidas

O actor D*anny Glover* *(esquerda)* é mais um dos famosos a sentir-se pressionado devido à expressão de determinados pontos de vista. Muitas celebridades se têm queixado de pressão depois de demonstrarem as suas opiniões acerca de Cuba e o seu descontentamento perante a guerra no Iraque



Dixie Chicks: A cantora ***Natalie Maines*** *(direita)* acerca da guerra no Iraque, em Londres: ***"Temos vergonha que o presidente seja do nosso estado, Texas."*** As rádios americanas boicotaram as suas músicas

Sean Penn: **Visitou Bagdad em 2002 para "obter um conhecimento mais aprofundado do conflito". Depois o realizador Steve Bing rejeitou-o para um papel principal**

Tim Robbins, Susan Sarandon: o Baseball Hall of Fame cancelou o visionamento de um filme cujos actores principais eram Tim e Susan, depois destes terem criticado a guerra no Iraque

Fotos: Associated Press © GRAPHIC NEWS

Os amigos da sesta

Na próxima segunda–feira vai nascer, no cartório de Ansião, a Associação Portuguesa dos Amigos da Sesta (APAS). Prates Miguel, um dos fundadores da associação, descreveu a APAS como uma organização "de carácter social, apolítica e sem fins lucrativos".

Numa nota dirigida à imprensa, Prates Miguel afirma que a finalidade estatutária da APAS é "a defesa, divulgação e promoção da prática da sesta enquanto pausa de repouso intercalar na actividade laboral, conducente à harmonia dos ritmos biológicos, alívio do stress e melhoria da qualidade de vida".

Os amigos da sesta apresentam três "Pilares da Iniciativa". O primeiro recai sobre uma citação de Stanlei Coren: "A sesta é uma necessidade biológica. Muitos dos desastres do século XX, muitos dos maiores erros políticos foram cometidos por pessoas em estado de grave privação do sono. Pior: somos governados por pessoas que dormem mal e se orgulham disso". A segunda base da associação é o livro "Elogio da Sesta", de Bruno Combi. No prefácio, ecrito por Jacques Chirac, pode ler–se que "o direito à sesta é tão fundamental como o direito ao ar puro ou o direito à liberdade de expressão. Esse direito elementar não é, todavia, sempre respeitado e não é muitas vezes reivindicado". Por fim, o último pilar justificativo da defesa da sesta assenta num estudo universitário francês que revela que "a sesta reduz consideravelmente o risco de acidentes laborais e aumenta o rendimento do trabalho".

A ESTRADA CURVA
JORGE VAZ NANDE

no Tropical

Aos Domingos, a porta de metal verde não se abre. Fica ali a descansar ou a fazer saudades a quem se acostumou a passar por ela de tal modo que já não sabe para onde mais ir. São quatro anos. Todos os dias, depois do almoço e depois de jantar, pelo menos um cappuccino por dia. Chegar lá, sentar–se, ouvir a ladainha do costume, cafés, cafés, quem quer cafés, era um cappuccino, sr. Madeira, Carlos, João, Ricardo, Filipe, Pedro, Ronald, era um cappuccino, se faz favor. Às vezes, nem é preciso dizer nada. Sento–me lá e deixo–me estar, as coisas não têm de ser automáticas, sentar, beber, ir embora, não, não tem de ser, peço depois. Sento–me lá e fico a olhar para tanta gente diferente, as mesas cheias, a rapariga de cabelo amadeixado de louro e argolas de aro que lhe enquadram a bochecha da cara, o actor de televisão e de teatro que toda a gente conhece mas que ali (cá entre nós?) é mais um, mesmo que alguém vá virando a cabeça de vez em quando para ver melhor e ter a certeza de que o homem também existe e é feito de carne e osso que morrem se uma bala os atravessar, os miúdos mais velhos do liceu lá ao lado, os músicos que dão concertos patrocinados pela RUC no TAGV e que depois vão para a esplanada beber cervejas de pé, o homem moreno e de casaco de couro, cara de quem já viu muito, sabe–se lá o quê, se calhar até pode não ter visto nada de nada, mas quem vê caras *não vê olhares e aquela é cara de quem já* viu muito, o que é que se há–de fazer?

Uma vez, uma amiga minha disse–me que não gostava do Tropical. Que demoravam muito a servir o café, que era demasiada gente, confusão a mais. Eu digo que há sítios feitos para matar necessidades e outros para que gostem deles. Como nunca compreendi as pessoas que correm demais de um lado para o outro, eu prefiro as coisas de que possa gostar. Não se passa pelo Tropical, está–se lá. Se o fizermos durante tempo suficiente, ele entra dentro de nós. A esplanada, que este ano ganhou um toldo; a parte de cima, que dantes era mais pequena e alargaram com uma plataforma há algum tempo; a de baixo, iluminada por aquelas enormes janelas que, de vez em quando, se se olhar da maneira certa, parecem um aquário do mundo, com as pessoas a nadar na luz do sol como peixes perdidos em caixas confusas.

No Tropical, conheci mulheres, beijei–as, esqueci–me delas; no Tropical, terminei livros em tardes de Sábado; no Tropical, uma amiga chorou no cortejo da Queima, porque se lembrou de que ia voltar para Esposende no fim deste ano e, de repente, a pergunta lhe caiu em cima: onde vou tomar café agora?

Tenho noção de que o Tropical é já bastante antigo (um professor meu de idade avançada e fama ainda maior confessou-me que no tempo em que era estudante ia para lá tertuliar contra o Regime), mas nunca soube exactamente a sua idade. Quando penso nisso, lembro–me dos Beatles - "there are places I'll remember all my life...". E sorrio, porque a idade do Tropical, seja ela qual for, será sempre a nossa. Estejamos nós onde estivermos.



VI Festival Lugar à Dança passa por Coimbra

Espaços de dança

Durante dez dias vão ter lugar em locais emblemáticos de Coimbra espectáculos de dança e outras artes, levados a cabo por 12 companhias nacionais e internacionais. Os responsáveis asseguram que irão "intervir no ritmo da cidade e no quotidiano das pessoas"

RITA DELILLE

No próximo dia 5 de Junho tem início em Coimbra a sexta edição do Festival Internacional de Dança em Paisagens Urbanas. Esta iniciativa a cargo da Associação Vo'Arte, numa co–produção com a Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 (CCNC), vai estender–se até dia 15 desse mês.

Com a particularidade de ser a única programação de dança inserida em espaços exteriores da CCNC, este é um encontro entre real e fantasia, onde as artes e a arquitectura se entrelaçam.

Ana Rita Barata, directora artística da Associação Vo'Arte, explica que o projecto "foi concebido para respirar determinados espaços emblemáticos da cidade". A directora salienta ainda que "a capital da cultura já tinha alguns locais pensados e depois tentou–se ir de encontro ao programa delineado".

De 13 a 15 de Junho irão desenhar–se percursos onde serão apresentados espectáculos de 12 companhias, oito internacionais, vindas de França, Holanda, Espanha, Cabo–Verde e Suécia.

A 5 de Junho, o festival abre com uma exposição de fotografia, no Foyer do Teatro Académico de Gil Vicente, intitulada Mu(Dança)Arquitectura, de A. Roque, e uma festa no Bar Quebra Costas. Para dia 6 está prevista uma conversa com a coreógrafa e artista plástica Angie Hies e com a encenadora e coreógrafa Elena Castelar, que irá ainda dirigir uma workshop de 29 de Maio a 15 de Junho. A outra workshop será lecionada por Juan António Saorin, nas Escadas Monumentais, de 30 de Maio a 15 de Junho.

Dia 13, o percurso começa no Largo da Portagem, seguindo para a fachada do Convento de São Francisco. Na tarde de 14 de Junho o festival parte da Rua da Sofia, passando pela Caixa Geral de Depósitos e pela Couraça dos Apóstolos até ao Museu Nacional Machado de Castro. À noite os espetáculos desenrolam–se a partir da Cantina A da Universidade de Coimbra até aos Claustros da faculdade de Psicologia, terminando no Pátio da Inquisição com uma mostra de vídeo, música e dança. Dia 15 o festival sai da Praça da República, passa pelas Escadas Monumentais e pelo Jardim Botânico e acaba no Museu Nacional Machado de Castro.

Camaleão estreia "Flatland"

O novo trabalho da Camaleão intitulado "Flatland (Terra Plana)" traz a geometria ao palco. A peça conta com três mundos que se entrecruzam com o triplo vertíce da programação da Coimbra 2003: Cultura, Cidadania e Ciência

JOSÉ MANUEL CAMACHO

Estreia na próxima sexta–feira, no Teatro do Inatel, uma adaptação do romance homónimo de Edwin A. Abott. A peça teatral "Flatland (Terra Plana)" contém três dimensões que a Camaleão quer transmitir ao público. Elas passam pelos domínios do pedagógico, do social e do artístico.

Na sua dimensão pedagógica, Flatland explora os conceitos da matemática, que é visivelmente incorpada pelos seus protagonistas. No que diz respeito ao segundo domínio, a peça faz a análise de uma sociedade com as suas diferentes organizações e que é abalada pelas considerações da personagem principal. O último objectivo é cumprido pela própria peça em si - um espectáculo artístico que segundo José Geraldo, encenador da Camaleão, " será vivo e manterá o interesse do público".

No palco, o principal protagonista, um Quadrado, vive num mundo de duas dimensões - o Mundo Plano - e é visitado por uma Esfera, habitante de um mundo tridimensional. Com ela, o Quadrado abandona a sociedade em que vive e viaja pelo Espaço. Começa a conhecer novos sítios como o Mundo da Linha, do Ponto e até o seu próprio mundo, mas já numa perspectiva tridimensional. Estas novas experiências não são bem aceites quando o Quadrado regressa à sua dimensão e as relata, pondo em perigo os alicerces da sua sociedade.

Os espectáculos realizam–se às quartas, sextas e sábados, até ao dia 14 de Junho.

"Nha Fala" vence Caminhos

A noite de domingo colocou um ponto final na décima edição dos "Caminhos do Cinema Português". A comédia musical "Nha Fala", do guineense Flora Gomes, e a produção do conimbricense António Ferreira, "Esquece Tudo o Que te Disse", foram os grandes vencedores do festival

DIANA RAMOS

O Teatro Académico de Gil Vicente foi palco, no passado dia 25, da sessão de encerramento da última edição do festival "Caminhos do Cinema Portugûes". O júri oficial, representado pela realizadora do documentário "Geração Feliz", Leonor Areal, elegeu na categoria de película o filme "Nha Fala", de Flora Gomes, como a melhor longa–metragem de ficção. A comédia, que foi a concurso no próprio dia da estreia nacional, acabou por arrecadar mais um prémio e reunir, na mesma categoria, as preferências do público.

Já a escolha do júri oficial para o prémio de melhor curta metragem de ficção recaiu sobre o filme "A Costureira Que Engoliu um Alfinete", uma produção de Rita Palma e que leva o espectador até um Portugal do período pré–revolucionário. Já a produção "Onde Jaz o teu Sorriso", de Pedro Costa, reuniu o concenso do júri oficial para o melhor documentário presente a concurso.

Outro dos vencedores da noite foi o filme "Esquece Tudo o Que te Disse", de António Ferreira. A produção acabou por receber o prémio revelação atribuído pelo júri oficial e foi considerada como a melhor longa metragem de ficção pelo júri de imprensa.

Numa noite em que o público foi escasso e a grande maioria dos galardoados esteve ausente, o ponto alto foi marcado pela atribuição do prémio Ardenter Imagine ao antigo director do Instituto do Cinema Audiovisual e Multimédia (ICAM), Pedro Behran da Costa.

O homenageado teceu um extenso conjunto de críticas ao ministro da Cultura, Pedro Roseta, classificando-o de acordo com a gíria cinematográfica como "um típico erro de casting". Chegou mesmo mais longe ao referir que "o Ministério da Cultura nunca esteve tão permeável a lobbies e tráfico de influências como agora" e considerou a atribuição do prémio como "um acto de coragem".

Para Vítor Ferreira, presidente do Centro de Estudos Cinematográficos, "a exibição correu dentro da normalidade", ainda que diferente da concepção inicial, "amputada à nascença por falta de apoios".